

EM BUSCA DA IGUALDADE
Um Estudo de Casais de Camadas
Médias Urbanas no Recife

MARIA DA CONCEIÇÃO LAFAYETTE DE ALMEIDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Mestrado em Antropologia

EM BUSCA DA IGUALDADE

UM ESTUDO DE CASAIS DE CAMADAS
MÉDIAS URBANAS NO RECIFE

MARIA DA CONCEIÇÃO LAFAYETTE DE ALMEIDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

EM BUSCA DA IGUALDADE

UM ESTUDO DE CASAS DE CAMADAS MÉDIAS
URBANAS NO RECIFE

MARIA DA CONCEIÇÃO LAFAYETTE DE ALMEIDA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ORIENTADORES: DR.^a JUDITH HOFFNAGEL E
PROF.^o HERALDO PESSOA SOUTO MAIOR

APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ANTROPOLOGIA

RECIFE, FEVEREIRO DE 1988

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA ESPECIAL
CIDADE LIVRE CIADIA
50000 - Recife - Pernambuco - Brazil

314- 29- 03- 88

A

2/88

I/89

PE-00028549-3

ACervo: 171658

IV.06

"Eu acho que o casal ideal é o casal "andr^ogino", esse andr^ogino aspeado: é aquele pai e aquela mãe que tanto assume a figura de autoridade como assume a figura de carinho".

(Fernando - informante)

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, **Cecília** e **Dudu**, pela resignação com que muitas vezes adiaram seus projetos. Não foram poucos os momentos que entre protestos e lágrimas confessaram o desejo de terem uma mãe que não fizesse tese. A eles dedico este trabalho, que é também fruto do nosso existir cotidiano.

Aos meus pais, que ao longo da vida estimularam minha formação intelectual e especialmente à minha mãe, que com a sua sabedoria ensinou-me a arte do sensível.

A **Edu**, companheiro de todos os momentos, pela paciência com que viveu e participou das ansiedades e reclamações surgidas durante todo este trabalho.

Aos meus amigos **Fernando** e **Carol Dubeux** pelo estímulo que me deram para concluir uma tarefa que, não raras vezes, me pareceu interminável.

A **Cecília Mariz**, minha amiga e colega do Departamento de Ciências Sociais, pelas discussões, sugestões

e pela imensa solidariedade prestada nos momentos de cri
se.

Parry Scott e Judith Hoffnagel, assumiram, em difi
ferentes momentos, o árduo ofício de serem meus orientado
res. A eles agradeço, sobretudo, a perseverança com que
acreditaram em mim.

Heraldo Pessoa Souto Maior, mestre e amigo, a
quem devo muito da minha formação intelectual, um agrade
cimento especial pela disponibilidade e pelo interesse
com que discutiu e sugeriu muitas das idéias aqui conti
das.

Este trabalho não teria sido possível se os ca
sais aqui estudados, não tivessem me recebido em suas ca
sas. A eles agradeço a confiança que me depositaram ao
permitirem que entrasse em sua intimidade.

Outras pessoas de diferentes formas, ajudaram
na realização deste trabalho: **Vera Lúcia Cintra** transcreve
veu pacientemente boa parte das fitas; **Ricardo Santiago**
ajudou com resumo e esquemas. A eles o meu reconhecimen
to; **Maria José Bezerra** ocupou-se da datilografia ordenan
do pacientemente manuscritos, por vezes, incompreensíveis.
Finalmente agradeço à **Maria** e a **Elza** que substituíram-
me em muitos momentos nos cuidados com as crianças e com
a casa.

SUMÁRIO

RESUMO

| | |
|--|----|
| I - O PROBLEMA DA PESQUISA..... | 1 |
| II - METODOLOGIA..... | 17 |
| . A Escolha do Método..... | 19 |
| . Os Informantes: Os Critérios e o Processo de Escolha..... | 21 |
| . Os Instrumentos e a Coleta de Dados..... | 26 |
| III - OS SUJEITOS E SUA BIOGRAFIA..... | 39 |
| . Os Casais..... | 41 |
| . A Socialização..... | 55 |

| | |
|--|-----|
| IV - A PROFISSÃO E O TRABALHO..... | 75 |
| . Os Homens e o Trabalho..... | 77 |
| . As Mulheres e o Trabalho..... | 95 |
| . Homens e Mulheres..... | 133 |
| V - O CASAMENTO..... | 138 |
| . A Idéia de Casamento..... | 143 |
| . A Escolha do Par..... | 147 |
| . Os Conflitos..... | 152 |
| VI - OS FILHOS..... | 170 |
| . Diferenças entre a Educação Recebida e a Edu <u>ca</u> cação Transmitida..... | 172 |
| . As Mães e a Decisão de Ter Filhos..... | 180 |
| . Os Pais e o Exercício da Paternidade..... | 189 |
| CONCLUSÕES..... | 199 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 205 |

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar como casais de camadas médias urbanas pensam e vivem os papéis sexuais no casamento. Para tal foram estudados casais onde tanto o homem como a mulher são de nível de instrução superior, trabalham como profissionais condizentes com seu nível de instrução e têm pelo menos um filho com até cinco anos.

O método empregado foi o da pesquisa qualitativa. Neste sentido utilizou-se a entrevista semi-estruturada e em seguida procedeu-se a análise do discurso.

Os relatos obtidos versaram sobre a socialização

recebida na família de origem, a relação dos sujeitos com a profissão e o trabalho e, finalmente, a atuação e a visão que têm do casamento e dos filhos, buscando sempre apreender em qual medida os valores modernos condicionam sua visão de mundo. Por valores modernos, entende-se aqui os valores de igualdade e liberdade, definidos como compo_nentes básicos do individualismo.

As transformações ocorridas foram percebidas não só entre as mulheres, já que estas têm que conjugar suas funções de mãe, esposa e profissional como também entre os homens. De fato, o discurso masculino começa a mostrar uma preocupação por parte deste grupo em ocupar mais efetivamente o mundo da casa, podendo-se afirmar que não só as mulheres, mas também os homens, preocupam-se com a igualdade entre os sexos.

CAP. I:

O PROBLEMA DA PESQUISA

Este trabalho tem por objetivo investigar como casais de camadas médias urbanas pensam e vivem os papéis sexuais no casamento. Para tal, foram estudados casais, onde tanto o homem como a mulher são de nível de instrução superior, trabalham como profissionais condizentes com o seu nível de instrução e têm pelo menos um filho com menos de cinco anos.

Inserido na preocupação com as modificações ocorridas na estrutura familiar, face à participação da mulher no mercado de trabalho, este estudo surgiu a partir da observação de casais amigos, ou amigos de amigos, onde o discurso feminino, via de regra, enfatiza o peso dos encargos domésticos assumido pelas mulheres, apesar de desempenharem uma atividade profissional e, de contribuir para o orçamento doméstico. Se, de um lado, isso sugere que, a redefinição do papel feminino não correspondeu uma mudança equivalente no papel masculino; por

tro, a leitura de estudos sobre a teoria do papel, mostrando que "os papéis são definidos e redefinidos no fluxo da interação social onde os atores elaboram e reelaboram os padrões de comportamento criando-os, confirmando-os e/ou desprezando-os" (SALEM, 1980:28) sugerem que os homens também vivenciam de alguma forma, as ambigüidades e os conflitos decorrentes do "novo" papel assumido pela mulher.

Para autores como DURHAN e MEDINA (1982), as transformações que têm se operado na família dizem respeito, fundamentalmente, às alterações ocorridas na divisão sexual do trabalho, gerando novas formas de relações sociais no seu interior. Com efeito, na nossa sociedade, "ao mesmo tempo que permanece a conotação feminina do espaço doméstico, a tendência à eliminação da divisão sexual do trabalho na esfera produtora dominada pelo capital, remodela toda a vida pública, na qual de modo cada vez mais nítido, homens e mulheres se enfrentam como indivíduos aparentemente livres e iguais" (DURHAN, 1982:22). A dissociação entre o público e o privado tem gerado, portanto, tensões no interior da família, sobretudo porque, não existindo ainda "novos modelos de padrões da divisão sexual do trabalho na família, a solução dessa problemática fica na dependência do confronto inter-pessoal entre os cônjugues" (DURHAN, 1982:22). Neste sentido, caberia explorar como os casais têm vivenciado o conflito entre o público e o privado; como homens e mulheres estão redefi

nindo seus papéis na família e no trabalho; que arranjos têm sido feitos pelas mulheres para conciliar trabalho profissional, casa, filhos e suas aspirações individuais e, por outro lado, como os homens têm respondido a esta nova situação enfrentada pelas mulheres. Se é verdade, como disse DURHAN (1982:22), que, na esfera pública, "*homens e mulheres se enfrentam como indivíduos aparentemente livres e iguais*", como é que têm se enfrentado na esfera privada?

Os trabalhos sobre família têm, tradicionalmente, privilegiado ora a família patriarcal do passado (GILBERTO FREYRE, 1933) ora a família das populações de baixa renda rural e urbana (DURHAN, 1973; HEREDIA, 1979; ALVIM 1979; MACHADO DA SILVA, 1979; FAUSTO NETO, 1982), apenas para citar alguns dentro da vasta literatura existente. Já a família de camadas médias urbanas são recentemente é que tem ocupado e despertado o interesse de pesquisadores para as transformações que vêm se processando no seu interior (SALEM, 1980; VELHO, 1983; OLIVEIRA E SILVA, 1983), entre outros.

Também nos estudos sobre a mulher percebe-se que são as das camadas de baixa renda rural e urbana que têm merecido maiores preocupações. Dentre os trabalhos voltados para a mulher de camada média, destaca-se o trabalho de MIRIAM LINS DE BARROS sobre mulheres na velhice.

No Nordeste, os temas família e mulher enfocando as camadas médias, datam, principalmente, dos últimos

cinco anos, indicando um interesse crescente sobre o assunto como bem mostram os trabalhos de MENEZES (1980), CALÁBRIA (1981), VASCONCELOS (1982) e COSTA (1983)¹. Todos foram apresentados como dissertação de mestrado, uns em Sociologia outros em Antropologia, e se preocupam basicamente (excluindo o de COSTA), com o nível de satisfação no casamento.

O trabalho de MENEZES versa sobre a satisfação no casamento da classe média cearense. Entrevistando tanto o marido como a esposa, a autora procura captar a representação do casal sobre o trabalho profissional, a divisão de tarefas domésticas, bem como as expectativas recíprocas existentes entre um e outro. Analisa ainda a concepção dos casais sobre o futuro da família, permitindo a elucidação da concepção ideológica dessa camada social sobre o tema. O universo estudado pela autora inclui tanto mulheres que trabalham, como mulheres que não trabalham.

O estudo de CALÁBRIA analisa a relação entre "profissão e vida conjugal da mulher", procurando detectar a interferência da vida profissional no nível de satisfação no casamento. A autora se preocupa também em analisar a relação trabalho/casamento por nível sócio-econômico. Para tal, trabalha com mulheres de camada de baixa renda e de camadas médias, residentes em bairro da cidade do Recife. Através de questionários aplicados ape

nas ãs mulheres, procura captar informações sobre a divisão do poder e das tarefas domêsticas, bem como sobre as concepções normativas da mulher sobre o "madonismo" e o "machismo", conceitos estes, que servem de orientação teórica para o trabalho.

O trabalho de VASCONCELOS analisa a interação homem/mulher no processo de casamento, partindo do princípio de que é o modelo sôcio-cultural, no caso o "machismo", que impede e dificulta o bom relacionamento entre o casal. Embora a autora parta de considerações histórico-sociais para explicar a "submissão feminina" e o "baixo nível de diãlogo" entre os casais, propõe como resolução para a crise conjugal, soluções meramente indiviiduais. Dessa forma, se o casal conseguir romper o modelo sôcio-cultural, poderã ter um "relacionamento perfeito" que, do ponto de vista da autora, implica no diãlogo franco e aberto, onde homem e mulher respeitam suas indiviidualidades. Em nenhum momento é questionado a relação do casamento como uma relação que, por si mesmo, impediria a mãxima realização dos indiviiduos que formam o par. Se considerãrmos a "submissão feminina" bem como o seu oposto, o "autoritarismo masculino", como conseqüência de um dado sistema sôcio-cultural, caberia perguntar como mudar um padrão de comportamento, se não se mudou ainda, substancialmente, as condições sociais que o geraram.

Sintetizando, poderia dizer que, de uma maneira geral, estes trabalhos trazem em seu bojo a preocupação

em estabelecer uma relação entre trabalho feminino e maior ou menor satisfação no casamento, onde a mulher ocupa o foco principal do questionamento. O trabalho é pois o elemento inovador que vai desencadear ou não mudanças nas relações conjugais.

Tanto o trabalho de CALÁBRIA como o de MENEZES, estabelecem uma comparação, entre mulheres que trabalham e mulheres que não trabalham, na busca de encontrar entre as primeiras, diferenças significativas com relação ao nível de satisfação no casamento, como também valores e concepções mais modernas de casamento e família.

Este estudo, embora esteja voltado para as relações familiares e tenha o trabalho feminino como ponto de partida para as possíveis mudanças ocorridas na estrutura familiar, preocupa-se basicamente com a visão de mundo dos atores. Aqui, a inserção da mulher no mercado de trabalho é vista no contexto mais amplo do processo de modernização que atingiu a sociedade brasileira, sobretudo a partir dos anos 50 com o boom desenvolvimentista, provocando mudanças em todos os níveis, desde a indústria até *"a família e a formação da subjetividade"* (FIGUEIRA, 1987). Assim, importa captar, através da trajetória do ator, em que nível esse processo mais amplo de modernização marca sua subjetividade e condiciona o comportamento e o estilo de vida do sujeito.

Portanto, considera-se não só o momento da pro

fissionalização feminina, mas também, todo o contexto social que possibilitou esta ocorrência, lembrando que a ele, também estiveram expostos os sujeitos masculinos, tornando-se fundamental a apreensão da lógica do seu discurso.

Do ponto de vista das abordagens teóricas adotadas freqüentemente nos estudos sobre família, a conotação do público e do privado tem sido utilizada para caracterizar o espaço onde o masculino e o feminino se realizam. Ao público identificam-se o trabalho, a política, a rua, o *locus* masculino por excelência. "Ao privado, a casa, o doméstico, a família" e, portanto, o feminino (FRANCHETO e HEILBORN, 1981:8). Para ROSALDO (1980:34), a oposição entre as esferas pública e privada pode constituir a base para explicação dos papéis masculinos e femininos bem como da posição secundária da mulher. Entretanto, dada a crescente participação da mulher na esfera pública, a igualdade neste setor cria "o fenômeno da dupla jornada e gera, portanto, uma nova desigualdade (ou aumenta a desigualdade anterior), promovendo a contestação da divisão sexual do trabalho que se mantém na esfera doméstica" (DURHAN 1980:23). A análise dos papéis desempenhados no casamento (pai, marido, profissional; mãe, esposa, profissional) implica, portanto, em considerar as ambivalências e contradições surgidas a partir da situação feminina de igualdade, enquanto indivíduo na esfera pública, e de desigualdade, enquanto mulher, na esfera doméstica (DURHAN, 1982:21).

Se, para o homem, o papel de pai e marido acha-se intimamente associado ao papel de profissional (provedor), para a mulher, o desempenho de uma atividade profissional vai gerar mais uma fonte de conflito. Na verdade, trabalhar não significa, apenas, algumas horas passadas longe do lar e dos filhos, mas também o contato com novas formas de ser, bem como na aquisição de **status** enquanto indivíduo (LINS DE BARROS, 1981:62) que pode definir para si um projeto de vida. Neste sentido, a noção de projeto, desenvolvida por SCHUTZ e retomada por GILBERTO VELHO, pode vir a ser o conceito que possibilitará o entendimento do conflito vivenciado pelos sujeitos no desempenho de seus papéis.

Para SCHUTZ (1977:38):

"Todo projetar consiste numa antecipação da conduta futura por meio da fantasia... Porém, projetar é mais do que apenas fantasiar. O projeto é a fantasia motivada pela intenção posterior, antecipada, de desenvolver o projeto. A possibilidade prática de desenvolver a ação projetada dentro do quadro do Lebenswelt é uma característica essencial do projeto. No entanto, ele depende do nosso estoque de conhecimento à mão na ocasião do projeto. A possibilidade de praticar a ação projetada significa que, de acordo com o meu conhecimento atual, a ação projetada, pelo menos com relação ao seu tipo, teria sido viável se tivesse ocorrido no passado".

LINS DE BARROS (1981:55), analisando a noção de projeto em SCHUTZ e em VELHO (1981:28), diz que ao caráter social do projeto, desenvolvido por SCHUTZ, VELHO junta a dimensão individual, que se refere à biografia pessoal como possibilidade para sua elaboração. *"O lado individual é o lado das emoções. As minhas emoções estão ligadas, são matéria-prima e, de certa forma, constituem o projeto. Há sentimentos e emoções valorizadas toleradas ou condenadas dentro de um grupo, de uma sociedade. Há, por tanto, maiores ou menores possibilidades de viabilizã-los, efetivã-los"*.

Sintetizando, a noção de projeto implica, de um lado numa dimensão social (estoque de conhecimento) que permitirá seu entendimento, sua comunicação (já que é potencialmente público) e *"têm que fazer sentido"*; por outro lado, para ser elaborado depende da biografia individual do sujeito, bem como da valorização da noção de indivíduo existente na sociedade (LINS DE BARROS 1982:56).

A exemplo dos estudos mais recentes sobre relações familiares nas camadas médias urbanas, os quais têm adotado o marco teórico do individualismo/hierarquia (VELHO, 1981, 1983, 1985; ABREU FILHO, 1980, 1981, 1982; LINS DE BARROS 1980, 1981; SALEM 1983, 1985; FIGUEIRA, 1981, 1985), aqui também, a noção de indivíduos terá como referência os trabalhos de DUMONT (1970) e SIMMEL (1971)².

No que pese guardarem diferenças quanto à noção

de indivíduo, é possível, como afirma SALEM (1986:28), conceituá-los. Assim, para DUMONT, o indivíduo enquanto valor, constitui uma representação básica da sociedade ocidental moderna, o qual foi historicamente construído. Para ele, a diferença entre a sociedade moderna e as sociedades tradicionais reside exatamente na concepção do indivíduo como valor. Tal fato, por sua vez, implica na transferência do valor da totalidade para o indivíduo. Ou seja, nas sociedades tradicionais, a totalidade tem predominância sobre o indivíduo e os valores mais importantes repousam na ordem, na hierarquia e na tradição, bem como *"na orientação de cada ser humano particular para os fins prescritos pela sociedade"* (FIGUEIRA, 1981:60). Aqui, o ideal é a organização da sociedade como todo e não a felicidade individual. Já na sociedade ocidental moderna, a ênfase recai na felicidade de cada ser humano individual, pouco importando sua posição na sociedade. O ser humano é tido como elementar, indivisível, ao mesmo tempo sujeito biológico e pensante. Cada homem particular, de certo modo, encara o todo da humanidade e esta é decomponível em indivíduos (FIGUEIRA, 1981:60). O individualismo, enquanto categoria teórica refere-se "não apenas" ao indivíduo, sujeito moral", mas, também, ao indivíduo coletivo, ou seja, *"ao grupo que se destaca (ou visa se destacar) de instâncias mais encompassadoras"* (SALEM, 1986:28). Portanto, o fenômeno do individualismo refere-se a dois planos não necessariamente excludentes entre si e que são,

de um lado, o indivíduo, sujeito empírico elevado à categoria de sujeito moral e psicológico, isto é, ele passa a ser pensado e a se pensar como um ser liberto de redes sociais mais encompassadoras e também e se auto-representar como um ente singular, único e dotado de **inner-self**. Do outro, o fenômeno do individualismo diz respeito à individualização de grupos que se destacam de instâncias sociais mais abarcantes: neste sentido, a família nuclear (ou o valor a ela imputado) - enquanto um conceito que denota uma unidade desprendida de redes de parentescos mais extenso - constituiria também uma manifestação do individualismo (SALEM, 1980: 28 e 29).

Vale ressaltar, ainda, que, além da ideia de indivíduo quer seja singular ou coletivo, o individualismo está intimamente ligado aos valores de igualdade e liberdade.

Para SIMMEL (1971), o indivíduo, além de sujeito moral, é também um ser psicológico e, neste sentido, *"individualizar-se significa cultivar a diferença e a singularidade"*. SIMMEL estabelece uma diferença entre o que ele chamou de *"individualismo quantitativo"* e *"individualismo qualitativo"*: o individualismo quantitativo centra-se em torno da liberdade e da igualdade, gerando um individualismo de **"singleness"**, enquanto o individualismo qualitativo organiza-se em torno da liberdade e da desigualdade, gerando o que ele chamou de individualismo de

"uniqueness". Aqui a diferenciação é ressaltada e a ela se associam valores baseados "na consciência do self", na "autenticidade, "na coerência", nas escolhas pessoais, na noção de projeto (SALEM, 1986:29).

Mas, como foi dito anteriormente, se ao público está ligado a noção de indivíduo, ao privado está ligada a noção de "pessoa" que, para DA MATTA, se opõe à noção anterior e envolve a noção de complementaridade e hierarquia. Para ele, o domínio da casa e da família é o "domínio da pessoa". Aí, na família, só se tem papéis complementares, portanto só se tem "pessoas" e "qualquer comportamento individualisante é vivido como uma ameaça à vida do grupo" (DA MATTA, 1981:186)³. Neste caso, como é que será vivenciado a dicotomia indivíduo/pessoa pelos sujeitos, num momento em que a mulher adquire através do trabalho um "status" como "indivíduo"? Ser indivíduo ou ser pessoa implica numa forma concreta de comportamento. Neste sentido, captar as "zonas de conflito" e as "zonas de passagem", como diz DA MATTA, é de grande importância para o entendimento mais abrangente do sistema social, já que as noções de indivíduo e pessoa são fundamentais na análise sociológica (DA MATTA, 1980:170).

Portanto, considerando os objetivos anteriormente mencionados, assumo que a adoção do individualismo como perspectiva teórica, poderá ser de grande utilidade na elucidação das ambigüidades e contradições vivenciadas pelos sujeitos no desempenho dos seus papéis, já que estes

vêm sofrendo influências da ampliação dos valores da ideo
logia individualista, esta, por sua vez, fruto da moderni
zação da sociedade como todo.

NOTAS

- ¹ COSTA trata, em seu trabalho, das relações de amizade e parentesco entre famílias. A autora faz um estudo comparativo entre família de jovem e família de velho, família de rico e família de pobre.
- ² De acordo com SALEM (1986:35), "existem algumas diferenças significativas entre SIMMEL e DUMONT no que tange à noção de indivíduo. A concepção de individualismo em DUMONT, estando presa ao espaço econômico, político e filosófico, está também vinculada a uma visão formalística e jurídicista do indivíduo. SIMMEL, por sua vez, encontra-se muito mais comprometido com uma sociologia das experiências pessoais ou com o contorno particular assumido pela vida psicológica individual no espaço da metrópole, de tal modo que, para ele, o indivíduo moderno, além de ser um ente moral, é também concebido como um ser psicológico. Esta dimensão - desprezada nos trabalhos de DUMONT - já fora examinado no clássico artigo de MAUSS (1971) sobre a noção de pessoa".
- ³ Para DA MATTA (1981:175), as noções de indivíduo e pessoa envolvem as seguintes características:

INDIVÍDUO

1. Livre, tem direito a um espaço próprio.
2. Igual a todos os outros

PESSOA

1. Presa a totalidade a qual se vincula de modo necessário.
2. Complementar aos outros

- | | |
|--|---|
| 3. Tem escolhas que são <u>vis</u> tas como seus <u>direitos</u> fundamentais. | 3. Não tem escolhas |
| 4. Tem emoções particulares | 4. - |
| 5. A consciência é <u>indivi</u> dual. | 5. A consciência é <u>so</u> cial (isto é, a <u>tota</u> lidade tem <u>precedên</u> cia). |
| 6. A amizade é básica no <u>re</u> lacionamento = escolhas. | 6. A amizade é residual e juridicamente <u>defi</u> nida. |
| 7. O romance e a novela <u>in</u> tima individualista (obra do autor) são essenciais | 7. A mitologia, as <u>for</u> mulações <u>paradigmãti</u> cas do mundo são <u>bã</u> sicas como forma de expressão. |
| 8. Faz as regras do mundo que vive. | 8. Recebe as regras do mundo onde vive. |
| 9. Não há mediação entre ele e o todo. | 9. A segmentação é a norma. |

CAP. II:
METODOLOGIA

Antes de expor a metodologia propriamente dita, julgo pertinente falar sobre a minha relação com o trabalho, enquanto pesquisadora.

Tal conduta justifica-se na medida em que acredito ser absolutamente necessária a incorporação da minha subjetividade, para que os resultados aqui obtidos sejam relativizados. Com efeito, devo dizer que me percebo como parte do universo investigado, uma vez que, também eu, identifico-me como pertencente às camadas médias, possuo nível de instrução superior, exerço uma profissão e tenho filhos, sendo um menor de cinco anos. Parafraseando BELLAH (1985) no seu *Habits of the Heart*, diria que "a estória que eu conto aqui, não é apenas a estória daqueles que foram entrevistados, mas também a minha própria". Portanto, o que foi ouvido nas entrevistas, foi checado com o que tenho experimentado como membro de um determinado segmento social e de uma determinada sociedade. Também GILBERTO VELHO reitera este pensamento. Referindo-

se ao conteúdo do seu livro **Subjetividade e Sociedade**, o autor admite que *"todo trabalho tem uma forte dimensão autobiográfica"*. Percebendo-se, também, como parte do universo objeto das reflexões ali contidas, VELHO (1986: 38) diz, que os problemas e questões expostas no livro são fruto da sua vivência pessoal. Assim, como ele, advirto também que *"qualquer semelhança com amigos e conhecidos não é mera coincidência"* (VELHO, 1986:38).

- A ESCOLHA METODOLÓGICA

Para alcançar os objetivos propostos no capítulo anterior, optei por um estudo de natureza qualitativa. Esta abordagem pareceu-me mais adequada, na medida em que minhas preocupações estavam, basicamente, voltadas para o sentido atribuído pelos sujeitos aos diferentes aspectos relativos a suas vidas, tais como, trabalho, casamento e filhos. Tratava-se, portanto, de captar o significado do discurso, a subjetividade e a visão de mundo, bem como, as contradições, ambigüidades e conflitos entre valores relativos ao modelo ideal e a prática relativa ao modelo vivenciado.

Mas, ao lado do problema da pesquisa propriamente dita, existia também a crença de que a opção pelo qua

litativo é antes de tudo uma postura teórico-filosófica. Ou seja, não se trata apenas da melhor ou pior adequação de um método para a solução de um problema específico mas sim de uma decisão, que implica em optar por uma perspectiva teórica que pode ser definida mais como fenomenológica do que realista, mais relativista do que absoluta e onde a interpretação e a compreensão substituem a explicação causal.

Assim, diria que, antes mesmo da colocação do problema para a pesquisa, já havia feito a escolha pelo método. Por outro lado, a opção por um estudo exploratório deveu-se ao fato de que, embora eu percebesse que havia ocorrido alguma mudança nas relações entre os casais, não havia familiaridade suficiente com este fenômeno que me permitisse estabelecer algumas correlações. Portanto, achei necessário conhecer melhor um grupo, onde eu percebia a ocorrência de um determinado fenômeno para, a partir de então, proceder ao estudo de temas de forma mais específica e aprofundada.

Devo dizer, ainda, que em se tratando de um estudo exploratório, de uma realidade pouco conhecida, parti para o campo sem nenhuma hipótese formalmente estruturada. Pelas mesmas razões que optei por um estudo exploratório, também pareceu-me mais adequado realizar o estudo de apenas alguns casais, onde fosse possível, dentro das limitações existentes, aprofundar as questões investigadas.

- Os INFORMANTES: Os CRITÉRIOS E O PROCESSO DE ESCOLHA

Os sujeitos que se tornaram meus informantes foram escolhidos dentro dos seguintes critérios: casais (legalmente casados ou não) que possuissem nível de instrução superior, trabalhassem em atividades condizentes com esta formação e tivessem pelo menos um filho de cinco anos.

A escolha desses critérios se deu na medida em que:

- a) Apontavam para o universo onde percebi situações conflituosas na vida das mulheres envolvendo seu desempenho de mãe e profissional, exigindo uma redefinição do papel masculino e do feminino;
- b) Caracterizavam, de um lado, uma situação de igualdade entre cônjugues, já que cada um teve uma instrução e uma profissionalização idêntica e, por outro, poderia favorecer uma situação de desigualdade, já que a existência de filhos menores de cinco anos exige que se dispense um quantum maior de trabalho em relação a eles e à casa.

Não houve exigência quanto ao tempo de trabalho nem limite para número de anos de casados.

Embora o interesse da pesquisa se centrasse nas representações simbólicas dos sujeitos, dado os requisitos acima enunciados, estes terminaram por situá-los dentro de uma rede de uma camada social e de uma rede de relações tendo por base um nível de renda bastante homogêneo. Os casais entrevistados foram em número de oito, e a definição deste número não obedeceu nenhum critério pré estabelecido. Apenas, a partir de um determinado momento, julguei que o material obtido já começava a se repetir sendo, portanto, suficiente. Ademais, se tratava de um estudo de caso e de uma abordagem qualitativa, onde a quantificação tem pouca relevância.

A abordagem aos sujeitos foi inicialmente indireta. Entrei em contato com pessoas amigas e conhecidas e expliquei o estudo que pretendia fazer, a necessidade de encontrar casais com as características já mencionadas e que ambos se dispusessem a responder a entrevista gravada.

Foram essas pessoas que fizeram o primeiro contato com os meus informantes. A seguir, ligavam para mim dando o número do telefone das pessoas interessadas para eu mesma estabelecer o contato e marcar as entrevistas.

Uma pessoa amiga contactou cinco casais. Deses cinco, o primeiro com quem falei declinou do convite quando liguei a segunda vez para me certificar da resolução deles em responder a entrevista. Dos quatro restan

tes, um foi por mim rejeitado pelo fato de eu conhecer o marido desde a minha infância, bem como seu contexto de família e, sobretudo, por eu ter uma atitude já formada em relação a ele. Dos outros três, escolhi dois ao acaso, e desisti do terceiro, para não ter uma amostra pessoalmente tendenciosa, já que todos eles freqüentavam a casa dos meus amigos. O contato com esses dois casais, B e C, foi feito inicialmente por telefone; foi marcado um encontro para explicar como seria a entrevista e, depois, voltei a telefonar para me certificar se realmente queriam, ou não, ser entrevistados, e marcar o primeiro encontro. De toda forma, posso dizer que esses casais formavam uma rede de relações na medida em que direta ou indiretamente se conheciam entre si.

O casal A foi contactado de forma diferente: Tem os filhos estudando na mesma Escola onde estudam os meus. São bastante participantes nas reuniões semestrais de Pais e Mestres. Dessa forma, já nos conhecíamos das reuniões e, como participávamos muito dos debates, havia a tendência a prolongarmos nossas discussões após o término da reunião. Foi numa dessas conversas que expliquei que estava precisando de casais para entrevistar e eles se ofereceram.

Os casais E e F, foram indicados pelo casal que rejeitei. É interessante observar que as pessoas ficavam muito empenhadas em me ajudar a encontrar informan

tes. De fato, a esposa do casal que eu rejeitei por co
nhecer o marido, interessou-se muito pelo tema e não se
ria demais supor que lamentou não entrar na amostra.

O casal E, foi o único caso em que não foi feito
o contato intermediário entre o primeiro telefonema e
a primeira entrevista, por que consideraram isso absolutame
mente desnecessário, já que estavam dispostos a responder
"a tudo que eu quisesse". De fato, este casal foi o mais
disponível entre todos, pois, ao perguntar sobre o dia da
semana preferido para a entrevista, disseram que podia
ser *"qualquer um"*, inclusive no fim de semana, coisa que
não aconteceu com os demais casais. Além do mais, as entre
vistas deste casal, tanto a dele como a dela, demandara
ram muita pouca interferência da minha parte já que eles
se antecipavam em falar sobre as coisas que eu teria para
perguntar. Ou seja, suas entrevistas fluíram livremente.

O casal F, foi entre todos, o único que não
era legalmente casado, o que me foi colocado no momento
do primeiro contato. Ele já havia sido casado anteriorme
mente, mas, como preenchiam todos os outros requisitos, e
estavam juntos há mais de cinco anos, não vi porque não
aceitá-los.

Finalmente os casais G e H foram indicados por
um casal com quem eu tinha um contato que pode ser caracter
izado muito mais como profissional do que mesmo de amini

zade, já que durante um certo tempo, ela, sendo arquite
ta, me prestou alguns serviços. O casal G era amizade
dela, e o casal H, era amizade dele.

O contato com o casal G também foi semelhante
aos outros, observando-se todos os passos prē-estabeleci
dos.

Já o casal H inicialmente aceitou participar da
entrevista. Marcado o primeiro contato compareci munida
de todas as minhas informações. Foi, então, que ele ma
nifestou não querer participar, por achar que não tinha
nada para dizer, pois sua vida era muito "comum". Resol
vi insistir, argumentando que eu estava mesmo interessada
em pessoas comuns, pois o inédito, o diferente, certamen
te estava fora dos meus requisitos. Finalmente ele acce
deu e sua entrevista foi bastante interessante.

Para evitar a identificação dos sujeitos, atri
bui a cada sujeito um nome fictício para o homem e para a
mulher, começando por uma letra do alfabeto que indica a
ordem de entrevistas efetuadas. O primeiro casal a ser
entrevistado foi codificado pela letra A e, quando me re
firo a eles no trabalho, chameios de André e Andréa, res
pectivamente. Essa nomenclatura foi adotada por SALEM
(1981) e confere aos sujeitos com quem trabalhei, uma di
mensão existencial mais concreta. Os depoimentos passam
a ser atribuídos a alguém que tem um nome, e que tem espe
cificidades que o distingue dos demais. Foi preocupação

minha tentar manter as peculiaridades de cada um, buscando retratar ao máximo as diversas individualidades. Ao todo foram oito casais, e trinta e duas horas de entrevistas gravadas.

- OS INSTRUMENTOS E A COLETA DOS DADOS

Os instrumentos utilizados na pesquisa para a obtenção dos dados foram três: a entrevista gravada, a ficha do informante e o caderno de campo.

. AS ENTREVISTAS

As entrevistas foram encaminhadas no sentido de obter dados sobre a trajetória da vida pessoal dos entrevistados de modo a esclarecerem os seguintes aspectos:

- a) em que medida os projetos, aspirações, opiniões e práticas individuais da mulher e do homem são constrangidas ou efetivadas tanto na esfera pública como na esfera privada;
- b) em que medida os projetos e aspirações individuais dos sujeitos implicam uma redefini

ção de ambos os papéis, o masculino e o feminino;

- c) em que medida os arranjos e conflitos vivenciados pelos casais, condicionam e interferem na visão de casamento e da família.

Optei, portanto, por uma entrevista semi-estruturada, já que esta modalidade, ao permitir uma dinâmica maior entre entrevistado e entrevistador, conduz a respostas marcadas pela subjetividade, valores e visão de mundo dos sujeitos, coisa que não aconteceria se as perguntas fossem fechadas e pré-codificadas.

Por outro lado, sendo semi-estruturada, garantiu a possibilidade de comparação do material obtido, tanto entre os gêneros, como dentro do casal.

. ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. FAMÍLIA DE ORIGEM:

Nível de instrução dos pais; relações com os pais, valores básicos transmitidos, educação religiosa, incentivo aos estudos; influência dos pais na vida profissional. O objetivo deste item é apreender os principais valores que condicionaram a socialização dos sujeitos, esses valores não são faziam parte de um determinado momento

to, como também as idiossincrasias de cada família. A partir daí foi possível determinar em que direção homens e mulheres fizeram suas rupturas e definiram para si condu^{tas} diferentes das que vivenciaram junto aos pais.

2. TRABALHO

Tempo em que trabalha; empregos que teve; trabalho atual; satisfação e dificuldades encontradas no trabalho; participação em atividades ligadas à vida profissional; concepção acerca do papel de profissional; auto-avaliação enquanto profissional; participação na vida profissional do parceiro; interferência da vida profissional na vida doméstica e vice-versa.

Neste item, procurei apreender a ligação dos sujeitos com a vida pública, bem como estabelecer uma comparação entre homens e mulheres, quer seja em relação às dificuldades concretas que cada um enfrenta no desempenho do seu trabalho, como também às idealizações que fazem.

3. FAMÍLIA DE CONSTITUIÇÃO

Quando casou, com que idade casou; como foi o conhecimento entre o casal; o planejamento familiar; o nascimento dos filhos; a ocupação com os filhos; diferenen

ça entre educação recebida e educação transmitida, a idéia de pai e de mãe; a ocupação com a casa; a divisão de tarefas; o planejamento orçamentário, os pontos básicos de conflito.

Aqui pretendi reconstituir o cotidiano na vida dos sujeitos, no que concerne à vida privada. Este item foi da maior importância na medida em que é principalmente nesta esfera que este trabalho procura encontrar mudanças e redefinições. Portanto, foi através deste relato que foi possível apreender de forma mais clara as diferenças entre os gêneros.

4. A VISÃO SOBRE FAMÍLIA E CASAMENTO

O que pensa sobre a família e o casamento no futuro; a que atribui a separação entre os casais; a concepção sobre o papel de pai e sobre o papel de mãe; o papel de marido e o papel de esposa.

A diferença entre este item e o anterior é que aqui lida-se apenas com a representação ideal. É justamente através da comparação entre esses dois itens que é possível entender o conflito entre o desempenho efetivo e os valores ideais. Por outro lado, não seria demais afirmar que, talvez, aí esteja contida a direção que poderá tomar a mudança.

5. AUTO-DEFINIÇÃO

Aqui busquei compreender como os sujeitos se auto-percebem e em que esfera sentem predominar a sua identificação, se na pública ou na privada.

6. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

Neste item a preocupação foi deixar ao entrevistado um espaço para que falasse livremente sobre o significado da entrevista para ele. Este foi também o momento em que me faziam perguntas sobre os resultados da entrevista e pediam para que eu os informasse sobre as conclusões a que iria chegar.

As entrevistas foram marcadas com antecedência, de acordo com a disponibilidade dos informantes e confirmadas poucas horas antes do encontro. Em geral foram marcadas à noite para após as vinte horas.

Observei que tanto para mim como para o informante, era extremamente difícil o início da entrevista e só com o desenrolar da mesma é que se chegava a uma maior descontração. Devo dizer, ainda, que cada entrevista foi vivenciada com muita ansiedade, mesmo nos casos onde um dos cônjuges já havia sido entrevistado e já havia um conhecimento estabelecido entre nós. A verdade é que ape

sar de ser a entrevistadora e, portanto, o "elemento mobilizador", também eu era mobilizada. Não era só eu que invadia a vida dos outros; estes também me invadiam na medida em que havia entre nós identificações, simpatias e/ou antipatias. Muitas vezes indo ao encontro dos meus conflitos e das minhas incongruências. Outras vezes, precisei me conter para não dar "receitas" ou dizer como agiria em relação a determinados fatos.

A identificação pesquisador/informante em pesquisas desta natureza se torna particularmente crítica, uma vez que *"lida-se com indivíduos cujas 'experiências', 'temas cruciais' e 'preocupações' são comuns tanto a entrevistador como a entrevistado"* (VELHO, 1987:17).

Assim, de uma certa forma, o investigador é também objeto de pesquisa para o informante, que quer saber não só para que serve o trabalho mas, também, o que pensa o investigador. Acredito que essa troca de informação é uma forma de se adquirir confiança e, portanto, absolutamente necessária para a obtenção de alguns dados. Para PEREIRA DE QUEIROZ (1983:78) *"há expectativas tanto da parte dos informantes como da parte dos entrevistadores"*.

Nos momentos em que me deparei sendo inquirida sobre alguma coisa, optei por responder, mesmo que tal conduta me deixasse em dúvida quanto à cientificidade do meu comportamento. Aprendi, com GILBERTO VELHO (1987:18), que ao se elege a própria sociedade como objeto de pesquisa,

fatalmente se terá a subjetividade "*incorporada ao processo de conhecimento desencadeado*". Mas o que importa não é negar a sua interferência e sim "*aprender a lidar com ela*". No caso das minhas entrevistas, como poderia isolar-me ou desligar-me de um contexto e de um modo de vida que poderia ser o meu?

A duração das entrevistas variou entre uma hora e meia e três horas, sendo sempre colocada da minha parte a disponibilidade para ouvir mais alguma coisa.

Geralmente após desligar o gravador, permanecia pelos menos trinta minutos conversando com os informantes. Era neste momento que me faziam perguntas sobre a minha vida pessoal, sobre questões que foram colocadas nas entrevistas ou sobre o trabalho. Esta última meia hora era de muita descontração e em geral o cônjuge não entrevistado na ocasião juntava-se à conversação. Na maioria das vezes havia uma certa dificuldade para encerrar o encontro e creio que não fosse o adiantado da hora, (em geral terminavam por volta das vinte e duas e trinta) a conversa se prolongaria. Devo dizer que neste momento eu experimentava uma certa ambigüidade, pois, ao mesmo tempo que eu era uma pessoa distante, que não privava do convívio do casal, tornava-me, de repente, alguém com quem gostariam de continuar conversando.

Estes momentos foram de grande importância para a captação de elementos que, por vezes, não apareciam

nas entrevistas. O convite "para aparecer" ou "voltar com o marido para uma cerveja" ocorreu algumas vezes, indicando o desejo de uma aproximação maior.

- AS FICHAS

As fichas dos informantes continham seus dados pessoais: idade, sexo, local de nascimento, profissão, ocupação, número de filhos, número de anos de casados, renda individual, profissão e ocupação do pai e da mãe.

A importância desta ficha é que ela permitiu categorizar de forma mais rápida os indivíduos por renda, idade, sexo, bem como, perceber a trajetória sôcio-econômica a partir dos dados referentes aos pais. Evidentemente, que estes dados tiveram apenas um valor indicativo e complementar.

Além do mais, o dado sobre renda é muito mais fácil de ser obtido através do preenchimento de uma ficha do que através da gravação. De fato, é bastante comum as pessoas se referirem ao salário como bom ou como ruim, sendo bastante escrupulosos para o especificarem. Diria que há um certo constrangimento em se revelar o quanto se ganha.

- O CADERNO DE CAMPO

O caderno de campo fornece informações a respeito do contexto em que foi realizada a entrevista. Para QUEIROZ (1983:148), *"todo estímulo físico, psicológico e social poderá alterar o encaminhamento da entrevista"*.

Portanto, foi o caderno de campo que possibilitou a reflexão sobre o material coletado, já que nele, registrei não só observações em relação ao contexto físico, (casa, ambiente em que foi realizada a entrevista, decoração do ambiente, o quanto a entrevista foi interrompida, quem circulou no ambiente etc), como também sentimentos e percepções, tanto em relação aos informantes como em relação a mim mesma. Foi nele que anotei as minhas impressões sobre o estado dos informantes: tensos ou descontraídos, resistentes ou não... e também sobre o meu próprio estado, a minha insegurança quanto ao material obtido e, mesmo, a minha emoção ao ouvir relatos que me tocaram de forma particular.

- A ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados obtidos foi iniciada com a transcrição das fitas. Apesar de se constituir numa tarefa simplesmente mecânica, diria que o processo de rescu

tar as fitas foi de fundamental importância, na medida em que permitiu uma avaliação do material coletado. Mesmo nos casos em que não transcrevi pessoalmente as fitas, procedi à repetição da escuta. É que lapsos, pausas e suspiros contextualizam melhor as palavras. Ao mesmo tempo, este exercício fez com que se desenvolvesse um processo mental de codificação temática. Ou seja, à medida que as fitas foram sendo escutadas, foi possível distinguir o que era geral do que era particular e elaborar uma lista do que mais se repetia e que poderia ser o que alguns autores chamam de "*unidades de significação*" (MICHELAT, 1982: 202) que, embora determinadas anteriormente, inserem-se agora num contexto mais específico.

Ademais, foi através do processo de escuta e reescuta que cheguei ao ponto de "*impregnação*" que, para MICHELAT, se dá através da repetição da leitura. Aqui, também, não prescindí da repetição da leitura. Mesmo considerando que a escuta demanda um tempo maior do que o que é exigido na leitura, este processo permite uma apreensão, uma captação, ou até mesmo uma memorização do conteúdo das entrevistas.

Para a análise dos dados, o texto foi decomposto em temas que seguiam o roteiro da entrevista. É verdade, também, que dados os limites com que me deparei, alguns aspectos foram deixados para uma análise posterior, atendo-me apenas aos que estavam mais ligados à proposta

inicial. Portanto, as categorias construídas para a análise (final) foram as seguintes:

a) A Biografia dos Sujeitos

Aqui foram captadas informações ligadas à situação sócio-econômica dos informantes na família de origem, partindo da auto-percepção dos mesmos. Além desses aspectos, procurei identificar os valores básicos transmitidos na família e na escola.

b) A Profissão e o Trabalho

Nesta categoria, procurei analisar a influência da família de origem nos estudos, incentivos dados e a interferência da mesma na determinação da profissão. Procurei ver, também, em que se constituía o projeto de cada um com relação à vida profissional. O significado do trabalho na vida dos sujeitos foi outro aspecto que mereceu atenção. Neste sentido busquei, sobretudo, a diferença de significação do trabalho para os homens e para as mulheres através dos principais problemas que cada um diz enfrentar em relação ao mesmo.

c) O Casamento e os Filhos

Aqui a minha preocupação foi detectar a discrepância entre a idéia que os sujeitos têm sobre casamen

to e filhos e o seu desempenho efetivo. Ao mesmo tempo, tentei ver de que forma estes eventos faziam parte de um projeto individual dos sujeitos. Ainda com relação ao casamento propriamente dito, procurei ver até onde a escolha do parceiro foi decorrente de um sentimento "romântico de paixão". A inserção deste item se deu na medida em que percebi na fala dos sujeitos a referência ou não a este sentimento. Assim, alguns revelaram ter seu processo de escolha a partir de uma grande paixão ou do conhecimento gradativo do par, enquanto outros limitaram-se a duas ou três palavras sobre o assunto. Na medida em que procuro analisar a colocação de valores da cultura individualista, pareceu-me importante a adoção deste item, já que a paixão e a escolha do par é um processo que envolve antes de mais nada indivíduos.

Quanto a representação que têm sobre a família e o casamento no futuro, a preocupação foi a de detectar que valores estavam implícitos nestas concepções.

Com relação aos filhos, o desempenho do papel de pai e mãe, em contraste com a idéia do que vem a ser pai e mãe, indica a dificuldade que os atores experimentam em concretizar seus projetos enquanto indivíduos; é nesta esfera que mais aparece o compromisso com o todo que, neste caso, é a família de constituição.

Em todas essas unidades, com exceção da biografia dos sujeitos, foi feita uma análise separada por gêne

ro, já que achei que, dessa forma, ficaria mais fácil de se perceber as diferenças e as semelhanças de cada um, principalmente quando se tem em pauta que a mudança ocorrida, não se verificou apenas para as mulheres, embora te nha se configurado de forma mais enfática sobre elas.

CAP. III:

OS SUJEITOS E SUA BIOGRAFIA

Neste capítulo tenho como objetivo apresentar as características gerais do grupo estudado, as quais envolvem dois aspectos: o primeiro diz respeito aos dados pessoais dos sujeitos, tais como local de nascimento, idade, profissão, ocupação, bem como número de anos de casados e número de filhos. O segundo aspecto está relacionado à socialização dos sujeitos envolvendo, entre outras, informações concernentes à educação formal recebida, aos padrões morais da família de origem como também a auto-percepção que têm de sua inserção social.

A finalidade, portanto, é traçar um perfil dos sujeitos estudados, para que se compreenda melhor a sua trajetória em função das transformações ocorridas no contexto social em que se encontram.

- OS CASAIS

- CASAL 1

O primeiro casal a ser entrevistado foi **André e Andrêa**. Casados há oito anos, têm duas filhas de seis e três anos. No momento da entrevista, Andrêa esperava o terceiro filho que já estava prestes a nascer.

Com uma renda equivalente a 24 salários mínimos, a participação de Andrêa é de aproximadamente 43% deste montante. Moradores da zona sul da cidade, habitam um apartamento de tamanho médio, que compraram há relativamente pouco tempo.

Andrêa tem 31 anos, é formada em Matemática e trabalha na área de computação numa empresa pública federal. Os pais, ambos, têm apenas o 2º grau completo e são separados. A mãe nunca trabalhou e o pai atualmente dedica-se ao ramo da construção civil.

Formado em Administração, André tem 31 anos e trabalha como analista de sistemas numa empresa pública do setor de telecomunicações. André estudou numa escola pública em Brasília para onde os pais se mudaram em busca de melhores condições de vida. Tanto o pai como a mãe eram funcionários públicos e tinham como nível de instrução o 2º grau completo.

- CASAL 2

Cláudio e Cláudia têm ambos 35 anos e são médicos. Conheceram-se durante o curso na Faculdade e estão casados há onze anos. Com dois filhos, de sete e quatro anos, este casal mora numa casa ampla e confortável num bairro residencial da zona norte da cidade, da qual são proprietários. Conjuntamente perfazem uma renda equivalente a 25 salários mínimos, sendo que Cláudia contribui com apenas 28% deste total.

Cláudia nasceu numa próspera cidade do interior do Estado, mas mudou-se para o Recife ainda durante o curso secundário. Seus pais tinham apenas o 2º grau completo, sendo o pai funcionário público e a mãe, como quase todas da sua época, apenas doméstica.

Cláudio, por sua vez, vem de uma família de quatro irmãos. Seus pais tinham apenas o 2º grau completo e o pai exercia a atividade de securitário. A mãe era apenas doméstica, mas vista por ele como alguém "muito dedicada à família", e muito "centralizadora".

- CASAL 3

Júlio e **Júlia** também estudaram juntos na Faculdade e têm respectivamente 35 e 33 anos, sendo ambos formados em Direito. Casados há dez anos, têm três filhos de oito, sete e três anos. Juntos somam uma renda de 27 salários mínimos, sendo que Júlia participa com apenas um terço deste total. O apartamento em que moram é bastante amplo e é próprio.

Nascida aqui mesmo em Recife, Júlia é das poucas mulheres cuja mãe tem nível de instrução superior, apesar de nunca ter exercido nenhuma atividade extra-doméstica. O pai tem nível de instrução superior e é dono de uma firma construtora.

Os pais de Júlio são separados. Segundo ele, se pararam-se depois de 25 anos de casados, quando ele já estava com mais de vinte anos. O pai era formado em Agronomia e trabalhava num órgão do governo. Já a mãe tinha o 2º grau e dedicava-se apenas à casa.

- CASAL 4

Fernando e Fernanda são ambos médicos, embora tenham especialidades diferentes. Casados há dez anos. Na época da entrevista tinham uma renda equivalente a 48 salários mínimos e, no grupo estudado foi o único caso em que a participação da mulher no orçamento doméstico era exatamente de 50% da renda total. Com três filhos, sendo duas meninas e um menino, com idade de cinco, sete e nove anos, moram numa zona residencial na zona norte da cidade num apartamento amplo e confortável, do qual são proprietários.

Fernando tem 38 anos e provém de uma família com valores tradicionais bastantes rígidos. O pai é médico e dono de uma casa de saúde. A mãe tem o curso normal, mas nunca exerceu nenhuma função afora as ligadas ao mundo doméstico.

Fernanda tem 37 anos e vem de uma família de origem humilde. O pai, já falecido, tinha o 2º grau completo e foi policial; a mãe tinha apenas o 1º grau e só trabalhou em casa; depois dedicou-se à vida doméstica.

- CASAL 5

Roberto e Roberta, entre os casais apresentados é o primeiro que não partilha nem profissão nem ocupação. Casados há onze anos, têm duas filhas de oito e três anos. O apartamento em que moram é próprio e fica na zona sul da cidade. Com uma renda conjunta de 51 salários mínimos, Roberta participa com menos de um terço do total.

Os pais de Roberto, como tantos outros, não têm nível de instrução superior. O pai tinha o 2º grau completo e só depois de casado é que chegou a "fazer curso equivalente a nível superior". O pai (também já falecido) trabalhava numa repartição pública. A mãe não chegou a terminar o 1º grau e exercia apenas as atividades domêsticas. Segundo Roberto, seus pais tinham um relacionamento muito difícil e conflituoso, que ele explica como consequência do desnível do grau de instrução existente entre eles. Com 34 anos, Roberto é advogado e nasceu em Recife.

Roberta, ao contrário do marido, provém, segundo ela, de um lar onde havia muita harmonia entre os pais. O pai tem nível superior, fez o curso de Direito, mas só durante muito pouco tempo é que exerceu atividades como advogado. Era funcionário público, estando hoje aposentado. A mãe fez o curso de contabilidade de nível médio. Cedo perdeu o pai e precisou sair do collegio em que era interna para trabalhar, coisa que continuou fazendo após

o casamento, embora fosse apenas meio expediente. Roberta nasceu numa cidade do interior do Estado, mas sua família mudou-se logo aqui para o Recife, quando ela era ainda bem pequena. Tem 35 anos e é Socióloga embora trabalhe como fiscal de renda.

- CASAL 6

Dos casais entrevistados, Paulo e Paula são os únicos que não são oficialmente casados. Juntos há seis anos, Paula é o segundo casamento de Paulo, com quem tem duas filhas de quatro e três anos. Também são os únicos que não moram em apartamento próprio, embora Paula estivesse, no momento em que foi entrevistada, comprando um apartamento para ela. Com uma renda familiar de 20 salários mínimos, a participação de Paula é de apenas um quinto deste total, o que confirma o padrão mostrado até aqui. Também este casal possui profissão e ocupação diferentes.

Com 35 anos, Paulo é advogado igualmente a seu pai. A mãe tem apenas o 2º grau completo e, como a maioria da sua geração, dedicou-se apenas ao mundo doméstico. Os pais de Paulo eram separados, mas ele diz que mantinha bom relacionamento com os dois.

Paula conta que veio de uma família muito humilde: o pai era operário de uma fábrica e tinha apenas o 2º grau completo; morreu quando ela tinha cinco anos, de cir

rose hepática em consequência do alcoolismo. Apesar disso, não guarda uma imagem ruim da figura paterna. A mãe teve que trabalhar para sustentar os cinco filhos pequenos, como funcionária dos Correios e Telegráfos. Paula acha que a mãe teve uma trajetória profissional muito bonita. Graduada em Medicina, Paula tem 33 anos e nasceu em Recife.

- CASAL 7

Casados há nove anos, Renato e Renata têm três filhos de cinco, três e um ano, sendo dois meninos e uma menina respectivamente. Quando entrevistados, moravam numa casa ampla que haviam comprado após voltarem da Europa, onde fizeram pós-graduação. Embora Renata trabalhe, sua contribuição para o orçamento é praticamente nula já que o emprego que possuía remunerava mal, cabendo portanto a Renato, a manutenção da casa. Entretanto, é preciso ressaltar que Renata pode ser considerada como alguém que ainda está investindo na profissão e em busca de algo melhor.

Renato é engenheiro de formação, mas trabalha ligado ao setor de informática. Dos entrevistados, é o único que tem titulação a nível de pós-graduação feita no exterior. O pai, advogado, nunca se dedicou à profissão e exerceu atividades ligadas à área acadêmica de das Univer

sidades locais. A mãe, professora primaria, fez o curso normal, trabalhando até casar. Depois ficou só como dona de casa. Renato nasceu em Recife e tem 33 anos.

Os pais de Renata têm ambos nível de instrução superior. A mãe, entretanto, cursou a Universidade já depois de casada e de ter filhos e trabalhou como funcionária pública.

Formada em Psicologia, Renata, na época da entrevista, ensinava, também, em uma das Universidades locais. Nascida no Recife, Renata tem 32 anos.

- CASAL 8

Casados há 15 anos, **Sílvio** e **Sílvia** têm três filhas com respectivamente dez, oito e cinco anos. A casa em que moram foi construída por eles, sendo ampla e moderna, embora sem sofisticação. Com uma renda conjunta de 31 salários mínimos, a participação de Sílvia neste montante é de dois terços.

Com 44 anos, Sílvio é o único entrevistado que está fora da faixa dos 30; todos os demais como pode ser visto no Quadro 4, está situado entre 31 e 38 anos. Nascido no Ceará, é o filho mais novo de uma família de oito

filhos. Os pais tinham apenas o curso primário; a mãe dedicou-se às tarefas domésticas e o pai era pequeno comerciante morreu quando ele era ainda bem pequeno.

Sílvia veio para o Recife, onde alguns irmãos já estavam radicados, ainda bastante jovem. Formado em Economia, trabalha num banco de âmbito federal, onde ocupa uma posição relativamente importante.

Com 37 anos, Sílvia é também formada em Economia e atualmente trabalha no setor de informática numa empresa federal.

O pai era comerciante, dono de uma padaria e morreu quando ela ainda era pequena, deixando a ela, ao irmão e a mãe uma situação econômica bastante precária. A mãe tem apenas o primário incompleto e trabalhava costurando para fora para manter a família.

Os Quadros 1 e 2 mostram a renda, a profissão e a ocupação dos homens e mulheres entrevistados para este estudo. A comparação entre eles mostra que, dos oito casais estudados, cinco têm ou a mesma profissão ou a mesma ocupação. Entretanto, no que concerne à renda auferida, há uma distância significativa entre homens e mulheres, estando estas bem aquém dos seus maridos. Com efeito, apenas um dos casais estudados têm uma renda equivalente.

No Quadro 3 tem-se o número de anos de casados bem como o número de filhos de cada casal. A existência

de um número reduzido de filhos indica uma modificação na composição do grupo familiar por parte deste grupo em relação ao padrão familiar tradicional, reconhecidamente numerosa.

O Quadro 4, mostra que a aproximação etária entre casal é bastante comum. Apenas Sílvia e Sílvia que guardam entre si uma distância etária maior, equivalente a oito anos. Na verdade a aproximação etária pode ser explicada pela participação mais efetiva da mulher na chamada esfera pública através da ida à Universidade e ao mercado de trabalho.

QUADRO 1

RENDA, PROFISSÃO E OCUPAÇÃO

HOMENS

| NOME | RENDA (em salário Mínimo) | | PROFISSÃO | OCUPAÇÃO |
|----------|------------------------------|---------|---------------------------|---------------------------------|
| | Familiar | Pessoal | | |
| Andrê | 42 | 24 | Administrador de Empresas | Analista de Sistemas |
| Cláudio | 25 | 18 | Médico | Radiologista |
| Júlio | 26 | 21 | Advogado | Advogado de empresa pública |
| Fernando | 48 | 24 | Médico | Psiquiatra |
| Roberto | 51 | 36 | Advogado | Advogado de empresa privada |
| Paulo | 20 | 15 | Advogado | Advogado (profissional liberal) |
| Renato | 11 | 9 | Engenheiro | Professor Universitário |
| Sílvio | 35 | 18 | Economista | Bancário |

FONTE: Entrevistas

QUADRO 2
 RENDA, PROFISSÃO E OCUPAÇÃO
 MULHERES

| NOME | RENDA (em salário mínimo) | | PROFISSÃO | OCUPAÇÃO |
|----------|------------------------------|---------|------------|--|
| | Familiar | Pessoal | | |
| Andrêa | 42 | 18 | Matemática | Analista de sistemas |
| Cláudia | 25 | 7 | Médica | Endocrinologista |
| Júlia | 26 | 6 | Advogada | Gerente Jurídica de Empresa privada |
| Fernanda | 48 | 24 | Médica | Cardiologista |
| Roberta | 51 | 15 | Socióloga | Fiscal de renda |
| Paula | 20 | 5 | Médica | Oncologista pediátrica |
| Renata | 11 | 2 | Psicóloga | Professora universitária |
| Sílvia | 35 | 13 | Economista | Analista de sistemas |

FONTE: Entrevistas

QUADRO 3

NÚMERO DE ANOS DE CASADOS E NÚMERO DE FILHOS

| C A S A I S | NÚMERO DE ANOS DE CASADOS | NÚMERO DE FILHOS |
|--------------------------|---------------------------|------------------|
| Andrê e Andrêa..... | 8 | 2 |
| Cláudio e Cláudia..... | 11 | 2 |
| Júlio e Júlia..... | 10 | 3 |
| Fernando e Fernanda..... | 10 | 3 |
| Roberto e Roberta..... | 11 | 2 |
| Paulo e Paula..... | 6 | 2 |
| Renato e Renata..... | 9 | 3 |
| Sílvia e Sílvia..... | 15 | 3 |

FONTE: Entrevistas.

QUADRO 4

IDADE E LOCAL DE NASCIMENTO DOS CASAIS, POR SEXO

| C A S A I S | H O M E M | | M U L H E R | |
|--------------------------|-----------|---------------------|-------------|---------------------|
| | Idade | Local de Nascimento | Idade | Local de Nascimento |
| Andrê e Andrêa..... | 31 | Santa Rita (PB) | 31 | Recife |
| Cláudio e Cláudia..... | 35 | Recife | 35 | Caruaru |
| Júlio e Júlia..... | 35 | Recife | 33 | Recife |
| Fernando e Fernanda..... | 38 | Recife | 37 | Recife |
| Roberto e Roberta..... | 34 | Recife | 35 | Garanhuns |
| Paulo e Paula..... | 35 | Recife | 33 | Recife |
| Renato e Renata..... | 33 | Recife | 32 | Recife |
| Sílvia e Sílvio..... | 44 | Araripe (CE) | 37 | Recife |

FONTE: Entrevistas

- A SOCIALIZAÇÃO

. SITUAÇÃO DE CLASSE

De uma maneira geral, os sujeitos investigados se auto-percebem como pertencentes às camadas médias da sociedade embora usem como se verá em seus relatos, o termo "classe média. Aqui, entretanto, emprego o termo camada média, já que o termo classe envolveria discussões teóricas que estariam fora dos propósitos deste trabalho. Neste sentido, a caracterização do grupo estudado baseia-se nos aspectos simbólicos de sua situação social. Ou seja, baseia-se no "ethos" e na "visão de mundo" dos sujeitos enquanto membros de uma determinada camada social.

Com relação às peculiaridades econômicas, considero aqui dois momentos: o primeiro refere-se à família de origem e o segundo, ao estágio atual desses sujeitos. Os relatos referem-se sobretudo ao primeiro momento, e esta atitude dos sujeitos parece indicar que, no momento atual, não são eles têm bastante consciência do lugar que ocupam como também acreditam ser esta a forma como os outros os percebem, o que tornaria, para eles, absolutamente desnecessário a referência à atualidade. A referência no item anterior a indicadores como situação domiciliar e nível de renda torna desnecessário a retomada desses aspectos.

Portanto, voltando agora à questão dos aspectos simbólicos, tomo emprestado a BOURDIEU a sua concepção de classe social. Para este autor, torna-se necessária, a contextualização da classe social, já que esta "não é um elemento que existe em si mesmo", de formas que não seria "em nada modificado ou qualificado com os elementos com os quais coexiste" (1974:53). Ou seja, para BOURDIEU, a classe social define-se não só a partir da "posição e da situação na estrutura social, mas considera sobretudo o aspecto simbólico das relações entre as classes. Por sua vez, o aspecto simbólico diz respeito às representações que as classes fazem de sua posição e situação relativa" (LINS DE BARROS: 1981-22). Neste sentido, o tipo de socialização vivenciado por esses sujeitos, que envolve entre outros aspectos a educação formal recebida, bem como os rígidos valores morais e religiosos, pode ser visto como indicador de pertinência a uma camada social específica.

O relato dos informantes sobre a sua inserção na estrutura social pode ilustrar bem o que acabo de afirmar. Vejam-se por exemplo os exemplos abaixo:

"Tenho quatro irmãos, minha mãe é dona de casa e papai era securitário. Classe média, média... papai tinha um carro e morava em casa própria... Tínhamos um razoável conforto"

Cláudio

"Minha família é uma família de classe média. Papai é funcionário público federal e mamãe funcionária pública estadual. Sempre tiveram uma preocupação muito grande com a educação".

Renata

"Meu pai era funcionário do Ministério da Agricultura ... minha mãe era doméstica, apesar de ser muito inteligente... a situação econômica era de classe média ... média mesmo"

Júlio

Entre os que se auto-percebem como provenientes de uma família de padrão econômico mais baixo, existe a referência a "símbolos" tais como ocupação dos pais, situação de moradia, acesso a bens de consumo etc.

"Nós tínhamos uma condição financeira muito humilde: a gente não tinha carro, morava numa casa de vila, não tínhamos geladeira... a única coisa que tínhamos era muita comida na mesa"

Fernanda

"Eu vim de uma família muito humilde. Meu pai era operário de uma fábrica e tinha apenas o 2º grau completo. Depois que papai morreu, mamãe passou a trabalhar fora ... era funcionária dos Correios e Telêgráfos".

Paula

"Eu sou de uma família modesta, simples. Meu pai era dono de um hotel no interior ... morreu quando eu era bem pequena e eu não o conheci. Minha mãe me criou com muitos cuidados, muito protegida, não é ... Meus irmãos, cedo, tiveram que sair do Ceará por falta de oportunidade... foram para São Paulo e contam que lá a vida foi muito dura.

Silvio

Embora este último grupo refira-se a família de origem como modesta, humilde, nenhum deles menciona, ao relatar sua situação econômica, a palavra "classe". Eu diria que para esses sujeitos não há, ao contrário dos outros, uma consciência clara do seu lugar na sociedade. Assim, embora não se percebam claramente como "classe média", também não se colocam na classe pobre... A comparação que fazem é com um estrato superior, definindo a si próprios mais pelo que não têm em termos de bens de consumo do que pelo que têm.

A minha opinião é que a questão da inserção social é complexa não só do ponto de vista das discussões teóricas mas, também, em termos empíricos, já que envolve valores e preconceitos. Entretanto, creio que mesmo entre os sujeitos que, se referem, às dificuldades econômicas da família de origem, existem valores que podem ser traduzidos como próprios dos estratos médios. BOURDIEU (1981: 58), apoiado no estudo de LUIS B. WRIGHT sobre classe média na Inglaterra durante o período elizabetano, diz que

esta classe

"desenvolvia um estilo de vida original, opondo suas virtudes de poupança aos lazeres ruidosos da nobreza e à pobreza imprevidente das classes populares. A descrição desse estilo de vida faz aparecer numerosos traços que sobretudo em matéria de atitudes e respeito da educação e da cultura, valeriam, dentro de certas colocações circunstanciais, para as classes médias de nossas sociedades: crença no valor da educação como instrumento de ascensão social, reivindicação de uma educação 'prática', própria para fornecer treinamento para a profissão futura, estética 'utilitarista' que levava a julgar o valor de um livro segundo sua utilidade".

. Os ESTUDOS

O discurso do grupo que estudei é sem nenhuma exceção, permeado de referências valorativas ao estudo. Essa valorização é feita sobretudo pelos pais que vêm na ida a universidade uma forma de ascensão social para os filhos. O que quero deixar claro é que, mesmo entre aqueles que não se vêm nem se definem, pelo menos no discurso, como camada média, existem atitudes e valores que podem ser identificados com este estrato.

Os discursos que transcrevo a seguir podem ilus

trar como a educação assume um aspecto importante para as camadas médias.

"Papai queria que a gente estudasse, tivesse uma profissão, um meio de vida, porque ele dizia que não tinha nada para deixar pra gente".

Fernanda

"Minha mãe investiu muito em mim intelectualmente... é como se eu tivesse sido criada para ser uma intelectual".

Paula

"Minha mãe chegou a cozinhar para me manter em termos de educação... Ela me cobrava muito em relação aos estudos. A preocupação dela era que eu tinha que ser alguém na vida, e para isso eu tinha que estudar".

Roberto

. A RIGIDEZ DA EDUCAÇÃO

Não só a ênfase na educação formal é um aspecto bastante marcante nesta camada, como também o é, a preocupação com uma educação calcada em valores morais rígidos tendo por base, sobretudo os princípios religiosos. Dessa forma, o grupo aqui estudado freqüentou

os colégios religiosos da rede particular de ensino que, na época, eram separados por sexo, indo os homens para os colégios masculinos e as mulheres para os colégios femininos. O rigor moral que marcou a socialização desse grupo adveio tanto da família como da escola. A minha suposição é de que a família, ao procurar uma escola rigorosa para seus filhos, procurava assegurar a transmissão desses valores, como também se afirmar como pertencente a uma determinada camada social. O que se tem, portanto, é que onde os padrões familiares foram mais frouxos, a escola foi percebida como o lugar repressor por excelência:

"No Colégio em que eu estudei, a estrutura religiosa era muito rígida. Pela manhã o professor, antes de dar bom-dia tinha que rezar... o conceito de pecado era muito forte; uma repressão muito grande; sexo era uma coisa muito feia. E isso fez com que muitas pessoas se afastassem da religião. Eu mesmo me afastei".

Cláudio

"Eu estudei num colégio de freiras, reconhecidamente exagerado pelo rigor moral. Aquelas freiras eram tão autoritárias que eu aprendi a mentir deslavadamente. Elas me fizeram aprender a mentir porque tudo era errado: falar alto era errado, pintar as unhas era errado... tudo era pecado. Esse ponto foi muito negativo na minha educação".

Roberta

Entretanto, para alguns, foi a família em si mesmo e não a escola a grande repressora sendo este, portanto, o padrão de uma época. Assim, para Júlio, Júlia, Fernanda e Fernando a família é vista como um local de muita rigidez:

"Meu pai era do tipo que não queria que eu saisse a noite, que eu fosse p'ra isso que eu fosse p'raquilo... Eu tive uma educação muito rígida e isto se reflete até hoje - eu sou uma pessoa muito medrosa... Eu não saía sozinha para lugar nenhum ... até para a faculdade o motorista ia me levar e ia me buscar. Eu tive uma vida muito protegida"

Júlia

"Minha mãe era muito rigorosa, muito rígida... praticamente a gente tinha pouca liberdade de ação; so fazia o que ela queria mesmo... eu acho que, até por conta disto, a gente ficou sem resistência fisicamente... não podia tomar banho frio de tarde, não podia botar o pê no chão, não podia levar chuva... até hoje eu me gripo com facilidade. Já meu pai era mais distante... se preocupava muito com a educação, mas estimulava pouco... sempre cobrando mais do que a gente podia dar. Às vezes a gente tinha um bom resultado escolar mas, em vez de receber um elogio, ele perguntava porque não se obteve um resultado ainda melhor".

Júlio

"Meu pai amava muito a gente, mas as vezes amava de maneira sufocante... não queria que a gente namorasse, era extremamente ciumento e procurava sempre impedir qualquer relacionamento de namoro, meu ou de minhas irmãs... Hoje eu entendo que ele tinha muito medo que a gente casasse cedo e não terminasse a faculdade".

Fernanda

"Papai era obcecado com a pontualidade, a organização, o método... uma rigidez nos horários... Como ele tinha muitas atividades, a família resumia-se a vê-lo nos fins de semana; apesar disso, ele era autoridade, mesmo sendo uma figura nem sempre presente. A gente ouvia aquela frase: 'quando seu pai chegar'... Mamãe era aquela pessoa que obedecia cegamente a papai... estava preocupada com duas coisas: com papai e com a religião, e isso era suficiente".

Fernando

Os depoimentos servem para mostrar o clima e o tipo de rigor com que o grupo foi, de uma forma geral, socializado. Mas existem ainda dois aspectos que eu gostaria de abordar. O primeiro, refere-se à diferenciação da educação recebida por sexo e o segundo é o que diz respeito à religião. A importância desses dois aspectos, se dá na medida em que podem trazer esclarecimentos tanto do ponto de vista da diferenciação da educação do homem e da mulher, como do ponto de vista da aquisição de

uma forma peculiar de exercer a religiosidade. É que a religião vai ser o indicador através do qual se pode perceber questionamentos e mudanças feitas por esta geração.

. A DIFERENCIAÇÃO POR SEXO

A percepção da diferenciação da educação recebida por sexo não é uniforme. Em alguns casos, por questões concretas, quando o sujeito investigado não possuía irmãs (Roberto, Júlio e Paulo), ou irmãos (Cláudia) ou, ainda, quando a diferença de idade entre eles era de tal ordem que não permitia o acompanhamento da vida do irmão ou irmã (Andrêa, Roberta e Sílvio), não foi possível captar as diferenças. Mas, entre os que tiveram irmãos e irmãs em idade aproximadas, existe a percepção das diferenças. Assim, veja-se por exemplo:

"Papai era machista à antiga... os homens tinham liberdade porque a sociedade não cobrava muito deles. Se um rapaz fizesse uma besteira, era coisa de homem mesmo... Mas uma moça ficava falada e liquidava a honra da família. Então, lá em casa, as meninas só saíam acompanhadas... até para ir a missa"

Fernando

"Eu me lembro que a minha irmã que é mais velha do que eu num ano, quando ela tinha treze anos, nós morávamos a uns cinquenta metros da esquina e ela só ia até lá com a gente tomando conta".

Renato

"A educação do meu irmão foi diferente; ele tinha mais liberdade em tudo e eu sou mais velha do que ele três anos. Quando mamãe estava sem empregada eu é que tinha que ajudar... varrer a casa, botar a mesa ... tudo isso. E meu irmão não fazia nada disso. Eu reagia a esse tipo de coisa, mas mamãe justificava dizendo que ele não fazia porque era homem. Papai lavava pra to, ele dividia as tarefas comigo, mas meu irmão, não"

Renata

Assim, não são os homens são dispensados de realizar algumas tarefas, como são estimulados a sair com mais frequência de casa e, ainda, a colaborarem na repres são feminina, como vimos nos relatos acima de Renato e Fernando, Paula também faz um registro semelhante:

"Minha mãe estimulava muito meu irmão a sair de casa, enquanto eu não podia nem beijar o namorado".

Paula

Como SALEM (1980: 170) também eu observei que a vigilância paterna recai sobretudo na sexualidade das fi lhas, que são, não são vigiadas, como também desencorajadas a namorar. O relato que se segue ilustra bem a afirmativa feita:

"Meu pai me cerceava muito... Às vezes vi nha um colega meu da faculdade me trazer em casa, então ele perguntava: 'quem é este molequinho que veio lhe trazer?' Isso me irritava profundamente. Ele não aceitava ninguém... ninguém mesmo. Fu nunca tive um namorado no tempo que papai foi vivo, porque quando pintava um rapaz na minha casa, ele sentava e conversava com o rapaz o tempo inteiro, bloqueando qualquer afetividade que pudesse nascer daquele relacionamento".

Fernanda

O fato de as mulheres não poderem sair sozinhas nem até a esquina parece indicar, não um perigo iminente ou a oportunidade que teriam para realizar alguma coisa proibida, mas, antes de tudo um ritual, uma regra, do comportamento do repressor, que, através desse ato aparentemente sem sentido, reforça e reitera o seu poder de domínio.

Portanto, posso afirmar que a socialização diferenciada por sexo, reside principalmente na liberdade que é dada aos homens, em detrimento da que é dada às mulheres.

Entretanto, o tom crítico com que alguns dos informantes referem-se aos rígidos padrões nos quais foram socializados (ver, por exemplo, os relatos de Fernando e Renata) aponta a direção que esses grupos tomaram a partir do questionamento do sistema simbólico transmitido pelos

pais. Concordo com NICOLACI DA COSTA (1985: 147) quando afirma que os sujeitos das camadas médias cariocas investigados por ela, cuja adolescência foi vivida durante a década de 60, questionam hoje em dia alguns aspectos do sistema simbólico transmitido pelos pais durante sua primeira socialização, mas não todos. Segundo a autora, "*os questionamentos se encontram em torno de aspectos como: virgindade, segregação de papéis, código moral assimétrico, religião, etc.*" (1985: 163).

Creio, que dado o relato feito pelos meus informantes, bem como a identidade etária em relação aos sujeitos investigados por NICOLACI DA COSTA, poder-se afirmar que, aqui também, tem-se alguns questionamentos que apontam neste sentido. Uma outra questão que também merece destaque é que, embora tanto homens como mulheres tenham sido encorajados e estimulados para o estudo, o controle exercido sobre as mulheres vai condicionar e interferir na sua vida profissional. Dessa forma, a socialização não é descontínua, o conjunto de símbolos que a compõem, é coerente e leva a uma única direção. Ademais, o modelo masculino introjetado pelos homens, ao contrário das mulheres, não tem mudado substancialmente ao longo dos anos, se for considerado que, desde cedo, o compromisso masculino é direcionado para a rua. As mulheres, além de terem uma socialização ambígua, que ora estimula o estudo e a profissionalização, e ora reprime outros aspectos da vida, têm como referência o modelo das mães que consiste no com

promisso maior com a casa e com os filhos. Não quero di zer com isso que os homens não experimentam conflitos, e que, também eles, não tenham sofrido interrupções ou rom pimentos com os primeiros modelos. Defendo, inclusive, a possibilidade de mudança em seus papéis; apenas enfatizo, que, do ponto de vista feminino, as rupturas e "desconti n uidades socializatórias" são mais transparentes.

A RELIGIÃO

Considerando a evidência com que a rigidez dos padrões morais marcou a socialização dos meus informan tes, bem como o questionamento que fazem a partir de um determinado momento, utilizo aqui a vivência religiosa co mo um indicador que possibilitará acompanhar, em certa me dida, as pressões e transformações vivenciadas por esse grupo.

A formação religiosa é uma tarefa para a qual não faltarão executores. Ora a escola, ora a família - e aqui entenda-se a grande família - todos se engajam no cum primento de tal exercício:

"Os primeiros nove anos de minha vida eu passei na casa dos meus avós. Era uma casa enorme e houve uma época em que moravam muitas famílias. Além da minha avó, tinham mais três tias que eram muito religiosas e frequentavam a igreja diariamente... Minha infância é muito marcada pela religião, pela influência delas (as tias) e não dos meus pais que não frequentavam a igreja".

Renata

"Meu pai, agora que está velho, está muito ligado em religião, mas ele nunca foi de ir à igreja nem à missa. Eu morava no interior e, se frequentei a Igreja, foi levada pelas minhas tias. Minha mãe é de fazer orações e acender velinhas... Eu frequentava a igreja porque era levada, mas quando fiquei adolescente, tomei consciência dessa obrigação, eu passei a não ir mais".

Cláudia

"Papai era muito católico, inclusive era quem levava a gente p'ra missa dia de domingo ... tinha uma devoção especial por Nossa Senhora da Conceição ... Mamãe era menos do que ele, questionava mais as coisas da igreja".

Fernanda

"Lá em casa, uma das coisas que cobravam mais da gente, foi a parte religiosa. Sempre foram muito ligados a Igreja. Eu até acho que a religião tende a dar uma apro

ximação maior entre as pessoas... elas ficam menos agressivas e se questionam menos. Eu acho que o que ficou mais na gente foi essa parte da religião de se acomodar. Eu sou o único que rompi... os outros continuam religiosos".

Renato

Mas, não apenas os relatos como também referências a outros aspectos da vida cotidiana registram a presença marcante da religião:

"Meu pai, era muito ocupado, exercia funções como médico no Estado, tinha consultório, e era diretor de um hospital... E esse tipo de atividade deixou papai com pouco tempo para a família que se resumia a vê-lo no fim de semana, quando não tinha chamados. Apesar disso, em casa ele era uma autoridade, embora fosse uma figura que nem sempre estava presente. Agente ouvia aquelas frases: 'quando seu pai chegar...' o tipo de coisa que ainda hoje acho péssimo. Como em religião dizer que Deus castiga e aí você abre a Bíblia e ela diz que Deus é amor".

Portanto, embora, a religião tenha sido um valor extremamente forte na socialização do grupo junto com ela a repressão a qualquer manifestação de emoções como a raiva, o prazer e o sexo, houve por parte desse grupo, quando não um rompimento total, pelo menos, uma avaliação, uma reformulação na maneira de praticá-la.

Não seria demais dizer que, de uma forma mais geral, cada um, hoje em dia, a vivencia de uma forma própria, indicando com isso um rompimento com as instituições ou com alguns valores dessas instituições, que seriam principalmente a igreja e a família mais extensa.

Alguns romperam com a religião como é o caso, por exemplo, de Renata para quem hoje em dia a Religião é "um aparelho ideológico de Estado muito forte no Nordeste e principalmente nas camadas médias", ou mesmo Sílvia, para quem "a Religião simplesmente não existe, não conta". Outros reformularam suas concepções e têm muitas dúvidas, como é o caso de Cláudio:

"Eu acredito em Deus, mas questiono muita coisa na religião. Acho que é por causa da minha maneira de analisar a vida. Com uma base mais científica, você passa a questionar uma série de coisas. Eu me questiono muito sobre religião e a pergunta que me faço é o que vou passar para as crianças".

Cláudio

"Eu fui me desligando gradativamente da religião. O que eu acho é que tanto eu como muitas outras pessoas, quando estão com um problema sério, vão se apelar para tudo. Eu acho que esse afastamento não é uma coisa irreversível, eu acho que quando tiver um problema vou acabar rezando".

Renato

O depoimento de Renato revela que houve um rompimento apenas com relação à prática e não com relação à crença, mas, mesmo aqueles que continuam praticando a religião, o fazem de uma forma própria e pessoal, indicando sempre algum tipo de ruptura.

"Eu sou muito religiosa... eu acho importante, eu gosto, me faz bem a religião. Mas não tenho aquilo de ter de ir à missa todo o domingo não... eu vou quando posso. Também quando não posso eu não vou. Para mim não é uma questão de obrigação".

Júlia

"Atualmente eu tenho fé, mas não vou com muita frequência à igreja. Só vou quando realmente tenho vontade. A religião serve para você parar e pensar, pensar nos seus próprios problemas, nas suas próprias desgraças mas graves que lhe acontecem. Eu acho que é importante crer em alguma coisa não necessariamente no mesmo Deus que eu creio, mas em alguma coisa, em alguma força da natureza, eu acho que é importante... por exemplo, um por de sol, uma lua nascer, eu acho que é importante, eu acho que existe alguma força por trás disso. Isso me emociona, está entendendo? Então eu acho que religião, não essa religião bitolada que você tem que ir a missa todos os domingos, de ter que confessar, ter que comungar. Nesse ponto a minha religião é diferente. Fundamentalmente p'ra mim é isso, está entendendo? ... Eu

acho que você tem que ser feliz e dentro do possível fazer as outras pessoas felizes".

Fernanda

O discurso de Fernanda é bem elucidativo de uma religião que é redefinida e pensada a partir de sua própria emoção. Aqui, a relação hierárquica com a igreja, dá lugar à relação do indivíduo com um Deus construído a partir de suas próprias vivências e percepções. A relação com os outros indivíduos passa, inclusive, pela relação do sujeito consigo próprio: "ser feliz para poder fazer o outro feliz". A noção do pecado e da obrigação do ritual é absolutamente afastada, como se pode observar nos relatos aqui apresentados. Assim, não são muda o exercício da religiosidade, como também uma série de outros valores embutidos nela.

A atitude frente à religião, pode ser também encontrada em outros aspectos da vida dos informantes. Com efeito, os relatos estão cheios de referências, críticas aos pais e à adoção de novas posturas com relação principalmente, aos filhos. Mas este ponto será tratado mais adiante quando for abordada a relação dos sujeitos com a família de constituição.

Aqui o objetivo era o de marcar o caráter da socialização vivenciada por esses sujeitos, para que se percebesse melhor as transformações ocorridas na sua trajetória e, sobretudo, registrar a tendência a uma conduta mar

cada pela lógica individualista, como também acentuar que tal socialização é consequência da inserção em uma camada social específica e revela a visão de mundo deste grupo.

CAP. IV:

A PROFISSÃO E O TRABALHO

A preocupação deste capítulo é analisar o significado da profissão e do trabalho para os sujeitos investigados. Na verdade, este procedimento permitirá detectar não só as diferenças existentes entre os dois gêneros como, também, a referência social que marcou os indivíduos no momento da sua escolha profissional. Com efeito, este é um momento crucial na vida dos sujeitos, já que a definição dos critérios segundo os quais será feita tal escolha é extremamente individual. O que se observa é que, mesmo nos casos em que há uma nítida influência familiar, a decisão final cabe somente ao sujeito, que vivencia este momento com muitas dúvidas e poucas certezas. Estas, na verdade, envolvem apenas a decisão de ir à universidade que pode ser vista muito mais como um padrão existente no ambiente social, podendo ser identificada como "estoque de conhecimento" de que fala VELHO (1981). Assim, todo projeto vai depender das possibilidades e da margem de manobra que a sociedade oferece ao sujeito. Ou

seja "a noção de projeto", como acentua VELHO (1981: 107) "procura dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade".

Neste sentido, a análise dos relatos sobre a trajetória profissional pode elucidar, além das questões individuais enfrentadas por cada sujeito, especificidades próprias de cada gênero.

- O HOMEM E O TRABALHO

André é um dos poucos que afirma não ter recebido por parte dos pais nenhum tipo de cobrança com relação aos estudos, salientando que tal comportamento foi extensivo a todos os irmãos. Entretanto, o relato de André sobre a apresentação do boletim ao pai sugere que o modelo introjetado corresponde ao padrão do estudante responsável que procura tirar boas notas, como também galgar uma posição dentro da sociedade.

"... a única coisa que meu pai fazia era assinar o boletim ... mas ele nunca teve decepção não, sabe? Sempre era tudo normal ... as notas boas"

André

Andrê refere-se sempre à família e a sua vida como "normal" e, entre os entrevistados, é o que apresenta a maior dificuldade em esboçar um projeto. Com efeito, a impressão que se tem, ao se ler a entrevista de Andrê, é que sua vida tomou um curso onde importaram muito pouco, as suas decisões pessoais. Em outras palavras, ela seguiu o mesmo destino de outros jovens situados na sua mesma condição social - a escolha do curso foi aleatória, parecendo ser muito circunstancial, sendo bastante evidente a participação do irmão mais velho:

"eu entrei na área de informática, meio por acaso... até parece que eu estou falando uma coisa estranha não é? Todo mundo quando está fazendo o científico está preocupado com o que vai ser, não é? Eu não... Eu estava na universidade quando meus pais decidiram voltar para Recife ... aí meu irmão chegou e disse que eu precisava pensar, por que eu ganhava pouco - eu fazia uns bicos na área de computação - e sugeriu-me fazer um curso na empresa em que trabalhava, sobre operação de computador. Ai eu fiz, me empolguei muito e mesmo sendo ouvinte, porque o curso era para os funcionários da empresa, eu tirei 1.º lugar. Daí em diante, ninguém me segurou mais. De um dia para o outro eu praticamente troquei o esporte pela informática".

Andrê

Andrê comenta ainda que ia fazer Economia, mas que não sabia realmente se era Economia que queria e que o curso de

computação foi um estalo.

Na verdade, o "estalo" pode ser entendido como alguma coisa que estava sendo inconscientemente procurada. O projeto, até aquele momento consistia apenas em ir ã universidade para se graduar. Este foi o modelo socialmente transmitido e ao qual deveria corresponder.

Funcionário de uma empresa estatal do setor energético, trabalha como analista de sistemas e sente-se bastante satisfeito com a profissão escolhida:

"eu gosto de minha profissão porque eu acho que é uma profissão onde eu estou sempre criando, não é? Eu trabalho com coisas que a gente constrói, é uma profissão em que eu estou sempre criando; e o que eu crio eu vejo funcionando. É uma coisa muito interessante, você construir alguma coisa, projetar e depois ver o efeito daquilo; vê as pessoas satisfeitas... Eu gosto mais por isso, por que é uma profissão muito criativa. Quando você pensa que está dominando você, não está dominando nem 10%. Enquanto eu estou aqui conversando com você, estão a parecendo dez novidades na área que eu trabalho. Então é mais um motivo para eu gostar, por que coisa nova nunca é rotineiro".

Andrê

Para ele, as dificuldades que aparecem no trabalho estão vinculadas ao convívio com pessoas que não querem levar a sério o trabalho. Aliás, este é um aspecto

que é levantado por todos aqueles que trabalham no setor público.

Com referência à casa e a família, ele acha que há uma interferência no trabalho já que tem que dividir o tempo com a família também.

"as vezes eu queria render mais, pesquisar mais, porque eu sou um vibrador, se eu pu desse ficava vinte e quatro horas dentro de uma sala de computador, mas eu sei que também tenho que render para casa. Tenho que acompanhar minhas filhas, minha esposa..."

André considera que um bom profissional é aquele que reúne competência técnica, porque sabe "usar as ferramentas certas", "está aberto para as mudanças" e não faz "sujeira" com a empresa e com os colegas. Neste sentido a percepção que tem de si mesmo é de que é um bom profissional.

O relato sobre a profissão é grande e feito com muita empolgação, deixando transparecer que é aqui que encontra sua identificação maior.

Já para Cláudio, a escolha da profissão não veio como um estalo, mas sim decorrente de uma procura, onde o fator determinante deveria ser o gostar. O seu dilema foi encontrar dentro da Medicina uma área de atuação que lhe desse prazer, já que o gosto pela biologia fez com que optasse pela carreira médica.

"A minha opção de carreira dependeu só de mim. Quando eu entrei em medicina, meu grande projeto era encontrar alguma coisa que eu gostasse. Eu não sei dizer o momento em que aconteceu; o negócio veio deus e eu estou satisfeito com o que faço".

Cláudia faz um grande relato sobre o longo caminho percorrido até chegar à radiologia, deixando transparecer nas suas palavras que a dificuldade de tal escolha deveu-se às deficiências do curso.

De fato, como será visto em outros relatos, o momento da escolha é muito conflitada... quer seja porque o sujeito não sabe que curso seguir, quer seja porque dentro do curso, como é o caso de medicina, não se consegue decidir quanto à área de especialização.

Cláudio, a exemplo de André, também gosta muito da profissão e fala exaustivamente sobre ela.

"Eu gosto muito de radiologia. É uma área da medicina que eu acho que tem um pouco de psiquiatria... eu vejo o doente por dentro, só que eu vejo a patologia e não a cabeça. O ano passado eu fiz um curso de ultrasonografia e aí eu tenho me realizado muito, por que eu gosto muito de conversar com o doente e, na ultrasonografia, eu posso fazer isto. Eu gosto de fazer exame lento e passo uma média de trinta minutos com cada cliente e tenho aprendido muito... sobretudo com as mulheres, já que a

área de ultrasonografia tem muita a parte de ginecologia e obstetrícia".

Cláudio passa então a citar casos que ele acompanhou para ilustrar as razões pelas quais ele gosta de ultrassom. O seu relato é feito com muito entusiasmo e, como no caso anterior, ele reconhece que é preciso parar um pouco para não comprometer a vida familiar.

"Ultrassom me gratifica muito... E se eu não me questionasse um pouquinho sobre a questão de ficar em casa, eu mergulhava de cabeça... só que eu tenho plena noção de que se eu entrar de cabeça na profissão eu vou prejudicar o lado de cá... Agora, se você me perguntar se isso me frustra, eu digo que não, porque eu também gosto muito desse outro lado" (refere-se à família).

Embora tanto André como Cláudio refiram-se à família como um fator que interrompe, até certo ponto o seu envolvimento com a profissão, é preciso ressaltar que esta não chega propriamente a interromper ou a frear a profissão, como no caso das mulheres, onde se percebe uma ambigüidade em relação a estes dois setores. Na verdade, ambos percebem-se como bons profissionais e o que não investem mais em relação à profissão pode ser visto como uma meta ideal a que queriam chegar. É bom lembrar aqui que o tempo dedicado à profissão para cada um dos gêneros é significativamente diferente. Enquanto os homens traba

Tham dois expedientes e fazem cursos de especialização a noite ou mesmo em outro local, o mesmo não acontece com as mulheres. No caso de Cláudio, por exemplo, que passou alguns meses fazendo um curso em outro estado, esta experiência foi relatada por sua mulher como algo que não seria viável para ela, já que, no seu caso seria extremamente difícil deixar a casa e as crianças.

O discurso de Júlio é marcado sobretudo pela angústia que vivenciou na escolha do curso a ser seguido... Uma coisa que merece ser chamada a atenção é que, com exceção apenas de Sílvio, cujo projeto difere um pouco dos demais, conforme será visto mais adiante, todos os outros entrevistados não cogitaram em nenhum momento da possibilidade de não ir à universidade. Neste sentido, a dúvida ou a indecisão incidiu apenas sobre o curso a ser seguido, ou então, sobre a especialização a ser escolhida, o que evidencia que a ida a universidade constitui para este setor, um modelo já bastante estabelecido.

O discurso de Júlio sobre a escolha da profissão revela bem a dificuldade de sua decisão.

"... aí começou uma fase muito difícil na minha juventude... que eu acho inclusive que faltou a orientação dos meus pais, ou mesmo de um irmão mais velho... começou uma indecisão ... eu achava que não dava para engenharia... Eu havia começado a fazer o curso científico, aí abandonei e fui fazer

o 2º ano do curso clássico... e no 3º ano, mudei novamente de colégio e fui fazer curso para arquitetura... foi quando eu me desorientei completamente... Eu tinha começado o curso científico com a ideia de fazer economia, depois mudei para arquitetura e no fim do ano não fiz vestibular porque não sabia o que queria... Foi quando comecei a pensar em diplomacia... eu achava que era uma carreira bonita... viajava muito... aí procurei alguém que havia feito o concurso do Itamaraty e essa pessoa orientou no sentido de que para fazer este concurso, o melhor curso seria Direito ... aí eu fiz vestibular e passei"

Júlio

Apesar de não ter seguido a carreira diplomática e de não ter nem mesmo chegado a prestar o concurso do Itamaraty, Júlio não vê nisso uma frustração e fala do seu desempenho profissional com muito entusiasmo.

"Bom, eu gosto muito do trabalho e mais ainda da empresa em que trabalho, eu sei que é muito competitiva mas eu gosto... O trabalho me distrai, eu sinto até falta, não sei... a gente foge de outras preocupações... Você fica ocupado naquela hora, eu gosto de resolver coisas, gosto de redigir, gosto muito de redigir... talvez tenha sido positivo fazer Direito. Gosto de redigir cartas, petições, contratos, gosto de ver o resultado daquele esforço intelectual, gosto de fazer novas relações".

Júlio

Aqui nota-se que o trabalho é identificado com o prazer e com o fazer. A lógica da produção, da execução propriamente dita é um fator que, em maior ou menor escala, aparece em todas os depoimentos. O trabalho é visto sempre como algo que dá prazer e satisfação ao sujeito, independente do que eu chamaria "benefício social". Mesmo no caso de André, que se refere às pessoas que utilizam o sistema montado por ele, ainda assim, a tônica é criar algo que está sempre se superando, indicando que o processo criativo nunca acaba. O sentido do "aprender" também é bastante colocado. Cláudio, por exemplo, diz ter satisfação com ultrassonografia porque, na relação com o doente, aprende muito sobre coisas que nem imaginava. Aqui também, a "descoberta", a possibilidade de fazer um "prognóstico" sobre a situação do doente é um dado a considerar. A verdade é que a relação de "criar" e "descobrir", dá ao sujeito a sensação de adquirir um poder sobre a sua descoberta ou sua criação.

Fernando, um dos poucos a ter um projeto desde a infância, ou seja, ser médico, conta que a escolha da área de especialização foi também uma busca dentro do curso de medicina, o que o coloca numa situação semelhante aos demais. Isto pode ser visto, no relato sobre sua busca pelas áreas de Pediatria, Neurologia, Clínica Médica e Psiquiatria:

"Das cinco, diz ele, Neurologia não me era simpática. Mas, quando eu dei a cadeira de

Psiquiatria, eu resolvi estudar isso. Nunca me arrependi de ter feito Psiquiatria, estou satisfeito. Se eu tivesse que começar, faria a mesma coisa".

Fernando, ao falar do trabalho propriamente dito, é o único que faz colocações no sentido de que a gratificação é sobretudo marcada pela sua relação com o outro. Ou seja, é o outro que vai definir a sensação de gratificação. Ao contrário dos demais, é o único que menciona, embora não especifique quais, alguns "senões" com o trabalho. No seu depoimento, ele diz:

"Com relação ao meu trabalho, eu tenho uma série de "aindas". Procuro me manter coerente com aquilo que acho certo. Essa coisa de funcionário público que tem emprego ao invés de ter profissão me irrita terrivelmente. Eu trabalho numa área em que o paciente, além de indigente social e biológico, tem uma aparência psicológica terrível. Ele é desprezado pela sociedade, pela família ... É jogado lá. Em medicina se você não vê o lado humano, acaba tudo".

Aqui a interferência do social se faz presente no desempenho da atividade. O que se tem é uma preocupação até certo ponto "política" com a ordem das coisas. A indigência é um problema de pobreza crônica, revelando portanto, as disparidades sociais. É a capacidade de interferência nessa realidade que vai conferir a Fernando uma maior gratificação. É através disso que ele vai con

seguir, de certa forma, experimentar o "poder" médico de uma instituição pública de Psiquiatria:

"Eu acho que me sinto mais gratificado com os meus pacientes da instituição pública de baixo poder aquisitivo, que não exigem nada. Tudo que eu faço é bem recebido. Como uma coisa de que eles precisam... Mesmo que seja pouco, o paciente recebe como se fosse muito".

Fernando

Mas, é na área da Psiquiatria Psicossomática que ele diz ter sua maior gratificação pessoal. Professor de uma cadeira ligada a esse ramo, em uma das escolas de medicina local, ele diz que se realiza mais com o ensino dessa cadeira do que com o trabalho clínico:

"Ensinar me gratifica mais do que o meu próprio consultório..."

Perguntado por que se gratifica mais com essa atividade, Fernando dá a seguinte resposta:

"Não sei... eu acho que é porque eu tenho a chance de tentar mostrar ao aluno aquilo que eu tenho como meu próprio princípio. Qualquer aluno que vai lidar com o cliente precisa da relação médico/paciente, porque ele vai lidar com a dualidade. Vão ser três entidades. O médico, o doente e a doença. Quando eu fui chamado para ensinar essa ca

deira (Psicologia Médica) eu me identifiquei muito com ela, porque muita coisa que ninguém nunca me ensinou e que eu fazia empiricamente como meu próprio princípio, era objeto de estudo de que nunca ninguém havia me mostrado. Eu tinha a chance de abrir os olhos de alguém e que não tinha nada a ver com Psiquiatria puramente dita; qualquer pessoa que lidasse na área clínica tem necessidade disso. Então eu tento mostrar que Psicologia Médica e Psicossomática é obrigação de todo médico e não apenas de Psiquiatria".

É possível que o papel da descoberta seja semelhante ao da criação. Ao descobrir, o sujeito se identifica com algo que era buscado ou pensado de alguma forma. O processo da descoberta, confere ao sujeito um certo poder. E, no caso em foco, esse poder é também ampliado, na medida em que é ele o professor que vai ter a possibilidade de compartilhar com alunos a sua "descoberta". Mais uma vez fica evidente a relação da doação como forma de interferência. É a procura de interferir numa dada realidade, transformando-a, procurando preencher as lacunas que percebeu, dar o que não recebeu.

Embora todas as atividades tenham a sua "função social", o que se observa é que os sujeitos se gratificam em fazer. É ele mesmo que caracteriza uma relação com essa atividade como uma relação afetiva. Para mostrar quanto ensinar é para ele gratificante, Fernando faz o seguin

te comentário:

"Se me tirassem hoje, essa cadeira, seria uma grande perda afetiva".

No caso de Roberto, advogado, a escolha profissional sofreu uma forte influência familiar. Diz ele:

"Eu tinha dúvidas sobre o que eu queria fazer. Quando eu terminei o ginásio eu fiz o teste vocacional e o resultado foi que eu daria para as Ciências Humanas. Na minha família tinha muitos advogados; meu avô era advogado, o irmão do meu pai era advogado e meu pai me guiou p'ra isso, entendeu. Eu me entusiasmei e fui estudar Direito".

Roberto

Já a escolha da área de atuação foi avaliada de forma prática e objetiva:

"Eu optei ser advogado de empresa porque foi a primeira oportunidade que eu tive e conquanto eu achasse que o Direito Penal é mais humano, você começa a idealizar o Direito Penal ... defender certas causas na justiça... mas tudo isso não passa de um sonho; muito bonito até, no começo e no papel. Na realidade, eu vi que a concorrência profissional me dava mais chance no lado empresarial e eu comecei a me especializar nessa linha".

Os relatos sobre a profissão são extensos na sua maioria e neles os entrevistados contam alguma coisa que no momento estão realizando. Roberto fala sobre a participação que está tendo, juntamente com a diretoria da empresa e o sindicato da categoria de operários em ne gociação coletiva.

"É uma coisa envolvente, a gente... sei lá, tem muitas dúvidas, muitas questões, como é que eu posso contribuir para que as cau sas sejam mais justas? Justas p'ra minha empresa também, e justas para quem está reivindicando? Como é que agente pode com por este conflito que está surgindo? É muito atrante, é muito interessante parti cipar disso... Talvez por que seja um ti po de problema utilitário que me é trazido para resolver. É uma coisa nova, é um de safio, é uma forma que você tem para con tribuir para uma coisa melhor. É uma ma neira que eu tenho de dar alguma coisa de mim para que as coisas fiquem bem".

Aqui fica muito evidente a interferência na rea lidade como forma de gratificação. Ter poder sobre a rea lidade. Ao mesmo tempo, é a coisa nova, o desafio que atrai, a possibilidade da descoberta, de algo que por não estar determinada, ou planejado oferece o sabor da cria ção. É ele o sujeito da ação, da descoberta, da possível resolução do conflito entre empregado e patrão.

Roberto utiliza uma linguagem e uma maneira de falar bastante formal. Prolongou-se muito falando sobre o trabalho e falou desembaraçadamente.

Paulo é também advogado. Tem um emprego público e um escritório juntamente com o irmão. Em ambos, trabalha com Direito Civil e diz ter o mesmo tipo de gratificação. Critica também o setor público, chegando a estabelecer uma separação entre o seu trabalho e a justiça.

"O maior problema do meu trabalho é a justiça. Eu, como advogado, faço a minha parte e a justiça faz a dela. A nossa justiça em termos de Brasil, é o que agente pode chamar de "caiajastagem", de preguiça total, com juizes demais e ignorantes".

Apesar da forte crítica, Paulo diz se gratificar muito com o Direito:

"Gostar da profissão é justamente fazer o que dá prazer ... É como praticar um determinado tipo de lazer, com prazer. P'ra mim não há diferença entre ir a praia ou ir trabalhar. Faço os dois com o mesmo prazer. No meu trabalho, eu estou sempre procurando aperfeiçoar alguma coisa. Mesmo que seja uma simples execução, eu procuro olhar os detalhes e vê que benefício a mais eu posso trazer para os meus clientes. E isso me faz achar cada vez mais interessante o Direito, ... porque eu estou sempre encontrando alguma coisa nova. Eu me sinto muito bem mesmo.

Renato trabalha com Informática e pertence ao quadro de professores de uma das universidades locais. A satisfação com o trabalho segundo ele, é basicamente pela liberdade que tem em escolher o tema de trabalho.

"P'ra mim a facilidade que você tem em trabalhar com assuntos que lhe interessam é a grande coisa da universidade. Se você trabalha numa empresa, é ela que vai determinar o que você vai fazer e aqui, não, cada um escolhe. Por outro lado, o ruim aqui é a falta de condições de trabalho. O ano passado eu passei 6 meses tentando assinar um convênio entre a Universidade e duas empresas grandes d'aqui. É um trabalho sério, mas a coisa demorou tanto que eu desisti. Quando eu cheguei no Departamento em 82, estava tudo muito desorganizado, então eu e mais alguns colegas tentamos organizar juntos e melhorar o departamento. Eu trabalhei muito. Agora eu acho que para se ser um bom profissional é impossível compatibilizar vida familiar e trabalho. Isso para mim é muito claro. Eu sinto que poderia estar muito melhor no setor profissional, mas não só por causa das crianças, como também outros compromissos nossos têm uma repercussão muito grande na parte profissional...".

O discurso de Renato merece considerações: Como já disse, a satisfação é dada pela liberdade de escolha. Por outro lado, o ato de organizar o Departamento também lhe confere satisfação. É como se o seu trabalho se

tornasse imprescindível, ou seja, a sua importância, a sua sensação de poder, passa pela execução de uma tarefa que até então ninguém havia feito. Aqui, aparece novamente a vida familiar como um empecilho ao desenvolvimento da profissão, já colocado anteriormente por Cláudio. Nesta colocação aparece claramente o confronto entre o profissional que de fato é, e o profissional idealizado, ou seja, como gostaria de ser. Há sempre um projeto em se ser mais do que se é, indicando um forte compromisso com a ideologia do sucesso.

Entretanto, a referência à vida familiar como fator impeditivo do pleno crescimento profissional pode ser visto como um novo valor que se esboça entre o universo masculino, principalmente quando se considera que tal impedimento não é vivenciado como frustração:

"Agora se você me perguntar se isso me frustra, (refere-se a não poder mergulhar de cabeça na profissão) eu digo que não, porque eu também gosto desse outro lado"

Cláudio

O relato de Sílvio sobre o trabalho, em nenhum momento chega a ser entusiasmado. Palavras como rotina e acomodação marcam seu discurso. É possível inferir que, talvez, o "grande projeto" já tenha sido empreendido, já que, segundo ele na sua família todo mundo era orientado para entrar no Banco, pois esta era a única perspectiva:

"Trabalho de banco é rotineiro, não estimula muito mas eu me sinto bem. De um certo modo eu me acomodei... é, eu me acomodei, não quero nem mesmo passar para superior, a gente tem mais responsabilidades. Eu nunca pensei em fazer outra coisa afora o Banco. Eu acho que isso é acomodação e é até ruim. Eu gostava de ensinar matemática; acho que eu era um aluno que me destacava em matemática... mas falta estímulo, não sei... Mas eu gosto do trabalho, não é um trabalho intelectual..."

Sílvia

Aqui caberia perguntar se a idade não seria um fator a ser considerado; Sílvia, de todos, é o mais velho. Na época da entrevista tinha 44 anos. A acomodação e o desestímulo são percebidos por ele como algo "ruim" e que está definitivamente estabelecido. Por outro lado, há de se considerar também a natureza do trabalho. "É um trabalho rotineiro" - onde, portanto, a criatividade, a "coisa nova", o "desafio", o "contribuir para melhorar", a "liberdade" não podem ser vivenciados. O Banco é um emprego e não uma profissão. Essa diferença é percebida pelos atores. É Fernando quem coloca: ... "funcionário público tem emprego e não profissão". A profissão, portanto, permite, ao contrário do emprego, criar novos projetos que podem ser uma área nova para se trabalhar (ultrasonografia), um tema novo para pesquisar na informática, um novo problema jurídico para ser resolvido, ou novos alunos para aprender sobre medicina psicossomática, e

relação médico/paciente. É essa relação com a profissão que permite que ela seja considerada como lazer - é a capacidade criadora que o indivíduo vai desenvolver e o sentimento de potência que ele experimenta ao interferir na realidade, que lhe confere estímulo e a "inquietação" em busca para o novo.

- AS MULHERES E O TRABALHO

Uma vez apreendido o significado da escolha da profissão pelos homens, passo agora a examinar o mesmo tema com relação às mulheres. O exame em separado destas questões permitirá elucidar de modo mais claro as características comuns que as respectivas categorias possivelmente apresentam, ficando mais fácil estabelecer as diferenças entre elas. Em outras palavras, as características de cada papel ficariam mais claramente explicitadas se agrupadas.

De modo idêntico, a abordagem masculina, iniciari com a análise da escolha da profissão, para em seguida passar ao mundo do trabalho.

Andrêa diz que sempre gostou de estudar. Apesar de a mãe pressionar muito, ela reconhece que estudar era alguma coisa que gostava de fazer. Gostava especialme

mente de matemática, mas, ao terminar o ginásio, foi fazer o Curso Pedagógico porque estava noiva "de aliança no dedo" e, portanto, o caminho era o casamento. Como sentia falta de matemática, resolveu estudar essa matéria com aulas particulares, para fazer vestibular para o mesmo curso. No final fez vestibular para matemática e jornalismo, pois, segundo ela, "tinha muita facilidade para escrever". Inicialmente queria frequentar os dois cursos, mas o pai impediu que fizesse jornalismo por ser curso noturno. Depois de algum tempo, embora liberada a proibição, ela conta que "já havia passado a vontade" e que estava "entusiasmada" com o curso de matemática. Ainda assim, coloca que, até certo ponto, foi uma frustração não ter continuado o curso de jornalismo. A pergunta de se gostava do curso de matemática, respondeu de forma confusa:

"Gostava ... gostava de matemática. Pra mim hoje em dia, quer dizer, é difícil... está entendendo... porque também agora é a fase de menino pequeno, entendeu... quer dizer como eu disse a você, dois horários entende, faz uma confusão na minha cabeça, sabe como é... eu sinto que eu queria estar mais em casa, está entendendo? Eu estou numa fase que eu não sei se eu gosto ou não gosto, entendeu..."

Aqui, o relato de Andrêa reflete a incapacidade que ela tem de se individualizar, não sabe do que gosta. Mes

mo quando a pergunta se refere a um tempo passado, quando não havia "filhos", nem marido, não é capaz de estabelecer uma separação. O relato de Andrêa sobre a escolha profissional e o trabalho é marcado principalmente pela referência, ora aos filhos, ora ao marido:

"Quando terminei o curso de matemática fui p'ra São Paulo passei 01 ano e pouco, aí foi quando conheci Andrê".

O relato é o que se poderia chamar de "atropelamento" ... Ela não se refere ao menos ao que foi fazer em São Paulo. É no segundo momento, quando pergunto sobre o que ela fez em São Paulo, que fala sobre o Mestrado:

"Eu fiz 01 ano de Mestrado, aí comecei a sentir ... eu fiz na UNICAMP, passei 06 meses na UNICAMP e 06 meses na USP. Mas aí comecei a pensar: P'ra que? Eu não gosto de ensinar, não é? Aí, p'ra que é que eu vou fazer um Mestrado? Foi quando eu vim p'raqui não é, aí foi quando eu conheci Andrê, que tinha vindo de Brasília e trabalhava também em Processamento de Dados. Desde 17 anos que ele trabalhava em Processamento de Dados".

Mais uma vez aqui, ela se refere ao momento em que conheceu o marido, e deixa de falar dela, para falar dele. Depois continua:

"... Aí eu comecei a fazer curso na IBM e depois comecei a trabalhar na Empresa X, como analista. Aí, já comecei como analis

ta. Faz 08 anos que eu estou na X".

Andrêa não sabia exatamente porque havia escolhido matemática como curso. Considera que, aos 16 anos, ninguém tem condições de saber o que quer. Refere-se norem, ã possibilidade de ter gostado dessa matéria durante o ginásio. Hoje avalia que matemática é para quem vive dentro de uma universidade ensinando, ou vai ficar pesquisando o que para ela não dava nenhuma motivação. A mudança para área de Informática foi, segundo Andrêa, uma coisa dela mesma, mas ela não diz exatamente o porque

"Talvez por eu achar o campo (refere-se a matemática) restrito"...

Nesta altura do relato, volta novamente a falar sobre o quanto gostava de matemática na época do colégio e queixa-se de não ter tido orientação dos pais para a escolha do curso. O que surpreende aqui é que, de repente, Andrêa fala de modo entusiasmado sobre o quanto gostava de matemática, embora, logo adiante colocasse restrições:

..."Eu gostava muito de matemática, eu vibrava mesmo com matemática. Depois quando eu entrei na Universidade aqueles cálculos tudinho... aquele povo doido lá dentro, uma loucura"...

Apesar de gostar de matemática, a grande dificuldade é a de penetrar no mundo profissional... Os argumentos utilizados por Andrêa revelam tal dificuldade,

não sendo suficiente o fato de "vibrar com matemática". E assim ela vai adiando esse momento. Começa novamente um outro curso na IBM e passa então a trabalhar na Empresa X.

Embora diga que, na época em que estudava, o es tudo representava

"uma libertação para mim... uma possibilidade de ter meu emprego, ser independente, me livrar daquela família"

o que se depreende do relato de Andrêa é que este momen to foi de certa forma adiado.

O início do trabalho na empresa, foi vivido com muita empolgação, como diz a entrevistada, mas, ainda aqui, evidencia-se a dificuldade em vivenciar sozinha es te período:

"O meu início na empresa foi uma maravilha não é? eu vibrando, não é, porque aí ... sem filho, sem nada ... entendeu? O ano que eu entrei, foi o ano que a gente casou; nós casamos em setembro e eu entrei em novembro; mas passei um ano para engravidar não é, e dois anos para vir a primeira filha. Esses dois anos foram de vibração, de dedicação total, era eu e André somente, que também trabalhava com Processamento de Dados, quer dizer os dois, então foi aquela empolgação. Mesmo eu grávida, eu me lembro que não me sentia nenhum pou

quinho cansada como eu estou hoje. Depois veio Quinha, aã aquele problema! ... Sem empregada p'ra voltar a trabalhar, deixar minha filha de 04 meses o dia todo pra ir trabalhar... Eu teria duas opções na vida: ou seria uma mãe nos mesmos moldes da minha mãe (Andrêa considera que a mãe não dava atenção aos filhos) ou seria o oposto, não é? ... E eu resolvi ser o oposto, fui assim aquela... quase 'super-mãe', que sô falta morrer, estã entendendo, pelas meninas".

Este discurso evidencia de forma significativa o conflito de papéis experimentado pelas mulheres desse grupo. De fato, a dificuldade não está em escolher ou preferir um papel a outro, pelo menos no caso de Andrêa o que se pode observar é que o papel predominante é o de mãe. A dificuldade dela está em ter que viver o outro papel, o de profissional, que, de fato, em nenhum momento, ela vivenciou plenamente. Mesmo antes do nascimento das crianças, a gratificação com o "novo trabalho" é colocada junto como o fato de também o "marido" ser da mesma profissão. O que se pode observar é que em Andrêa, o papel predominante é o papel complementar de que fala MATA (1980: 170) - mãe e esposa. Existe uma dificuldade concreta de vivenciar ou perceber a própria individualidade. É o gostar de André que ela toma emprestado para, num segundo momento abandonar pelo amor da filha, por quem sô "falta morrer". É o trabalho que a impede de viver a totalidade desse novo papel.

"Trabalho hoje para mim ... é uma carga ho
je em dia, mas largar também... não sei, en
tendeu? Se eu tivesse de optar eu optaria
por ser mãe... Já passei horas aqui nesse
mesmo sofá conversando sobre a possibilidade
de de deixar o trabalho. Agora mesmo, es
tou numa fase em que me sinto sufocada:
perto de ter nenem, atolada, sem ter tempo
nem para respirar".

Essa é a concepção a respeito do trabalho para Andrêa no momento em que foi feita a entrevista.

Colocada a questão de porque não abandona o traba
balho, o dinheiro aparece como causa principal:

"Olhe, em primeiro lugar por causa do di
nheiro viu, com a crise do jeito que está!
Eu perder minhas regalias, minha filha !!!
Viver de salário de marido, p'ra reclamar
tudo! A gente com o dinheiro da gente, ele
ainda reclama, imagine se o dinheiro for
dele!! Agora, se eu ganhasse bem pouquinh
o eu acho que eu deixava... Como você
vê a profissão não é tanto para mim... por
que eu tenho amiga que diz que queria traba
balhar até se fosse lavando roupa".

Nesse ponto do discurso, novamente é recolocada a ambigüida
dade em que vive Andrêa, ficando claro que, entre os valores
res introjetados, o trabalho também aparece:

"Quer dizer (refere-se ainda ao fato de deini

... (de trabalhar) por causa do dinheiro e também para ter uma ocupação fora de casa, assim uma realização. No fundo eu sinto isso também, mas é que eu estou muito aba fada entendeu, por causa do tempo. Se eu tivesse mais 24 horas! O tempo é muito pouco para mim... essa rotina, está entenden do?... Eu estou há quase 01 ano sem f é ri as, gr á vi da, é o terceiro, que veio fora de ho ra, sem planejar... você repare, está tu do, não é? Agora estou ótima, mas quase que eu pi r ava, não é?"

Essa parte do discurso, como disse anteriormente, revela que de, alguma forma, a existência de uma ocupação fora de casa é valorizada. Um outro ponto me sugere que, em bo ra Andr ea diga que se pudesse optar optaria por ser mãe, a vinda de mais um filho é vivenciada com muita angústia e com uma forte sensação de "sufoco" (Eu estou aba fada). Andr ea atribui este sentimento ao fato desta última gravi dez não ter sido planejada ao contrário, das outras duas que foram muito "curtidas" e vieram na "hora certa".

A dificuldade que se coloca, portanto, é estabe lecer até que ponto, ser mãe ou ser profissional consti tui cada um isoladamente um "projeto".

Júlia é formada em Direito e trabalha como ad vogada com o pai, na empresa da família. Considerando-se sempre muito estudiosa, Júlia fala do projeto dos pais em relação à escolha profissional.

"Meus pais sempre me incentivaram para que eu fizesse uma faculdade, mas não propriamente Direito; eu acho até que eles preferiam que fizesse outra coisa... Mamãe não gostava da carreira de advogada e papai foi sempre mais de Engenharia. Ele queria que eu fizesse Arquitetura, por causa da firma de construção dele".

Embora Júlia tenha recebido a "orientação" que outras reclamam não ter tido, não seguiu o caminho indicado pelos pais, o que não significa, porém, que soubesse o que queria ou do que gostava:

"... Se eu voltasse hoje no tempo, eu acho que não escolheria mais Direito... É que na época não tinha realmente nada de que eu gostasse muito... Eu gostava muito de Jornalismo, mas não sei, talvez na época, Jornalismo fosse uma carreira menor... Aí eu fui fazer Direito porque é uma coisa mais ampla, dá margem para você fazer várias coisas. Mas nunca tive, sabe, uma carreira assim ... que eu vibrasse. Hoje em dia eu acho que eu prefiro uma carreira mais ligada às pessoas... Talvez Psicologia ou Sociologia... uma coisa ligada com pessoas... Não que Direito não seja; mas o meu tipo de trabalho me deixa muito isolada. Talvez seja mais do trabalho do que da carreira".

O que se observa é que a escolha dela é dificultada pela real consciência do que se pretende fazer após

a carreira. É como se isso, de alguma forma, fosse impossível de ser pensado, já que se chega a um momento onde o casamento deverá ocorrer. Dessa forma, para a mulher a idéia da profissão é interrompida. O relato abaixo pode ser ilustrativo:

"Quando eu estudava Direito, eu pensava assim em trabalhar, fazer alguma coisa, nunca pensava em ficar em casa só cuidando de menino, pensava em fazer alguma coisa, mas também não tinha assim... uma coisa definida... e eu acho que isso prejudicou, porque quando você tem uma meta, aí é mais fácil, você vai atrás... Depois eu me casei logo que me formei, aí atrapalhou muito. Casamento com profissão, não é? Eu fiquei meia"...

A impressão que se tem é que a mulher sofre uma interrupção. Júlia, por exemplo, diz que gostava muito de estudar, fez Curso de línguas, mas, de repente, não consegue dar continuidade aos projetos ligados a uma vida profissional. É que, embora, esta geração tenha sido estimulada a estudar e freqüentar uma universidade, ainda é bastante forte a socialização para o casamento e para a maternidade. E não apenas isto, mas também se coloca a percepção da impossibilidade de conciliação... O modelo materno aqui se impõe: primeiro os filhos depois o resto...

Aqui novamente se repete o que aconteceu no curso anterior: a escolha da profissão e o significado do trabalho são interrompidos, por referências ao casamento

e/ou filhos. Mas o que chama a atenção nos dois casos é o fato de, mesmo antes do casamento, já haver, de certa forma, uma atitude, uma expectativa de algo que deverá acontecer e que, portanto, impedirá a existência de um "projeto profissional". As dificuldades com relação à profissão não surgem quando a mulher se casa e/ou tem filho, mas anteriormente, ainda quando se trata apenas de uma possibilidade.

Com relação ao desempenho da profissão, o relato de Júlia é o seguinte:

"Eu gosto sabe, quer dizer, eu gostei mas agora eu acho que está um pouco monótono, porque é uma coisa que não enriquece muito, com uma rotina, sabe, é a mesma coisa. Eu cuido do Setor de Pessoal da firma, procuro sempre estar atualizada e integrada com a parte trabalhista, previdenciária, mas para mim, eu acho que já chegou num ponto que não tenho mais nada para aprender".

Para Júlia, a ausência do que "aprender" e a rotina são fatores que impedem uma maior satisfação no trabalho. A pouca satisfação encontrada é proveniente da quebra da rotina do mundo doméstico:

"... sempre dá certas realizações, está fazendo alguma coisa que não é ser só dona de casa. Sair e ver gente, sempre dá a chance de você ver coisas, embora seja limitado. Depois tem a parte financeira... eu acho que é importante porque eu jamais pos

so viver dependendo do meu marido... Depois s̄o o fato de voc̄e sair de casa!!! por que eu acho que ̄ triste voc̄e passar o dia em casa... ̄ criana, ̄ empregada, n̄o ̄".

Mais uma vez aqui a referência ̄ parte financeira, ̄ independência do salário do marido e, sem duvida, o fator de maior realizao para as mulheres. ̄ atraves da aquisio do seu proprio salário que se percebem como dissociadas do marido; a liberdade para "comprar" "o que quiser". Julia refere-se sempre ao fato de que já devia ter comeado algum curso ou fazer algum concurso. Há uma vaga indicao de áreas de interesse como o Direito do Trabalho, onde ela diz encontrar "coisas interessantes para fazer". A sua visoo sobre o que considera ser um bom profissional ̄ marcada pelo saber fazer, saber responder o que lhe ̄ perguntado, ser competente, ser reconhecido pelo que faz. "E entender do seu assunto". Neste aspecto no se considera competente:

"Eu no estudei mais nada; dez anos parada, quer dizer, eu leio, alguma coisa de Direito do Trabalho, mas eu acho que eu poderia ser muito mais (competente) se eu estudase realmente. Porque eu acho que para ser um bom profissional, em primeiro lugar ̄ preciso estudar e pesquisar; estudar muito e se dedicar muito".

"Eu no tenho tempo, o tempo ̄ preenchido com outras coisas... e resta pouco tempo pra voce estudar; ̄ somente... levar menii

no p'ra natação, levar menino p'ra ballet, levar menino p'ra ginástica; quer dizer seu tempo é todo preenchido. Eu trabalho um expediente e o outro é sempre com os me ni nos; são as tarefas de casa .. eles exigem muito. Também eu deixo que eles exijam... Eu fiquei com pouco espaço para mim... A hora que você tem é de noite, mas a i a no i te, você tem o marido e você tem que dar um pouco de atenção. Você não pode se tran car no quarto p'ra estudar o tempo todo. Agora, eu acho também que a gente põe cer tas desculpas, eu acho que se você quis es se mesmo você faria não é? ... Quando você quer mesmo uma coisa, mesmo sendo difícil, talvez você consiga. Eu não sei se real mente há uma impossibilidade ou se é um pouco de comodismo ... deixando as coisas passarem, porque eu estava muito parada".

Neste trecho, o discurso de Júlia reflete o seu papel complementar mãe e esposa se sobrepondo ao individual. Há também uma assunção das impossibilidades que ela mesma se coloca, para não ser competente na área profissional. A descontinuidade de papéis aparece mais uma vez aqui e pode ser ilustrado pelo trecho seguinte:

"Eu sempre fui estudiosa... Eu fui primeiro lugar no vestibular e fui 3^a no Curso de Direito, hoje em dia eu não sou nada... e pela minha formação de estudante, eu tinha condições de ser muito melhor".

A percepção que Júlia tem de si mesma indica que ela tem em mente a existência de um outro papel sobre o qual ela própria tem expectativas, mas que não consegue levar adiante. Ao contrário da socialização masculina que é linear e definida, a socialização feminina é ambígua e contraditória. A mulher é estimulada a estudar, mas não a exercer a profissão e a ser apenas parcialmente independente.

Renata é formada em Psicologia e tem pós-graduação na Europa. No momento está fazendo um curso de Mestrado. Como atividade profissional Renata ensina a cadeira de Psicologia em duas instituições universitárias. Quando se refere a escolha da carreira, Renata diz que, durante o curso ginásial, gostava muito de História e que se definiu pelo curso clássico, já pensando em fazer Ciências Humanas. Já a escolha de Psicologia foi decorrente de uma cadeira que deu no clássico:

"Aquele estória de conhecer o outro e de ajudá-lo me impressionou. Essa estória de ajudar o outro é passada pela Religião, mas na minha escolha prevaleceu o Social. Era o que me parecia mais indicado na época, mas agora não me parece mais. Fui para Europa e fiz pós-graduação em psicologia, e agora estou fazendo Mestrado. Todo o meu trabalho em Psicologia Social tem sido para criticar essa psicologia que está aí. Atualmente me sinto muito satisfeita com a carreira, ela está bem delineada na minha

cabeça. Antes eu tinha uma grande pergunta: Psicologia ou História? Agora já encontrei a intersecção da Psicologia com a História".

O discurso de Renata já é menos contraditório. Percebe-se uma certa continuidade entre os estudos feitos no curso secundário e os estudos feitos na universidade, tanto a nível de graduação como de pós-graduação. Embora, posteriormente, Renata fale nos filhos e na casa como empecilhos a sua vida profissional, aqui já é possível antever uma característica específica: não se referiu aos filhos, nem ao casamento. Com relação ao trabalho, Renata conta de que forma consegue conciliar o desempenho profissional com a atividade doméstica

"Quando eu cheguei (da Europa) passei um ano trabalhando de graça para uma equipe de professores da cadeira de Psicologia que pretendiam criar um curso de especialização em uma das instituições em que eu ensino. Como resultado, ganhei uma das cadeiras do curso de pós-graduação. Depois fui contratada e há três anos que eu estou dando aula. Mas agora eu estou começando a me cansar... quero dar aulas com seriedade e só levo, como dizia meu avô, bordoadas... o que pagam é muito pouco para o que eu tenho dado. Em termos financeiros, eu pago para trabalhar... Se somar o que eu ganho, com o que eu gasto, para não depender de pessoas, ou seja, com gasolina e escola p'ros meninos, dá quase a mesma coisa

sa. Agora, num outro nível, as recompensas têm sido grandes. Nesses dois anos eu produzi muito, publiquei textos... da parte dos alunos começa a haver um reconhecimento pelo meu trabalho, inclusive tenho ouvido elogios ao meu trabalho, só que eu acho que tem sido muita luta, para pouca recompensa financeira".

A insatisfação de Renata com o trabalho reflete mais as dificuldades objetivas que ela encontra por parte da instituição do que mesmo por questões ligadas à casa. Na verdade, essas, apenas se somam, mas não chegam a ser um fator determinante. Um outro ponto que merece destaque é que Renata é uma das poucas mulheres que têm consciência do seu próprio valor.

"Então, agora, o que entra da minha parte está saindo, e eu estou sentindo o que é o peso de um salário que entra no orçamento familiar. Agora mesmo eu recusei duas ofertas, porque também as coisas têm limite, entendeu?"

A insatisfação de Renata decorre de situações objetivas do trabalho. A interferência das crianças é concreta na medida em que ela tem que "pagar" para trabalhar. Então, na medida em que o ganho é menor, ela passa a ter um déficit concreto no orçamento. A isso junta-se a opção do marido em deixar um dos empregos; é o "projeto dele" que se sobrepõe ao dela, como também passa a ser dela a cota de sacrifício; recusar em parte um trabalho que

em si é gratificante. Ao mesmo tempo, a valorização do trabalho numa sociedade capitalista está diretamente ligada à remuneração. Ser bem sucedido, como já foi dito anteriormente, significa, antes de mais nada, ser bem remunerado. No caso de Renata, recusar turmas é, até certo ponto, uma forma de se impor, de valorização do próprio trabalho. Surge aqui, entretanto, uma questão que me parece importante: é a que se refere a escolha da própria atividade ... Psicologia não é conhecida como alguma coisa que "dê dinheiro". Ao contrário de Renato, o marido, que rejeitou Agronomia com que tanto se identificava por não remunerar bem, Renata abraça uma profissão através da qual ela acredita poder "ajudar o outro". Mesmo quando descobre que a questão é social, ela passa a se dedicar à Psicologia Social evidenciando, dessa forma, o caráter "afetivo" na escolha profissional em detrimento do caráter pragmático.

É somente quando se colocam condições concretas relativas à falta do dinheiro, que ela assume uma postura mais "pragmática" em relação à profissão e passa a se incomodar em "dar mais" do que "recebe". O que é interessante em Renata é que, no lidar com o trabalho, a sua atitude se aproxima bastante da atitude masculina: procura sempre aprender, "estuda muito", "cria ementas", "produz textos", mas, por traz da escolha e da postura inicial, se revela uma atitude bastante comum nas mulheres de camadas médias que é a de não se preocuparem muito com dinheiro. A ava

liação do projeto profissional com o desempenho da maternidade revela uma adaptação "equilibrada" entre os papéis, se considero que ambos sofrem reajustes significativos:

"Depois que os meninos nasceram, a mudança foi radical. Quando meu primeiro filho nasceu eu estava na Europa... Ele tinha hábitos muito regulares. Então, pela manhã, eu ia à Biblioteca e trazia os livros p'ra casa, a tarde eu passava com ele e a noite eu trabalhava diariamente de 21 às 24 horas. Quando eu tive o segundo filho eu estava aqui; um mês após o parto eu já estava trabalhando. O primeiro eu levava p'ra escola e o segundo eu levava comigo p'ra aula, porque eu estava amamentando. Assistia aula lá na Federal com ele... deixava na Secretaria e quando ele chorava, a secretária vinha me chamar. Passei 15 dias assim com ele, até que arranjei alguém para ficar com ele meio expediente. Eu também deixava com mamãe ou minha sogra. A noite, quando eu dava aula, era Renato que ficava com ele. Agora, houve uma constatação de que trabalhar era fundamental para mim, que eu não ia aguentar ficar em casa.

Aqui, ora é a esfera pública que entra na esfera privada e ora é a esfera privada que entra na esfera pública. Os arranjos que Renata faz evidenciam a importância que assume para ela o trabalho extra-doméstico. É, inclusive, no momento em que esta atividade se torna mais intensa, ou seja, com a chegada dos filhos, que ela percebe a importância de levar à frente o seu projeto profissional.

"Eu não ia aguentar ficar em casa só tomando do conta de menino".

Mais uma vez aqui, está implícito o desgaste provocado pela rotina doméstica em contrapartida às novas situações que provavelmente ocorrerão no mundo do trabalho.

Renata se considera uma boa profissional, pois, para ela, seriedade e responsabilidade são fundamentais na atividade que desempenha:

"As limitações são por causa das crianças e mesmo assim eu consigo fazer, apesar de ter quase tudo contra mim".

O discurso de Renata é marcado por um tom obstinado e racional "sou muito exigente comigo mesma" diz ela; leva à frente seu projeto, apesar das limitações. A leitura de outros trechos da sua entrevista revela que sua grande preocupação é não se sentir uma mãe frustrada, como acha que foi a sua mãe, na medida em que ela e os irmãos constituíram "limitações" que certamente a mãe não conseguiu superar. Embora, em maior ou menor escala, haja um consenso em romper com o modelo de mãe que se vivenciou, Renata reelabora não só o que viu na própria casa como também no modelo embutido na sociedade como todo.

Paula é médica e atualmente trabalha com câncer em crianças. A escolha da carreira se deu basicamente porque queria fazer Psiquiatria. Considerava que ti

nha muita facilidade para perceber as angústias e as emoções e que sempre valorizou o sofrimento do ser humano. Enfatiza que o aspecto financeiro nunca entrou no rol de suas preocupações. Apesar de ter o que se pode considerar um projeto definido, Paula várias vezes muda de trajetória até que acaba por trabalhar provavelmente, com algo em que nunca havia pensado antes. Assim, o projeto tem dois momentos, o de sua concepção, ou seja, aquele em que a partir de algumas condições dadas o sujeito fantasia sobre ele, e o da realização, onde muitas vezes ele muda de rumo, indicando uma redefinição da idéia inicial, marcada por um "acaso". Paula por exemplo, fala da primeira mudança de sua trajetória:

"Eu fazia um estágio em Psiquiatria muito bom e tive contato com um paciente que eu diagnostiquei como portador de um quadro neurológico e não de doença mental. É isso fez com que eu sentisse a necessidade de me aperfeiçoar em Clínica Médica".

Ou seja, é na vivência e no cotidiano que as coisas se definem ou redefinem. Por outro lado, a não preocupação com o aspecto financeiro indica numa posição típica feminina: ajudar os outros, essa é a preocupação fundamental de Paula. Parte então para fazer Clínica Médica no Sul do País, levada, segundo ela, por uma "desilusão amorosa", "foi uma fuga completa". Lá faz concurso para o INPS e pede transferência de volta. Nessa transferência, é colocada para dar um único plantão durante a semana, o que a

deixa muito angustiada.

"Não por causa do aspecto financeiro, o que eu ganhava me bastava na época",

diz ela, mas porque não podia realizar o tipo de medicina de que gostava.

"Medicina de urgência é importante, mas eu não queria atender um doente de emergência e nunca mais ter contato com o doente".

Fala então que queria fazer alguma coisa que gratificasse mais, que desse algum retorno e o retorno é justamente o acompanhamento do paciente. A gratificação está diretamente ligada ao processo de cura ou melhora do doente. Pe^{de} então transferência para um dos grandes hospitais do INPS, existentes aqui.

"Eu sabia que estavam precisando de Hematologista e como no meu estágio no Sul eu tinha trabalhado 6 meses nessa área, eu disse que queria Hamatologia para conseguir a transferência".

Uma vez transferida, foi chamada para trabalhar com Pediatria.

Com relação à satisfação com o que faz, Paula considera-se insatisfeita; inclusive acha que não faria medicina outra vez. Considera que é mais pela insegurança que experimenta no seu cotidiano; embora se questione sobre se esta insegurança é devido à profissão ou a ela

própria, de modo que, não importa o que fizesse, seria sempre insegura. Mas Paula vai mais além e coloca que talvez sua insegurança esteja ligada ao fato de ser mulher:

"Eu acho que talvez essa insegurança tenha a ver com o fato de ser mulher. Eu me sinto muito explorada. Por exemplo, quando o meu chefe está no Hospital ele é muito solicitado; eu só sou solicitada quando ele não está... Eu sei que ele é mais velho, tem mais conhecimento, mas mesmo assim... Eu acho que eu estou muito influenciada por Simone Beauvoir que eu li recentemente e me identifiquei muito... Ela diz que as mulheres nunca almejam postos e se conformam em ser meras assistentes de figuras brilhantes".

Questiona-se também muito sobre o sofrimento do paciente:

"Atualmente eu sou mais ligada ao grupo de oncologia pediátrica, que é o único serviço no Nordeste. Diariamente eu trato de câncer em crianças. Eu não sei até que ponto o sofrimento do paciente me abala! P'ra mim, ir p'ro Hospital custa muito, mas quando eu chego lá, eu consigo me relacionar bem com os pacientes".

Do discurso de Paula é possível inferir que talvez a angústia seja gerada principalmente pelo confronto que ela estabelece entre a sua fantasia do que é "ser creditada", ser reconhecida, ser enfim um bom profissional, e a sua realidade objetiva, o que faz concretamente. Nes

te sentido, esse é um tipo de angústia de certa forma co
mum entre as mulheres.

*"A mulher p'ra ser boa tem que ser muito me
lhor que o homem".*

Talvez seja a própria consciência das limitações do fato de ser mulher que cria uma angústia estruturalmente femi
nina. Principalmente na área médica existem ainda pre
conceitos por parte de pacientes que são querem ser atendi
dos por "Médicos" - é o que conta Fernanda, que também é
médica e cardiologista. Mesmo os elogios que Paula rece
be não são suficientes para que ela sintasse segura -
E aqui me surge um questionamento, não seria a segurança
um atributo masculino, que é consequência de um treinamen
to ou socialização? Aqui, cabe lembrar que a mulher do
grupo estudado, via de regra, é estimulada para ser estu
diosas, mas não profissionais. Num determinado momento da
sua trajetória ela sobrepõe o casamento e os filhos ao
seu projeto profissional. Isso é mais claro em casos co
mo o de Júlia, Andréa e Roberta. No caso de Paula e Rena
ta por exemplo, o desgaste e a angústia aparecem no momen
to em que não percebem um reconhecimento pelo seu traba
lho ou ao nível financeiro, como é o caso de Renata, ou ao
nível de competência propriamente dito, como é o caso de
Paula que, embora competindo com o chefe, não assume pu
blicamente essa competição. O que é curioso é que todas
as duas consideram-se boas profissionais. O relato de Rena
ta já foi visto anteriormente, veja-se agora o de Paula.

"Um bom profissional p'ra mim é aquele que tem a consciência do que está fazendo, quer dizer, é aquele profissional que tem que saber e ter a responsabilidade p'ra saber fazer aquilo bem entendeu?... E também gostar do que faz. Quanto a mim, eu não sei ... por que eu vou entrar numa contradição eu me considero honesta com aquilo que eu sei e digo entendeu? ... O meu interesse é o paciente, eu não visó o lucro, então nesse sentido eu me considero uma boa profissional, apesar de não gostar do que faço".

Paula queixa-se também do momento em que tem que assumir definitivamente a vida profissional:

"Até terminar residência você não é responsável por nenhum serviço, tem alguém lhe acobertando. E a partir do momento que você se torna profissional, aquele período de formação acabou, você ai tem que partir p'ra outra, é um momento muito difícil, não é? É uma quebra, uma ruptura, porque você é responsável por todas as suas atitudes, não tem ninguém para lhe cobrir".

Aqui, como já disse anteriormente, o momento de assunção da profissão é vivenciado com muito sofrimento e resistência, mesmo entre as que, ficaram protelando, arranjando novos cursos, como que para adiar este momento.

Embora o discurso de Paula revele uma característica diferente, ou seja, o fato de que dificuldades, limitações e angústias são colocadas como coisas liga

das unicamente a ela, a referência ao envolvimento emocional com os pacientes, sugere uma transferência do sentimento maternal para com eles já que se trata de crianças de certa forma condenadas e, por outro, o stress que experimenta em relação às filhas, onde o aparecimento de qualquer sintoma gera a suspeita de doença maligna. Neste caso há também uma interferência dos sentimentos próprios de cada área, ou seja, do mundo público e do mundo privado. Aqui, as crianças não vão ao mundo do trabalho, mas vai a sua representação e o seu significado, como o contrário também é verdadeiro, ou seja, os sentimentos de ameaça do mundo do trabalho vêm para a esfera doméstica. Fica evidente, portanto, a dificuldade encontrada pela mulher em dissociar seus papéis ligados ao mundo doméstico dos papéis vivenciados no mundo do trabalho.

Para Roberta, o processo de escolha da profissão foi marcado principalmente pela busca de algo que não exigisse muito esforço. Roberta considera que sempre foi muito estudiosa e muito responsável. Tirando sempre os primeiros lugares tanto no curso primário como no curso ginásial e no curso pedagógico, acredita que, com isso, aprendeu a perder e procurava sempre o caminho mais fácil: o curso pedagógico inclusive, foi escolhido por medo de enfrentar o curso científico que chegou a começar.

"Eu fui fazer o curso científico no Colégio Vera Cruz, aí por conta de uma matéria que eu nunca tinha dado, aquilo se tornou

para mim um bicho de sete cabeças, porque eu estava acostumada a ser primeira, sabe... Então eu voltei para o colégio em que eu estudava anteriormente".

Essa atitude, é caracterizada por Roberta como uma fraqueza de sua parte e falta de força dos pais para mostrar-lhe a capacidade que tinha.

A opção pelo curso de Ciências Sociais foi, como ela mesma disse, "uma opção preguiçosa", pois, segundo ela, a sua "vocação" era "Arquitetura", mas o medo da responsabilidade, a preguiça, impediram que seguisse essa carreira. O resultado foi, em suas próprias palavras:

"Eu não senti nenhuma emoção por ter tirado primeiro lugar no vestibular. P'ra mim aquilo não significou nada, não fiz esforço nenhum! ...

Nota-se aqui uma auto-desvalorização, inclusive porque ao mesmo tempo em que enfatiza o fato de nunca ter feito nenhum esforço p'ra nada, é ela que diz que sempre foi estudiosa e responsável. O que chama atenção é que, em nenhum momento, refere-se ao que "gosta". Refere-se apenas que as matérias não exigiam muito dela, mas não ao fato de gostar ou não gostar.

O caso de Roberta é outro exemplo da ambiguidade de da socialização feminina. De um lado, estimulada a ser estudiosa e responsável, de outro, conduzida para

não se lançar, não se tornar independente, continuar protegida e acomodada. É preciso que esse conflito se potencialize para que Roberta tome uma decisão no sentido de fazer alguma coisa que seja compatível com a capacidade que avalia ter. É quando, já depois de casada, resolve fazer concurso para o Banco Central e, posteriormente, para Fiscal de Rendas. O desafio enfrentado por ela consiste justamente em estudar coisas que até então "nunca havia visto na vida", como Contabilidade, Economia, Administração, Direito Civil, Direito Comercial, Matemática Financeira, etc.

"Foi aí que eu senti como era gratificante conseguir alguma coisa com esforço. Coisa que eu nunca tinha sabido o que era, entendeu?"

A trajetória no trabalho também é marcada pelo mesmo sentimento que marcou os estudos: logo que se formou, começou a trabalhar numa instituição ligada ao menor. No entanto, não gostava do emprego; achava que exigia pouco dela, chegando mesmo a desdenhar do que fazia com facilidade, como diz ela:

"Analisando hoje, eu vejo que isso foi uma continuação de tudo que eu sempre fiz: conseguiu lãureas sem muito esforço. Chegou a um ponto em que eu fiquei cheia de tudo, o salário não era grande coisa, o trabalho não requeria muito de mim, o povo me dava um valor que eu achava que não tinha"...

Mas, talvez seja na representação sobre o trabalho que desempenha hoje em dia, que fica mais claro o conflito de Roberta.

"Hoje eu sou Fiscal de Renda e estou satisfeita, porque eu tenho tempo p'ra mim, tempo p'ra ser mãe, que eu gosto de ter tempo p'ra ser mãe, tenho tempo p'ra ser mulher que eu gosto de ser mulher e o salário me é gratificante - que é também muito importante... Agora não foi fácil, não foi fácil porque eu tive que acabar com a menina mimada que tinha as coisinhas muito prontinhas".

Três coisas ficaram evidentes deste trecho: em primeiro lugar, a satisfação com o trabalho se dá na medida em que este permite que seu papel de mãe e de mulher possa ser efetivamente vivenciado, indicando que a identificação se dá principalmente através deles; em segundo lugar, o trabalho é gratificante na medida que remunera, permitindo uma certa independência em relação ao marido e, em terceiro, a valorização é dada mais pelo pouco esforço que exige do que pelo prazer de sua realização.

Na verdade, o relato de Roberta sobre o trabalho é antes de mais nada marcado pela referência às suas dificuldades em assumir um desempenho profissional mais gratificante. Por outro lado, o questionamento e as reavaliações da vida indicam uma certa psicologização que,

segundo GILBERTO VELHO, é bem próprio de setores da cama
da média urbana (1981).

A análise da biografia de Roberta mostra que o conflito de papéis marca tanto a sua história profissio
nal como também o mundo doméstico. É a dificuldade de as
sumir de forma preponderante um dos papéis que impede que ela esboce, de forma razoavelmente clara, um projeto. Mes
mo quando se refere ao fato de ser estudiosa e responsá
vel, parece referir-se a um modelo de filha:

*"... eu sempre fui muito responsável, sem
pre fui estudiosíssima, eu sempre fui uma
filha que não dava trabalho, muito boa ca
beça, ajuizada".*

E que portanto, sempre correspondeu direitinho às expecta
tivas existentes a seu respeito. Na atividade que desem
penha, acredita que o fato de ser mulher, se atrapalha de
um lado, ajuda de outro. Atrapalha no sentido de que
é mais difícil de impor confiança junto às firmas que vai
fiscalizar, já que precisa vasculhar a contabilidade; e
ajuda no sentido de que jamais houve qualquer tentativa
de suborno com "propina". Com referência aos colegas, en
tretanto, afirma que o relacionamento é muito bom, não
existindo qualquer tipo de discriminação.

Fernanda é médica com especialização em cardio
logia. Trabalha em três lugares: em um hospital de uma
das forças armadas, na clínica da família do marido e em

um hospital público que diz ser onde realmente se realiza.

Entre as mulheres entrevistadas, Fernanda é talvez a que apresenta em relação à profissão um alto grau de vibração e entusiasmo. Proveniente de uma família de origem humilde, como ela diz, desde cedo teve que trabalhar muito. Mas foi a morte do pai que impôs a Fernanda uma realidade em que ela teve que assumir papéis antes desempenhados por ele. Em outras palavras, com a morte do pai, Fernanda assumiu a família e certamente este fato condicionou enormemente a sua relação com o trabalho, que, no seu caso, passou a ser vital. O que não havia era tempo para casamento, como ela mesma diz. Entretanto, mesmo antes da morte do pai, Fernanda já tinha uma postura diferente das demais com relação aos estudos e à escolha da profissão e do trabalho.

"Eu sempre gostei muito de estudar, primeiro porque eu descobria coisas novas, depois porque o Colégio me oferecia liberdade, inclusive de conversar com todo mundo, coisa que eu não tinha em casa. Me oferecia possibilidade de brincar mais solta. por que não estava sob a vigilância deles (os pais) de ficar lendo num canto quieta. O Colégio representava também uma maneira de sair de casa, de aprender coisas novas, de ter contato com minhas amigas. O Colégio p'ra mim era o meu mundo. Talvez porque eu não tivesse outras opções. Em comparação com

os meus filhos, por exemplo, eu vejo que eu não tinha as opções que eles têm hoje de clube, piscina, nataçãõ, passar dia em casa de amigos, em fazenda, em granja"...

É, portanto, no colégio, que Fernanda desde cedo, encontra a referência das coisas de que gosta e a forma de ter mais liberdade. A ânsia de aprender coisas novas, pode ser identificada aqui como uma forma de ascender socialmente, já que este foi um valor existente na educação de Fernanda. A escolha da carreira foi decorrente do contato com matérias como Ciências e Biologia, de que gostava muito, mas reconhece que o pai exerceu uma certa influência sobre ela. Inclusive porque no momento em que quis acompanhar uma amiga no Curso Pedagógico, o pai interferiu e convenceu-a a fazer o curso científico que oferecia mais chances.

"Eu nunca fiz nenhum teste, mas como eu gostava muito de Biologia e Ciências, eu achei que talvez Medicina fosse uma boa e fiquei muito satisfeita com a carreira. Hoje em dia, se eu tivesse que começar tudo outra vez, talvez eu começasse a mesma coisa".

O "talvez" vem por conta do sofrimento dos pacientes com os quais muitas vezes se envolve muito, embora diga que gosta muito do relacionamento humano.

"Eu gosto muito de lidar com pessoas, está entendendo? Eu acho que ao mesmo tempo que eu me dou, eu acho que tiro alguma coisa em troca. Talvez por isso eu acho que

eu poderia ter dado para outra coisa ... Talvez Relações Públicas; ou talvez p'ra ensinar... Eu gosto muito de ensinar, de relacionamento com o público, de conviver com pessoas".

Por outro lado, o discurso de Fernanda, apesar da vibração e da garra com que ela abraçou a profissão, tem embutido alguma coisa que pode ser identificada como insegurança:

"As vezes eu digo que não sou nem boa mãe, nem boa profissional, nem nada. É preciso que Fernando me diga que isso não é verdade".

É talvez, o que chamei anteriormente, de sentimento de insegurança estruturalmente feminino, ou seja, na socialização feminina estão implícitos valores que estimulam a dependência e a complementariedade, o que numa situação onde ela precisa assumir individualmente suas próprias atitudes, gera-se uma sensação de insegurança.

Para Fernanda o fato de nunca ter feito um curso de pós-graduação fora d'aqui é percebido até certo ponto como uma frustração e uma das limitações que o casamento impôs. No entanto, essa é uma situação que já aparecia para ela como possibilidade, na medida em que, sendo "Chefe de família", não podia fazer um curso fora, pois precisava ganhar dinheiro. Este também é um aspecto que, em relação às demais, se configura de forma diferente pa

ra Fernanda. Logo que entrou na Faculdade, foi ensinar em um colégio secundário, num curso para cabos da Marinha e, como era o primeiro emprego ela diz que se dedicava muito. O período de Faculdade é um período de muita luta, onde ela tem que conciliar estudo com trabalho. Se, por um lado, o ensino na Faculdade é decepcionante para ela, a vivência no meio universitário é tido como muito enriquecedor, na medida em que, "abriu meus olhos para o mundo". Fernanda é a única que se refere de forma mais enfática à situação política da época que era de muita repressão. A sua dedicação ao trabalho e aos estudos é explicada como a única forma possível de aprender alguma coisa; a pós-graduação não seria possível, porque "tinha que sobreviver".

"Quando eu chegava na Restauração o chefe de plantão brigava por mim. Primeiro, eu gostava, fazia aquilo com gosto, era uma escolha. Eu ia dar plantão feliz da vida: pegava meu livrinho, botava debaixo do braço - eu levava um livrinho porque ninguém ensina mesmo nada a ninguém, não é? Então se eu tinha dúvidas, eu ia lá no livro, pegava um pelo braço e dizia: vamos lá comigo me mostrar, me dizer alguma coisa... Eu sei o que eu passei p'ra conseguir aprender".

O discurso de Fernanda nesse ponto é bastante claro: medicina foi uma escolha e todas as dificuldades que se apresentaram foram contornadas no sentido de não

atrapalharem o seu projeto. Até mesmo relacionamento afetivo é olhado por esse ângulo.

"Eu nunca consegui ter um relacionamento afetivo, namoro, com ninguém na Faculdade ... não tinha condições de ter... porque eu vivia preocupada em passar de ano e em estudar".

Sílvia também, desde cedo, precisou "se virar". Na realidade o relato sobre a socialização e a família de origem se confundem muito mais com a sua vida de trabalho do que com a vida de estudo, que teve que ser interrompida durante o curso ginásial.

O primeiro emprego foi aos 16 anos. Foi trabalhar como atendente numa clínica médica, onde não só fazia as tarefas que lhe eram confiadas, como também ajudava ao patrão a fazer pesquisas sobre o assunto de sua especialidade. Ir a bibliotecas, pesquisar em revistas eram coisas que ela fazia para "aprender e subir mais". Depois trabalhou num banco e pouco a pouco aprendeu a fazer "tudo que havia para ser feito num banco". Depois do banco foi trabalhar na clínica de uma amiga onde iria ganhar três vezes mais. Sílvia fala de todos os empregos com entusiasmo, e a hora da saída é sempre relembrado com uma certa saudade.

Depois, foi trabalhar numa empresa de prestação de serviços públicos, no setor de contabilidade. Foi aí

que resolveu estudar Economia. Fez o artigo, que corres
pondia ao Curso Científico e fez o vestibular. A escolha
do curso se deu visando à possibilidade de passar para o
quadro "técnico de nível superior" da empresa em que traba
lhava. Ao terminar o curso de Economia, resolveu então
fazer um curso de computação na IBM. Com este treinamen
to passou para o setor de computação da empresa em que
trabalhava e, finalmente, foi classificada de acordo com o
que pretendia.

Como se vê, a trajetória de Sílvia é marcada
por uma forte vontade de ascender socialmente. É a neces
sidade de sobrevivência que a impulsionava e o "projeto"
vai sendo definido e redefinido a partir de cada oportuni
dade que surge. Ou melhor, vai se ajustando a cada nova
condição dada. Ao contrário das demais, para Sílvia, tra
balhar não é apenas uma forma de arranjar algo para que
brar a rotina, para se relacionar com os outros ou apenas
para ser um pouco mais independente. Trabalhar é uma ne
cessidade já que é com o seu trabalho que vai manter a si
e a mãe. Aqui surge a grande questão do trabalho femini
no nas camadas médias: ele é uma complementação, é algo
que pode ser relegado em função de outros papéis tais co
mo o de mãe e esposa, já que a mulher foi basicamente
treinada para tal.

Atualmente, Sílvia trabalha em outra empresa Fe
deral, também ligada a prestação de serviços e é a seguin
te a sua visão sobre o trabalho:

"Eu gosto muito do que faço. Se hoje me fosse dada a oportunidade de escolher, eu faria exatamente isso. Acho que é uma atividade muito rica em matéria de oportunidades e de conhecimentos. Você entra sem saber nada e sai diretor. Quando você monta um sistema para o usuário, na verdade você cria um sistema para ele. Eu acho que como profissão eu não poderia ter entrado numa melhor!".

Aqui observa-se que o criar e o aprender são coisas identificadas como geradoras de prazer e gratificação, havendo uma correspondência com o discurso masculino ... Sílvia não tem dúvidas quanto ao que gosta de fazer, nem qualquer insegurança quanto ao seu desempenho:

"Eu acho que sou uma boa profissional, por que sou muito séria no trabalho. Um bom técnico é aquele que realmente domina todas as ferramentas que ele usa no trabalho. De uns tempos para cá, eu aprendi a não ter vergonha de procurar alguém que saiba mais do que eu, eu estou mais amadurecida".

Essa referência à limitação é também encontrada no discurso de Paula e de Cláudia... onde o reconhecimento dos limites é visto como um amadurecimento e como um novo padrão de competência.

Em nenhum momento, o discurso de Sílvia com re

lação ao trabalho é entremeado de referências ao filho ou à casa, ou ao marido. Ele é visto como algo essencialmente seu e trabalhar para ela

"é ótimo, nunca cogitei de parar"

Finalmente Cláudia que, como todas as outras, fez sua opção profissional a partir de sua experiência no curso secundário. Foi o convívio com matérias como química e biologia, que fizeram com que ela achasse que se daria bem na área de saúde ... daí, a sua escolha por medicina. Com especialização na área de Endocrinologia, Cláudia divide suas horas de trabalho entre um emprego e um hospital da rede estadual e o consultório particular que ela frequenta apenas duas vezes por semana.

Embora desde a adolescência fosse claro para ela a idéia de seguir um caminho diferente do da mãe, a entrevista de Cláudia mostra que, de alguma forma, esta ruptura não foi total. Para ela, o trabalho é algo que ajuda a não "pirar", a não "enlouquecer"; o motivo para sair de casa:

"Eu acho que se eu não trabalhasse eu ficaria louca, pois eu detesto a vida doméstica".

Por outro lado, o investimento de Cláudia no trabalho é considerado por ela mesmo como relativamente pouco:

"As vezes eu acho que eu gostaria de ir mais a Congressos, fazer cursos... mas depois eu penso, para quê? se o trabalho não oferece condições de eu utilizar as coisas que eu já sei?"

Esta é a desculpa que Cláudia dá a si mesma para não investir na sua vida profissional. No que toca ao orçamento doméstico, ela diz ser mínima a sua participação neste contexto e que, de fato, o seu dinheiro só dá para o supérfluo:

"Financeiramente eu me considero dependente do meu marido, pois sozinha eu não teria o padrão de vida que tenho".

O conflito de Cláudia, como todas as demais se configura sempre em relação aos filhos que são vistos como o motivo da interrupção da sua vida profissional ... Embora se considere uma profissional bem orientada, acha que se dedica muito pouco ao consultório.

Como já foi dito anteriormente, a socialização feminina é bastante ambivalente. Embora, desde cedo houvesse uma preocupação por parte de Cláudia em ser profissional e romper com o modelo tradicional, na prática, este projeto é interrompido pelo conflito entre dividir o tempo com os filhos e com o consultório. É bem verdade que, de uma maneira geral, todas as mulheres dizem estar apenas adiando o investimento profissional para quando

"os filhos crescerem mais" ... até lá fica a esperança e a certeza de que a sociedade abriu um espaço para a igualdade da mulher, mas não para o da mãe.

- HOMENS E MULHERES

A leitura comparativa do discurso masculino e feminino sobre a vida profissional revela semelhanças e diferenças merecedoras de algumas considerações.

Assim, embora ambos tenham ido à universidade e exerçam uma profissão, a verdade é que o significado imputado por cada gênero a esses dois momentos é bastante diferente. No que concerne a ida à universidade, percebe-se que tanto um como outro foi bastante incentivado pelos pais. Mas, se para os homens esta era uma forma de alcançar uma boa posição social através de um bom emprego, para as mulheres, esta seria, muito mais, a forma de romper com o modelo tradicional feminino que testemunharam em suas mães. Mais até, do que se tornarem financeiramente independentes. A escolha profissional, embora tenha sido vivenciada como um momento bastante inquietante para ambos, apresenta também algumas distinções entre os gêneros. Do ponto de vista feminino, havia uma maior preocupação em fazer alguma coisa para "ajudar aos outros", enquanto do ponto de vista masculino a preocupação era

mais em torno do que fosse economicamente rentável. Assim é que Renato, por exemplo, desiste de Agronomia para fazer Engenharia, por perceber que a primeira lhe oferecia menos possibilidade de um bom emprego do que a segunda. Essa postura pode ser reveladora de uma distinção na socialização de cada gênero. Ou seja, a mulher embora socializada para ir à universidade, não é socializada para trabalhar e ser independente. Não há da parte delas, uma preocupação com o fator monetário. Assim, ela adia o momento de entrar no mercado de trabalho, como no caso de Andréa, que fica buscando aqui e ali um novo curso para fazer, ou mesmo, como Júlia, que fica trabalhando na empresa da família, mesmo sabendo que tem capacidade para fazer mais e ganhar mais ou, ainda como Cláudia, que diz não ter motivação para investir na profissão já que as condições de trabalho são bastante precárias. De fato, a mulher, ao contrário do homem, sofre uma socialização descontínua. O seu projeto profissional deverá ser interrompido a partir do momento em que ela for mãe. O conflito feminino consiste, pois, em administrar a coexistência de referências distintas e excludentes na medida em que não se dispõe ainda de um modelo ideal de "mãe que trabalha". Assim, de um lado, ela tem como referência a própria mãe que não trabalhou e, do outro, o novo ideal que eu vou chamar de "ideal profissional", que tem como referência o modelo masculino, onde o indivíduo se ocupa e se dedica apenas à profissão.

É neste contexto, pois, que a mulher de camada média vai ao mercado de trabalho: de um lado, a proposta de ser indivíduo através do exercício profissional e, do outro, a proposta de ser mãe, cujo valor maior consiste em se d \tilde{a} aos outros. Contudo, n \tilde{a} o seria demais dizer que este valor \tilde{e} tamb \tilde{e} m carregado para a profiss \tilde{a} o, na medida em que buscam fazer "algo para ajudar aos outros" e v \tilde{e} em no "fazer bem feito" um valor maior que a boa remunera \tilde{c} o. Entretanto, fazer bem feito \tilde{e} sin \tilde{o} nimo de conhecimento sobre o que se faz, o que s \tilde{o} pode ser adquirido com dedica \tilde{c} o e estudo. Assim, no grupo pesquisado, s \tilde{a} o poucas as mulheres que se identificam como "profissionalmente compe \tilde{t} entes". O pensamento mais comum neste grupo \tilde{e} o de que s \tilde{a} o s \tilde{e} rias, buscam fazer o trabalho com honestidade, mas que precisariam se empenhar um pouco mais para se re \tilde{c} onhecerem como tal. Poder-se-ia dizer que s \tilde{a} o inseg \tilde{u} ras quanto ao seu valor profissional. O discurso sobre o trabalho \tilde{e} entremeado constantemente por refer \tilde{e} ncias aos filhos, \tilde{a} casa e ao marido. Mas o contr \tilde{a} rio tamb \tilde{e} m \tilde{e} ver \tilde{d} eiro, ou seja, h \tilde{a} uma refer \tilde{e} ncia ao trabalho no disc \tilde{u} rs \tilde{o} sobre a casa, podendo se observar que, para a mulher, a esfera p \tilde{u} blica e a esfera privada se mesclam e se confl \tilde{i} tam. Assim, ora predomina o desejo de ser uma boa profis \tilde{s} ional e os filhos s \tilde{a} o apontados como o fator de imposs \tilde{i} bilidade, gerando nessas mulheres um forte sentimento de culpa, que pode ser visto atrav \tilde{e} s de express \tilde{o} es do tipo, "n \tilde{a} o sou nem boa m \tilde{a} e, nem boa prof \tilde{s} ional, nem boa dona

de casa"; ora predomina o desejo de ser apenas mãe, sendo o trabalho apontado como fator impeditivo. Por outro lado, a existência dessas duas atitudes por parte das mulheres, revela que as pressões sofridas se dão tanto no sentido de ficar na esfera privada como no sentido de sair dela e assumir a esfera pública.

Portanto, mesmo dentro deste contexto de ambigüidade e conflito, é possível supor que atualmente o trabalho vem se delineando para essas mulheres como uma forma de construir sua própria identidade e de se definir muito mais enquanto indivíduo, do que enquanto pessoa complemento de outros. Tal argumento pode se esclarecido por discursos, do tipo que se segue, com relação a razão pela qual trabalham:

"Minha cabeça não aguentaria... Eu ia pirar ficando somente em casa", ou ainda, "o trabalho de casa é neurotizante, não acaba nunca" ...

No que toca ao homem, o discurso é contínuo e sem ambigüidades. Não há nenhuma ruptura na socialização masculina, já que o seu "papel" de pai está diretamente vinculado a sua capacidade de "prover" o sustento da família. Nas palavras de um deles isto pode ficar bastante transparente: *"para eu ser pai, primeiro tenho que ser profissional"*. E para o homem, é o trabalho a sua fonte de identificação: os relatos são extensos, com muitos de

talhes e em nenhum momento intercalam-se falas sobre a esfera privada. A auto-percepção com relação ao desempenho profissional é invariavelmente positiva e o sentimento de satisfação com relação ao que fazem é presente em quase todos.

Entretanto, parece que um novo dado começa a esboçar entre os homens. Trata-se da referência à família e à casa como fator de entrave a dedicação total à profissão, embora essa referência venha sempre acompanhada de explicações de que este lado, o familiar, é bastante importante e também gratificante. O que surpreende é que, dado o nível de envolvimento profissional que todos demonstram ter, fica difícil imaginar o que de fato poderia mais ser feito. Assim, o que se pode deduzir é que, também aqui, o modelo de profissional predominante é aquele que se dedica plenamente ao trabalho.

CAP. V:

O CASAMENTO

Neste capítulo pretendo analisar alguns aspectos ligados à chamada esfera privada, entendida, aqui como o mundo onde se processam as relações familiares. Dessa forma, é minha preocupação apreender como homens e mulheres se relacionam com a esfera privada, e também como se relacionam nesta esfera.

A justificativa para tal preocupação tem por base o argumento de DURHAN (1982) já citado anteriormente que diz ser nesta esfera onde se verifica a desigualdade entre o homem e a mulher. Portanto, estarei tratando aqui da visão que os sujeitos têm do casamento dos filhos e da família como todo.

Antes, porém, gostaria de retomar alguns aspectos levantados no terceiro capítulo referentes à socialização vivenciada por este grupo, cujo questionamento ajudará a compreender algumas diferenças entre a família de

origem e a família de constituição.

A crítica ao modelo paterno feita pelos homens e ao modelo materno feita pelas mulheres, foi o ponto central dos discursos sobre a família de origem, como bem podem ilustrar os relatos abaixo.

"Meu pai sempre esteve mais voltado para a rua".

Roberto

"Papai trabalhava e só no fim de semana é que se dedicava à gente. Durante a semana não podíamos contar com ele. Hoje em dia eu gosto do meu pai, mas sou muito distante dele. Se eu vivencio um momento importante, eu não participo a ele".

Cláudio

"Papai era aquela pessoa extremamente preocupado com a família, mas pouco dedicado a ela".

Fernando

"Meu pai sempre concordava e não dava muita opinião. Eu acho até que posso classificá-lo como acomodado".

André

Portanto, de forma mais, ou menos enfática, a ausência paterna é sentida. A percepção desta ausência pode ser indicadora de uma mudança na concepção dos valores ligados à paternidade. Ou seja, para os sujeitos aqui estudados não basta se "preocupar" com a família, é preci

so ocupar-se e participar, pelo menos a nível de discurso. Ao contrário dos homens, que são homogêneos na crítica à ausência paterna, as mulheres criticam suas mães por diferentes razões. Entre elas, percebe-se que as críticas seguem várias direções, e o que as homogeneiza é exatamente a preocupação em serem diferentes do modelo materno. Cláudia, por exemplo, critica a submissão da mãe, enquanto Renata reclama do sentimento de frustração que ela percebia na mãe por causa dos filhos.

"Minha mãe é muito submissa, muito relegada ... eu não me identifico com o jeito lá de casa".

Cláudia

"Minha mãe passou muito tempo distante. Ela estudava e trabalhava. Quando estava em casa estava cansada e dava aula particular ... Eu achava que ela era uma mãe frustrada. Não que ela dissesse abertamente, mas eu sentia que era por causa dos filhos, então eu dizia que nunca seria uma mulher frustrada por conta dos filhos".

Renata

"A dedicação da minha mãe foi do tipo que se preocupava apenas com a comida, com o banho, mas não tinha um apoio moral. Então eu disse a mim mesma que eu ia ser uma mãe exatamente ao contrário do que foi a minha mãe... eu seria o oposto, procurando cobrir o que eu não tive. Então eu, quando minhas filhas nasceram, fui o oposto, quase super

mãe, entende, eu só faltava morrer pelas meninas".

Andréa

A ruptura com o modelo materno, toma pois caminhos diferentes, embora seja uma atitude encontrada com frequência entre as informantes. Neste sentido, concordo com NICOLACI DA COSTA (1987) quando diz que esta geração fez alguns questionamentos estando entre eles, os modelos de pai e de mãe. Também BADINTER (1986:17), em artigo publicado recentemente, diz que *"a mulher da segunda metade do século XX dificilmente identifica-se com sua mãe"*, o que nos leva a concluir que esta geração busca, através de questionamentos, encontrar seu próprio caminho. Se os questionamentos dos modelos de pai e mãe vivenciados na família de origem são bastante claros em relação à adoção de uma nova postura, o questionamento dos papéis de marido e esposa são menos claros e os sujeitos se revelam mais reservados em sua fala.

Assim, para apreender o significado do casamento, procurei focar aspectos que revelam momentos distintos da vida dos informantes. O primeiro, refere-se ao fato mesmo do casamento em si, ou seja, o que significava esta relação para o informante e a sua decisão de casar. O segundo, refere-se à escolha do parceiro: este aspecto decorreu sobretudo da ausência da referência à paixão no discurso dos informantes. E, finalmente, o conflito e

suas causas. A minha crença era a de que, através desses aspectos, eu poderia compreender até que ponto a ideologia da individualidade permeava e condicionava esta vivência, como, também, influenciava no sentido da adoção de posturas mais "modernas" onde valores como igualdade e liberdade deveriam prevalecer.

- A IDÉIA DE CASAMENTO

A decisão de casar aparece no discurso dos sujeitos como algo que faz parte da ordem natural das coisas. Ou seja, todas as pessoas entrevistadas, com exceção apenas de Paula, afirmaram que o casamento sempre esteve implícito em seus planos, não se percebendo entre eles, qualquer tipo de questionamento ou crítica ao modelo tradicional dessa relação. Na verdade, o casamento aparece muito mais como determinação do mundo social do que do mundo individual. Os relatos a seguir podem ilustrar melhor esta assertiva.

"Eu sempre quiz casar. Todas as namoradas que eu tive foi pensando em casar".

Fernando

"Eu sempre tive vontade de casar... engraçado... desde a minha primeira namorada eu

sempre quiz casar. Eu sempre quiz construir um lar e ter filhos".

André

"Eu sempre quiz casar, por isso desde cedo comecei a namorar e namorei muito".

Andréa

A comparação desses relatos com o de Paula, po de esclarecer ainda mais, a argumentação feita anterior mente. Se não vejamos:

"Eu adoro o desconhecido, me sinto muito livre... descobrir as coisas... Eu sempre tive muito medo de me sentir aprisionada ... todos os sonhos que eu tive casando foram angustiantes. Se fosse casamento na realidade, eu não teria me casado, não".

Paula

O discurso de Paula é revelador de uma atitude crítica em relação ao modelo simbiótico de casamento que pode ser entendido como aquele em que há uma fusão das individualidades, havendo uma preponderância dos papéis sobre as pessoas. Na verdade, ela própria admite que só casou porque "não foi casamento de verdade", ou seja, ela não passou pelo ritual do casamento, e a quebra do padrão lhe confere uma sensação maior de liberdade e singularidade.

Outros relatos, embora menos enfáticos que o de Paula, revelam ainda que há uma diferença no significado do casamento para cada um dos gêneros. Assim, para Ferer

nanda, por exemplo, o casamento é colocado como obstáculo à realização profissional, precisando ser retardado para que seja assegurada a conclusão do curso universitário.

"Durante a Faculdade eu não namorei com ninguém praticamente. Também eu não tinha condições... eu vivia muito preocupada em estudar porque provavelmente eu não ia ter opção de fazer um curso de pós-graduação, já que eu tinha que sobreviver e não queria interromper meus estudos".

Fernanda

Cláudia também apresenta argumentos semelhantes ao de Fernanda.

"Eu não achava legal namorar e não pensar em estudar, como eu via as meninas de minha idade fazerem. Estudar e trabalhar para mim eram valores".

Cláudia

Entretanto, afóra esses relatos que, mais ou menos esboçam alguma crítica ao casamento, não percebi entre os demais sujeitos qualquer preocupação em romper com o modelo de casamento, ou mesmo algo que pudesse indicar, que o casamento enquanto modelo de união, havia sofrido um questionamento mais profundo.

Já para os homens, a profissão e o trabalho são condicionantes do casamento. Na verdade, nenhum dos entrevistados mencionou o casamento como um obstáculo à

realização profissional. Estava implícito que para ser marido e pai era preciso antes de tudo ser profissional, confirmando até certo ponto a manutenção do modelo tradicional masculino.

"Se eu não realizo como profissional como é que eu posso ser bom marido ou bom pai?"

Roberto

Portanto, o casamento enquanto modelo a ser seguido é pouco questionado. A escolha de casar ou não, enquanto possibilidade individual, é pouco percebida na medida em que os informantes tiveram bastante dificuldade em relatar suas emoções enquanto participantes de uma instituição que vem sofrendo modificações. As omissões e dificuldades desses relatos podem ser entendidas como consequência de um momento de transição onde se tem, de um lado um modelo de felicidade baseado na estabilidade e na manutenção do casamento e, do outro, compromissos com o eu individual exigindo a ruptura com o modelo anterior.

A omissão, entretanto, torna-se ainda mais evidente ao se tentar abordar diretamente os conflitos existentes na relação como será visto mais adiante.

- A ESCOLHA DO PAR

A preocupação em reconstruir a forma como o casal se conheceu, teve por finalidade apreender até que ponto a chamada visão romântica do casamento permeava o discurso dos mesmos.

Para autores como SIMMEL (1971) e DUMONT (1970) o amor romântico é gerado na idade moderna, sendo a partir deste momento que a escolha dos cônjuges é feita por cada um dos parceiros visando atender às suas próprias especifificidades e não mais para atender aos interesses do grupo aos quais pertenciam.

Para SIMMEL (1971:269-70) apud FIGUEIRA (1981: 105) a expansão do círculo social provocou uma alteração nos padrões de escolha dos cônjuges. Ou seja, quando os grupos eram muito estreitos e rígidos (clãs, famílias, estratos ocupacionais, etc) "*o círculo dentro do qual um homem ou uma mulher pode se casar tende a ser relativamente estreito*". Para o autor, este fato facilitava a escolha do parceiro, já que praticamente qualquer homem ou mulher dentro do grupo poderia ser escolhido. Com a expansão, fato que se deu, sobretudo, a partir da introdução do capitalismo e, conseqüentemente, com a disseminação dos valores de igualdade e liberdade. houve "*a quebra das barreiras de status, diferenças religiosas, como também o desmantelamento da autoridade e uma maior mobilidade so*

cial e geográfica. A convicção de que dentre toda a humanidade duas pessoas foram feitas uma para a outra atingiu um estágio de desenvolvimento, do qual a burguesia do século XVIII sequer ouvira falar" (SIMMEL, 1971:269-70 apud FIGUEIRA, 1981:105).

Ainda dentro do aspecto do romantismo interessa-me saber até que ponto era possível detectar um padrão romântico maior entre as mulheres do que entre os homens. Entretanto, apenas uma de todo o grupo entrevistado refere-se ao processo de conhecimento do parceiro como um momento de muita paixão.

"Conheci Paulo através de amigos comuns. Conversamos muito, mas não senti que me abalou em nada. No outro dia ele me chamou para sair e eu de imediato aceitei ... essas coisas que você não consegue explicar o porque. Saímos e saímos outras vezes... aí eu comecei a me apaixonar. Foi um negócio assim muito intenso, que eu não entendi bem não. Na época a gente vivia muito junto... eu ficava muito ansiosa, eu tinha uma espécie de distonia, uma azia tremenda que não passava com nada. Aí quando ele chegava, passava tudo. Eu não sei explicar, sinceramente não sei. Se você me perguntar o que foi que me atraiu eu não sei dizer".

Paula

No discurso de Paula é possível perceber que somente, ele, Paulo é capaz de "libertá-la" da ansiedade, da

angústia; é preciso alguém tão "unique" quanto ela para completá-la e libertá-la. Observa-se aqui o que SIMMEL diz ao se referir ao casamento na sociedade moderna. Para este autor a essa sociedade conhece um significado de liberdade mais "profundo", e que é limitado pela individualidade. O indivíduo adquire uma "singularidade" tal, que somente uma outra "singularidade" correspondente poderá complementá-lo e libertá-lo. "... uma especificidade de necessidades, cujo correlato é a disponibilidade do mais amplo círculo de seleções possíveis, pois, à medida que os desejos e impulsos internos se tornam mais individuais, sua satisfação torna-se muito menos provável em um domínio de fronteiras estreitas" (SIMMEL, 1971:269-70, apud FIGUEIRA, 1981:105).

O trecho que se segue, pode esclarecer melhor não só a concepção de SIMMEL como também o relato de Renata, citado anteriormente:

"Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas, mas dessas centenas amo apenas um. O outro pelo qual estou apaixonado me disigne a especialidade do meu desejo" (BARTHES, 1981:14).

A pergunta que me coloco é por quê apenas uma entre todos os entrevistados referiu-se explicitamente ao momento da paixão. Pois, se é verdade que em todos os casos o processo de escolha passou por uma apreensão do parceiro como o seu "unique" correspondente, apenas uma

foi transparente quanto à esse fato. O que impediria às pessoas falarem da sua afetividade?

Um outro relato poderá ser útil na compreensão do processo do amor, é o discurso de Fernanda que, se de um lado, deixa clara a existência da paixão como modelo, por outro, mostra um outro tipo de amor:

"... no meu caso foi uma coisa lenta e gradual, você está estendendo? Eu fui aprendendo a gostar d'ele e a conhecê-lo... Um negócio que eu acho que me pesa é que eu não fui muito apaixonada... Aquela paixão, aquele negócio, eu nunca fui e talvez tivesse vontade de ser. Ou então eu amo de outra maneira, porque eu acho que existem várias formas de se amar uma pessoa".

Fernanda

Semelhante ao discurso de Fernanda é o de Sílvia, que diz que para ela o casamento foi um verdadeiro estalo:

"Casar pra mim foi um verdadeiro estalo. Eu me recordo de um estalo. Ele me telefonava todos os dias. Todo mundo me tinha como namorada dele e eu não era; não tinha nenhum compromisso e dizia claramente isso a ele. De repente estalou e eu acho que foi muito bom. São que isso é o tipo da coisa que eu não sei comentar".

Sílvia

Como Fernanda, Sílvia também teve um processo

de conhecimento, que foi lento... mas aqui, fica evidente a dificuldade que ela encontra em falar dos sentimentos.

Não estou aqui discutindo se as pessoas se apaixonaram ou não, mas sim, a dificuldade que encontram em transmitir este fato enquanto sentimento... Ao mesmo tempo que se tem o modelo da paixão e do amor romântico como expressão de uma sociedade "individualizada", encontra-se uma racionalização sobre a expressão afetiva. Seria isto consequência de um outro tipo de atitude também característica dos tempos modernos, a saber, o primeiro da racionalidade sobre a emoção, ou o romantismo enquanto expressão do sentimento não passa de uma construção literária?

A leitura de outros relatos pode esclarecer melhor meu pensamento. Veja-se, por exemplo, o relato de Paulo, Cláudio e Roberto:

"Conheci Paula num barzinho com uns amigos nossos... Um amigo dela era também meu amigo. Saímos algumas vezes juntos e depois ficamos namorando".

Paulo

"Eu conheci Cláudia na faculdade. Nós estávamos na mesma sala... aí gostei da figura".

Cláudio

"A gente se conheceu numa festa de São João ... aí no outro dia ela me telefonou e nós

começamos a sair".

Roberto

Acho que esses relatos são ilustrativos da argumentação já colocada sobre a dificuldade encontrada pelos sujeitos em falar dos sentimentos afetivos. A minha suposição é a de que a afetividade ou é omitida ou não corresponde ao ideal romântico apregoado na cultura ocidental. Relembrando ainda as palavras de BARTHES sobre a exclusão do discurso amoroso da esfera do poder e de seus mecanismos, caberia a indagação sobre o que é que se passa na sociedade que ao mesmo tempo produz um "ideal romântico" e alija os valores afetivos e sentimentais. Ou será que este é um assunto que pertencendo a uma esfera extremamente privada, dificulta a sua expressão?

Embora alguns autores que se dedica ao estudo das camadas médias (VELHO, SALEM, FIGUEIRA, NICOLACI-DACOSTA, DANTAS), coloquem a existência da valorização do privado sobre o público, percebe-se que foram poucos aqueles que falaram com facilidade sobre os sentimentos e emoções ligados à paixão e ao amor. Será que o íntimo, o privado, o individual, só ganha significado quando mais separado, mais distante do tradicional? Coincidentemente ou não, é Paula quem fala em paixão; sendo exatamente ela a única, em todo grupo, que não é legalmente casada. Será que a ligação "alternativa" e diferenciada é que permite que se fale em paixão? Até que ponto a identificação

dos outros casais com o modelo estabelecido de casamento, onde a relação se dá muito mais entre os papéis de esposa e esposo impediria, ou até, porque não dizer, apagaria da memória o momento da escolha?

- Os CONFLITOS

Da mesma maneira que nos temas anteriores, a abordagem sobre os conflitos enfrentados no casamento revestiu-se de uma certa dificuldade, já que os sujeitos foram evasivos em suas respostas.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que, quando indagados sobre os conflitos existentes na relação, os informantes tendiam a responde de forma negativa. Entretanto na medida em que iam admitindo a existência de conflitos, procuravam o mais possível minimizá-lo ou banalizá-lo através de expressões como:

"...bom, conflito mesmo a gente não tem não, mas..."

"... a gente tem conflito como todo mundo, mas não é nada muito grave".

Assim, havia a preocupação em esvaziar o conteúdo emocional das situações conflituosas.

As mulheres, entretanto, abordaram o tema de forma bem mais expressiva de que os homens e, entre elas, houve casos em que a alusão ao conflito e às dificuldades da relação permearam o discurso do começo ao fim. Outras referiram-se às dificuldades de forma espontânea, não havendo necessidade da elaboração das perguntas.

Entre os homens a dificuldade foi bem maior, e a referência a conflitos ou a questões que envolvessem diretamente a emoção eram tratadas de forma bastante fria. Dentre eles, apenas dois, Cláudio e Fernando, foram mais expressivos e mais abertos ao mundo dos sentimentos.

A análise das queixas e conflitos, refere-se a aspectos tais como: a queixa feminina de arcar com a maior parte das tarefas; a queixa feminina do silêncio do companheiro; a queixa masculina do pouco espaço encontrado em casa e a queixa masculina das reclamações constantes de suas mulheres.

Começando pelas queixas femininas onde o discurso versa principalmente sobre a falta de participação do parceiro, tem-se alguns relatos significativos.

"Olhe, aqui em casa realmente em muitas coisas quem dirige a locomotiva sou eu, e Roberto vai no vagão. Posso dizer que todos os amigos dele, hoje, foram primeiro meus amigos. São maridos de amigas minhas, com quem ele se deu bem... sou eu quem trans

formou o coleguismo em amizade, eu quero dizer que quem chama ele às ordens p'ra cultivar a amizade sou eu, sempre. Durante muitos anos eu me aborreci muito com isso não sabe? Essa coisa de ser sempre eu que chamo, sempre eu que faço, sempre eu que mostro. Isso me incomodava muito, porque eu achava que era uma inércia dele, que era uma falta de ajuda à minha pessoa, que ele se encostava em mim... Mas a terapia me ajudou muito neste ponto... é dele e eu não posso mudar. Eu achava que certos papéis eram dele... eu dizia: Eu não gosto de ser mãe de marido, eu gosto de ser mulher de marido, eu não quero ser mãe de marido. Quantas vezes eu não repeti esta frase, entendeu! Eu não gosto do papel de ser mãe de marido, entendeu"?

Roberta

Em outra passagem, Roberta reafirma a sua predominância na esfera privada.

"O forte d'aquí de casa sou eu, não sabe? A braba sou eu, a forte sou eu... Roberto não podia ouvir as meninas chorarem quando eram pequenas, queria logo que eu tirasse logo do berço... Ajudava com as meninas quando eu pedia, mas não troucou fralda não trocava, não".

O discurso de Roberta é marcado pela queixa que ela experimenta em ser a "forte" da casa, a "locomotiva". Na verdade, se de um lado, isto confere um certo poder, por

outro, faz com que ela vivencie estes aspectos como uma sobrecarga, que a impossibilita de fazer coisas para si mesma.

"Eu fico angustiada quando eu penso que não estou fazendo nada para mim mesma. Isso passou a ser um negócio que estava tomando conta de mim todas as horas do dia... eu tinha tempo p'ra todo mundo menos p'ra mim".

Roberta

Os discursos de Andrêa, Renata e Sílvia, embora menos enfáticos, têm alguma semelhança com o de Roberta. Andrêa, por exemplo, diz que o marido divide tudo com ela e que todas as decisões são tomadas em conjunto. Entretanto, ela analisa a atitude do marido como resultado de uma exigência dela junto a ele. Dessa forma, a semelhança de Roberta, Andrêa também se percebe como alguém que dita as normas da vida a dois:

"A gente aqui divide tudo; todas as decisões são tomadas em conjunto e ele me ajuda muito; mas no fim eu acho que quem pensa em cada coisa sou eu...por exemplo quem vê quando acaba as coisas em casa sou eu... ele é muito desligado eu acho que se ele fosse casado com uma mulher que não exigisse como eu, está entendendo, que não cobrasse, talvez ele fosse mais acomodado... inclusive ele diz que é movido a esporo... mas não é não, é que eu acho que no fim a preocupação maior com tudo é minha".

Andrêa

"Eu acho que as decisões são tomadas em con junto mas que a última palavra é a minha. Como também eu acho que a cada nascimento dos meninos foi uma dureza a redivisão das tarefas... isso de dividir é um negócio mais meu... no nascimento do último filho, eu passei um ano de luta renhida por que ele não queria ceder espaço... eu acho que eu sou muito mais vigilante sobre as coisas d'agente... sou eu que puxo as con versas e que capto mais as coisas".

Renata

"Eu assumo bem mais as coisa do que Silvio e eu acho que isso interfere no nosso relacionamento... é como se a tarefa de fazer as coisas, tipo botar café da manhã, arrumar a casa no dia da folga da empregada, fosse uma tarefa enorme... eu fico cansada e ele fica sentado lendo o jornal... Eu já engrossei muito com esse tipo de coisa ... Eu acho que isso grila você, porque de re pente você se dá conta que o outro não está tão envolvido nas coisas como você gostaria que ele estivesse"

Sílvia

Como disse anteriormente, esses relatos confir mam um padrão onde a mulher se auto-percebe como a pessoa predominante na relação e onde a ausência da participação do homem é vivenciada como uma falta de apreço pela companheira, ocasionando em alguns casos o conflito. Mas, se de um lado, a mulher aparece como tendo mais "poder" de decisão, por outro, ela tem menos chance de exercer sua

individualidade. Ademais, este "poder" longe está de ser visto por elas como um valor. Nos relatos, é a participação, a divisão de tarefas, e o envolvimento do companheiro com a casa e com os filhos, ou seja, com o mundo feminino que é buscado pelas mulheres.

Nos casos vistos aqui, maior poder significa uma maior carga a ser carregada. De fato, é possível supor que ao buscarem a divisão de tarefas, as mulheres estão querendo que seus companheiros assumam a parte correspondente a que elas assumiram no mercado de trabalho ou, em outras palavras, no mundo masculino. Cláudio pode ser um exemplo desta afirmação:

"Eu acho que Cláudia tem mais poder; é ela quem toma as decisões dentro de casa... e eu acho que ela às vezes passa na minha frente e toma meu espaço, sobretudo junto às crianças... As crianças pedem muito mais as coisas a ela e eu me cobro muito por não participar mais, sobretudo da vida das crianças".

Cláudio

Júlio também reclama da falta de espaço em casa, embora o teor do seu discurso seja um pouco diferente do de Cláudio. Para Júlio não existe muito a preocupação em participar ou dividir as tarefas de casa que, ressalte-se aqui, Júlia assume como suas, mas sim a busca de encontrar um espaço onde ele seja mais considerado. De acordo com ele, são os filhos que ocupam todo o espaço dentro

de casa, sendo muito mimados pela mulher. Para ele o grande conflito com Júlia reside no excesso de mimo que ela confere aos filhos, fazendo-lhes todas as vontades.

"Um dos nossos pontos de conflito são as crianças, eu acho que ela é excessivamente maternal e é um pouco fraca; muito liberal com as crianças e isto prejudica as crianças... ela faz muito as vontades de le. Este é um conflito que nunca se resolve, pois ela não muda; não tem jeito".

Júlio

Em outro trecho Júlio fala mais sobre o relacionamento de le:

"Eu acho que eu sou mais acessível, eu sempre deixo ela fazer o que quer, embora nem sempre ela faça o que eu quero. Eu acho que eu tenho muito pouco poder em casa; eu a consulto muito. Eu acho que ela só não tem poder sobre o meu trabalho".

Ainda em outro trecho ele diz:

"Às vezes eu quero fazer uma leitura ou assistir a algum programa de T.V. e não encontro tranquilidade em casa para fazer isso. As vezes preciso ir para o apartamento do vizinho".

Júlio

Portanto, a queixa de Júlio se deve ao fato de que, segundo a sua percepção ele é pouco considerado em ca

sa, predominando as decisões de Júlia. Com relação à predominância da mulher no mundo feminino, acredito ser essa atitude bastante antiga; ou seja, o mundo da casa sempre foi o mundo da mulher. Entretanto, a comparação do discurso de Júlio com o discurso de Fernando sobre a atuação da mãe em casa, revela uma certa diferença de significado nesta atuação.

O discurso de Fernando, por exemplo, mostra que a ausência paterna o significa apenas uma ausência física, mas que, de fato, normas e diretrizes são estabelecidas por ele, já que a mãe, de acordo com suas próprias palavras, resumia a vida a duas coisas: a rezar e a obedecer ao pai.

"Mamãe era aquela pessoa que obedecia cegamente a Papai. O que papai dizia era o certo; mesmo que ela quisesse uma coisa, se papai dissesse que de outro jeito era melhor, estava encerrada qualquer discursão".

Fernando

Será que a comparação entre esses dois relatos indicaria que o homem perdeu um pouco do seu domínio no espaço doméstico. Ou seja, a sua presença que, até então, se dava através do discurso feminino deixa de existir a partir do momento em que a mulher dependendo menos financeiramente do seu companheiro e ocupando um lugar na esfera pública aumenta também o seu poder na esfera privada. Existem ainda aqueles casais que conseguem

uma divisão de tarefas mais equitativa; é o caso de Paulo e Paula, Fernando e Fernanda, onde tanto o homem mulher assumem igualmente a condução da casa e dos filhos. Para estes casais, o conflito se dá a outro nível... Paula, por exemplo reclama do fato de não ter com quem dividir suas angústias existenciais, já que Paulo não lhe dá espaço para tal colocação. Segundo ela, Paulo é muito pragmático e não gosta de questionamentos e discussões do tipo "psi", tão apreciadas por alguns setores das camdas médias. Na verdade, podemos afirmar que Paula vivencia essa impossibilidade com uma certa mágoa.

"Uma das coisas que eu sinto mais no meu relacionamento com ele é que quando eu vou me aprofundar nas minhas angústias, ele corta ... P'ra ele as coisas são muito práticas... ele resolve assim num nível superficial, sabe, ele tem horror a angús tias... é totalmente diferente de mim ... é o que eu mais sinto no relacionamento da gente é isso. Muitas vezes ele não entende, quando eu gostaria de ter nele um amigo para conversar e tal... sabe... mas é dele mesmo, essa resistência, esse blo queio... é como se entre a gente existisse uma barreira... eu não encontro eco para minhas angústias e para os meus problemas e na medida que ele não aprofunda comigo, eu sinto necessidade de ir buscar isso fo ra com os amigos ou com as amigas".

Paula

Assim, embora Paula afirme que com relação as

tarefas da casa e ao trabalho com os filhos haja uma divisão equitativa entre ela e o marido, quando passa para o nível emocional, se é que se pode chamar assim, percebe-se que continua a existir uma demanda pela participação do companheiro em relação ao mundo individual, ao sentimento e as emoções. A busca continua sendo a de divisão da singularidade. Reivindica-se o direito de ser único, de ter angústias e emoções que possam ser compartilhadas com o companheiro. Mais do que um marido no sentido tradicional do termo, que envolve questões como máxima autoridade e máxima proteção, busca-se "um amigo", alguém que aprofunde e que mergulhe junto na especificidade de cada um... Alguém que possa compreender, e compreender significa se colocar no lugar do outro; ser um pouco o outro e portanto, ser "igual" ao outro. Paula fala por exemplo, que esta falta do partilhar leva a problemas no plano sexual e diz que para ela sexo está muito ligado ao fato de estar apaixonada e que acha que o mesmo não acontece com os homens,

"Para mim estar apaixonada está ligado de mais ao plano sexual, mas o que eu sinto é que para o homem isso não é tão essencial ... a não ser para homens mais sensíveis ... até mesmo mais afeminados, eu não digo no sentido pejorativo entendeu? ... digo apenas mais aberto... que sintam a mesma coisa d'agente, sem aquela capa de machismo".

Este trecho do discurso de Paula elucidada ainda

mais a busca de uma igualdade. O ideal de homem é exatamente aquele que está mais próximo do "feminino", sendo portanto, capaz de compreender melhor e de compartilhar com a mulher não só tarefas e obrigações como também sentimentos e emoções.

As queixas masculinas e femininas guardam alguma diferença entre si. Enquanto alguns homens gostariam de ocupar mais espaço na esfera privada ou reclamam de ter pouco espaço para si nesta esfera, outros apenas reconhecem que de fato suas mulheres têm razão quanto às suas queixas mas que não há muito a ser feito.

"Eu sei que Roberta tem mais tempo do que eu para fazer as coisas... Eu até já propuz a ela: ela fica com meu trabalho e eu fico com o dela... Mas é uma questão de falta de tempo... falta de tempo. É preciso a condição financeira para a construção da família... Essa é que é a realidade. É duro, é chato, mas é isso".

Roberto

Este argumento também é compartilhado por Sílvio, para quem a mulher realmente fica com a maior parte, e reconhece-se como acomodado, não demonstrando, entretanto, nenhuma busca de mudanças.

Entretanto, esta visão da passividade masculina pode ser modificada quando se escuta os seus depoimentos sobre o que pensam ser o casamento, a família e os papéis referentes a estes dois contextos.

O discurso masculino e o discurso feminino guardam bastante semelhança quando expressam sua visão de casamento e família. Aqui, o que pode ser até certo ponto surpreendente é o reconhecimento por parte dos homens de que de fato suas mulheres trabalham mais. Pelo menos, o trabalho doméstico, não é visto como algo natural ou como algo que não pesa.

No entanto, talvez o maior conflito existente entre esses casais é o que se dá entre a vivência cotidiana do casamento e a idéia, ou a representação que têm sobre este; a idéia de casamento e família.

Na verdade, o discurso feminino e masculino guardam bastante semelhança. Assim, tanto para os homens como para as mulheres, os valores máximos do casamento são a partilha (entendida como sinônimo de companheirismo) e o respeito a individualidade do outro; aqui, a palavra "espaço" ganha destaque, indicando o uso de uma terminologia "psi" na linguagem cotidiana. Com efeito, embora apenas um dos informantes tenha feito referência explícita à frequência, por um determinado período, a uma terapia psicanalítica, percebe-se entre esta camada uma maneira de pensar que indica uma atitude bastante próxima à lógica analítica. Ou seja, mesmo que estes sujeitos não tenham se submetido à psicoanálise ou alguma forma de terapia, a disseminação do psicologismo se faz sentir entre eles. Na verdade como diz VELHO (1981, 1985) as camadas médias são bastante afeitas não só a uma terminologia

"psi" como também ao uso dos seus conceitos e reflexões.

Portanto, é no momento em que os indivíduos podem expressar as idéias que têm sobre o que significa para eles o casamento, que mais se evidenciam as contradições entre prática cotidiana e valores ideais. Dessa forma, os conflitos podem ser encarados sob dois aspectos: o primeiro refere-se a uma situação concreta onde a sobrecarga feminina de vivenciar o papel de profissional e mãe passa a exigir uma contribuição mais efetiva do companheiro, e o segundo refere-se à contradição encontrada entre o modelo de casamento e sua vivência.

A leitura de alguns relatos sobre o que é casamento e os papéis aí encontrados pode tornar mais claro essa idéia.

A maioria dos informantes afirmou não vê nenhuma diferença entre ser pai e ser mãe, como também não encontram nenhuma diferença entre ser marido e ser esposa.

"Casamento para mim é uma participação, tem que se acompanhar muito. Outra coisa importante também é o respeito... deixar que o outro tenha o seu espaço. Respeitar o momento de individualidade de cada um... e isso não é fácil. São duas pessoas que vivem juntos mas têm o seu espaço próprio".

Cláudio

"Marido é aquele companheiro em tudo... Duas pessoas que decidiram estar juntas p'ra di

vidir as coisas, se acompanhar, p'ra até mesmo se libertar".

Paula

"Prã mim casamento é uma coisa que a gente tinha que dividir... dividir responsabilidade, dividir alegria, dividir tristeza, dividir dinheiro, dividir até as chatices".

Fernanda

Os relatos acima mostram que a divisão, a participação são os principais valores definidores do casamento. Neste sentido, ser companheiro é ser igual. A participação é vista como uma forma que vai ajudar a cada um vivenciar a sua liberdade e portanto a sua individualidade:

"... é duas pessoas que decidiram ficar juntas até para se libertar"

como diz Paula.

Portanto, a medida em que o casamento é visto como a situação através da qual o sujeito poderia vivenciar de forma mais plena a sua individualidade, o confronto com situações do cotidiano onde este modelo não encontra correspondência, certamente possibilita a ocorrência de conflitos e mal-estar.

O discurso dos informantes sobre a equivalência dos papéis de marido e esposa reforçam a idéia de casamento que venho procurando mostrar até aqui, como bem podem

mostrar os depoimentos que se seguem:

"Ser marido é saber conviver com outra pessoa... tanto bo bom como no ruim, tanto no alto como no baixo astral... Isso em todos os aspectos. Ser esposa é a mesma coisa".

Paulo

*"Ser marido é ser amigo, mas antes de tudo o **companheiro**, com quem você se realiza sexualmente, ser o companheiro em que você encontra o que não encontra n'outra pessoa".*

Roberto

Dois elementos novos aparecem neste último discurso: um é a referência à sexualidade, e o outro é a idéia já abordada no início deste capítulo sobre a "singularidade" de que fala SIMMEL. Entretanto, a idéia geral de equivalência entre os papéis, permanece como modelo ideal.

Com relação à referência à sexualidade, o registro a ser feito é de que apenas três dos sujeitos investigados fizeram algum tipo de comentário em relação a este aspecto, o levaria a supor que, mesmo considerando a chamada revolução sexual, este assunto ainda continua sendo de difícil abordagem.

Mas, a idéia do casamento onde os valores predominantes são a igualdade e a liberdade podem também ser vista através do que os sujeitos pensam o que será o casamento no futuro. Aqui, estes valores ficam ainda mais evi

dentes, na medida em que o distanciamento da biografia dos informantes torna seu próprio discurso menos ameaçador. Eu diria que a preocupação em passar uma boa imagem do casamento permeou a maioria dos discursos. Tal comportamento pode ser entendido, de um lado, como uma reserva e um distanciamento em relação ao pesquisador e, do outro, poderia ser visto como o compromisso com o sucesso e com a felicidade, que impediria uma abertura maior sobre as dificuldades e os limites, vistos por esses sujeitos como fracasso. O fato é que limites, dificuldades e conflitos não são considerados algo que faz parte de qualquer convivência da natureza humana, mas algo que impede a obtenção do prazer máximo, não fazendo parte da agenda da sociedade hedonista.

"Eu acho que as expectativas para o casamento são a de que este no futuro vai ser melhor, vai haver um nível de liberdade maior e principalmente o sentimento de posse e exclusividade vão desaparecer".

Paulo

"Eu acho que família sempre vai existir: homem, mulher e filhos, isso sempre vai existir. Agora eu acho que a convivência tenderá a ser muito boa... Eu acho que as pessoas estão se tocando mais, não estão juntas apenas por causa de um papel, de um documento... mas vão se respeitar mais... respeitar o espaço do outro".

Cláudio

"Eu acho que o casamento vai permanecer ainda por muito tempo, sō que eu acho que a qualidade da relaçaō vai ser melhor".

Paula

"Eu acho que no futuro casamento vai ser o seguinte: pessoas de boa cabeęa, financeiramente independentes e cada um morando sō e se curtindo bastante, sem haver qualquer tipo de cobranęa. Se terā poucos filhos, uns dois, no m̄ximo... e a crianęa vai se adaptar a ir numa casa e na outra, tudo numa boa, sem maiores problemas".

Fernanda

Portanto, os limites impostos pela relaçaō podem aqui ser melhor avaliados a medida em que estes relatos contēm, de forma implícita, o modelo desejado do casamento, ficando evidente que a grande questāo ē poder vencer nāo sō a igualdade mais sobretudo a liberdade. Resta saber, como serā equacionado a efetividade deste padrāo, jā que paradoxalmente, o exercīcio da individualidade implica basicamente, numa maior rede de alianęas e ajudas sobretudo em relaçaō aos filhos.

O que os meus informantes parecem nāo se dā conta ē que o casamento ē por si prōprio constrangedor da individualidade na medida em que exige permanentemente uma negociaçaō entre as partes. Assim, mesmo quando se pretende ser moderno e se tem questionado os valores mais tradicionais do casamento, os avanęos possīveis sāo limi

tados, já que a complementariedade é básica nesta relação.

"... estamos num momento de transição... o que se tem da estrutura antiga de relacionamento não dá mais, e o que se tem de novo ainda estamos construindo".

CAP. VI
OS FILHOS

Neste capítulo procuro investigar como os sujeitos têm vivenciado os seus papéis de pai e mãe. Os pontos levantados foram aqueles que me pareceram mais significativos para a compreensão do que seja o desempenho de um papel de ordem basicamente hierárquico e complementar (pai e mãe), face aos novos modelos de individuação. Assim, a característica principal da nova relação pai/filho, pode ser vista através da comparação entre a educação recebida e a educação transmitida. A partir daí, outros aspectos procuram dar conta das diferenças entre pais e mães, bem como da lógica que norteia a ocupação e o tratamento dispensado aos filhos.

- DIFERENÇAS ENTRE A EDUCAÇÃO RECEBIDA E A EDUCAÇÃO TRANSMITIDA

A comparação entre a educação recebida e a educação transmitida pode ser um valioso guia para se analisar as mudanças que sofreram estes sujeitos.

Com efeito, o questionamento que elaboraram da sua própria educação faz com que procura em uma nova direção para a educação que querem transmitir aos filhos.

Tanto homens como mulheres foram categóricos ao afirmarem a sua disposição em serem diferentes dos seus pais e mães, respectivamente, procurando romper com os modelos de paternidade e maternidade dentro dos quais foram socializados conforme vimos nos capítulos 3 e 5. Também aqui, à semelhança de outros estudos já realizados (NICOLACI-DACOSTA, 1981; SALEM, 1985; ALMEIDA, 1987), a educação transmitida toma a educação recebida como referência negativa. Se os homens são unânimes em reclamar contra a ausência paterna, as mulheres contestam, ora o sentimento de frustração expresso pelas suas mães, na medida em que estas dizem terem se sacrificado por seus filhos, ora a postura submissa adotada pela mãe, ou mesmo a pouca preocupação com o lado emocional e subjetivo da educação recebida.

Os relatos sobre os novos valores transmitidos nem sempre são claros, havendo em alguns casos uma certa

dificuldade por parte dos informantes em circunscrevê-los. Entretanto, pode-se dizer que de uma maneira geral a marca preponderante é a subjetividade e a afetividade. Confirma-se assim a assertiva de SALEM (1985:42), quando diz que *"a nova ideologia educacional se estrutura em torno dos valores do afeto, da atenção à subjetividade, bem como de um relacionamento mais igualitário entre pais e filhos"*.

Tanto idéias como palavras relativas a espaço, individualidade, liberdade são freqüentes nos relatos. Cláudio, por exemplo, ao comparar a educação recebida com a transmitida faz a seguinte afirmação:

"Aqui em casa existe a consciência de respeitar o espaço de cada um, a consciência para não podar o outro. Eu não tive isso. Outra coisa, aqui, a gente não compara o crescimento das pessoas, quanto a ser mais inteligente e eu acho que em certos momentos isso poda a gente. Depois, aqui, a gente procura fazer as coisas em conjunto ... em termos de lazer, por exemplo: o nosso lazer é conjunto. Na casa dos meus pais, eu acho que não existia isso...caca um procurava o seu lazer sozinho. Eu acho que na nossa estrutura familiar há uma maior preocupação com as crianças".

Cláudio

O discurso de Cláudio revela que as mudanças são mais subjetivas, dão-se principalmente na forma como as

crianças são percebidas por ele e por Cláudia. Cada um é um indivíduo a ser respeitado nas suas idiossincracias; respeita-se, sobretudo, tendências e aptidões para não "podar" projetos "nem condicionar" personalidades; é preciso portanto evitar as comparações - cada um é um e neste sentido, todos são iguais. A preocupação com o lazer conjunto, e mesmo com a vida das crianças, é também enfatizada. ARIES, estudando a transformação da família ao longo da história, registra que ao contrário dos séculos anteriores, "a família moderna, separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos. Toda energia do grupo é consumida na promoção das crianças cada uma em particular e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família" (1981: 271).

Portanto, a preocupação com a vida dos filhos além de ser permanente, assume mesmo uma dimensão cotidiana. André, por exemplo admite que a diferença dele para seus pais consiste basicamente na atenção constante que ele dispensa às filhas.

"Eu acho que a diferença que tem é que eu sou mais ligado em algumas coisas básicas: eu procuro acompanhar o que estão estudando na escola, eu me preocupo com a higiene, coisa que meu pai e minha mãe nunca se preocuparam; por exemplo, eles nunca se lembraram de me perguntar se eu escovava os dentes. Eu sou mais ligado nas amizades das meninas, nas atividades esportivas ...

eu procuro oferecer uma coisa que eu fiz e que achei muito saudável... aĩ eu levo pa ra fazer natação à noite comigo. Eu sou mais ligado, coisa que meus pais não eram".

Andrē

Andrēa por sua vez, considera que a mãe não ti nha "aquela dedicação", não dava "aquele apoio moral". Es sa idēia pode ser melhor esclarecida ao se observar o re lato de Renata.

"Eu acho que hã uma diferença fundamental (entre a minha educação e a dos meus fi lhos)... e a diferença fundamental ē o con tato da gente com as crianças. É um tipo de contato muito mais afetivo, muito mais presente... Existe uma preocupação com a parte afetiva de dar muita atenção p'ra ca da um de forma diferente. A gente conversa muito".

Renata

Tambēm a questã da liberdade ē enfatizada e tan to Paula como Fernanda ressaltam esses aspectos em seus relatos.

"Eu procuro dar mais liberdade para elas... (refere-se às filhas) procuro incentivar o gosto pela leitura, natação... eu sou mui to carinhosa com elas, muito participati va... tenho uma abertura maior...sexualmen te não imponho nenhum tabu... não sei, eu acho que ē diferente".

Paula

"Hoje em dia quando eu comparo a minha criação como a que eu estou dando! ... Bom, a gente sempre acha que está fazendo melhor... mas em relação a da minha mãe eu acho que dou mais liberdade, a gente discute mais as coisas, está entendendo? Eles dizem o que não gostam, o que não querem e eu não dizia".

Fernanda

Mas se até aqui registrou-se apenas diferenças ilustrativas de um discurso revelador de uma satisfação em estar rompendo com um padrão estabelecido, baseado, sobre tudo numa hierarquia fortemente estabelecida, onde adulto era adulto e criança era criança, existe também a dificuldade em se lidar com o igualitarismo. O discurso de Júlio, por exemplo, mostra o conflito que ele vivencia por não conseguir impor limites aos filhos.

"Eu acho que hoje em dia a educação é total e completamente diferente; eu respeitava meus pais, eu os temia e hoje eu não consigo dar educação a eles; não digo para metemerem, mas pelo menos para merespeitarem. O menino vive me agredindo, às vezes fazendo deboche com a minha cara, ironizando. A menina, por sua vez, grita, agride, diz você é isso, você é aquilo. Há diferença, sim; p'ra segurar essa turma é muito difícil, não sei o que faça. A gente tenta convencer por argumento e não consegue, às vezes é forçado a usar a violência, quer dizer, usar a força, aí aparece um senti

mento de culpa, porque é desproporcional, é injusto, é desonesto você usar a violência contra a criança, eu acho que é uma covardia, mas às vezes é o único recurso. Eu não consigo deter meus filhos... não sei se eles têm a personalidade mais forte do que a minha. Não sei que fenômeno é esse nas crianças de um modo geral, porque não são só as minhas, não... Eu tenho medo, eu temo, que chegue num ponto de conflito insuportável... Um filho, que a gente gera, dá tanto amor, se sacrifica por ele, não será possível que essas crianças sejam meus inimigos amanhã. Mas eles tratam a gente tão mal, eles apontam tanto a gente que eu não sei ... não é?"

Júlio

O discurso de Júlio ilustra vários aspectos. O primeiro deles é a dificuldade experimentada por ele, enquanto pai, em adotar um modelo diferente do que vivenciou; o segundo é o investimento na vida dos filhos e, finalmente, a preocupação com o lado subjetivo, indicando a absorção dos valores "psi". Aqui, também, o momento é de transição e portanto de conflito. A exemplo do que disse Cláudio para o casamento, o modelo antigo de educação não dá mais e o novo, esta geração ainda está construindo.

A mudança é a substituição de um modelo baseado na hierarquia e na autoridade por um modelo onde predomina a igualdade.

Para FIGUEIRA (1987:16-17), a família hierárqui

ca pode ser caracterizada como aquela em que o homem e mulher

"percebem-se como intrinsecamente diferentes e esta diferença se cristaliza em sinais como o tipo de roupa, linguagem, comportamento e mesmo sentimento próprio para cada sexo ... a relação dos pais com os filhos é bastante marcada pela idéia de 'diferenças'. Adulto é diferente de criança, está na posição de quem sabe mais e melhor, e pode - e mesmo deve - de quando em quando mostrar seu poder através do poder legítimo da disciplina. Enquanto na família da década de 80 uma mulher que se sente muito jovem veste as mesmas roupas, usa a mesma linguagem e procura algumas das experiências da filha adolescente ...

Na família igualitária, as diferenças pessoais subordinam as diferenças sexuais, etárias e posicionais ... As noções bem delimitadas do 'certo' e 'errado' perdem suas fronteiras, a noção de desvio de comportamento, pensamento ou desejo perder clareza, e instaura-se aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que são limitadas pelo respeito a individualidade do outro".

A indisciplina, portanto, viria de fato de se ter rompido com o esquema anterior, onde predominava a hierarquia. Os filhos são também indivíduos, dotados de desejos e, portanto, com direitos a serem respeitados. Ainda

da dentro da lógica da modernização da família esboçada por FIGUEIRA, outros fatores podem ser ajustados, entre eles, a disseminação da psicologia, que trouxe a valorização do indivíduo, da história pessoal e, sobretudo, a idéia da vida como uma busca do prazer, onde frustrações devem ser, quando não evitadas, rapidamente superadas. Os pais da família moderna estão sempre atentos a qualquer manifestação que possa indicar alteração no comportamento afetivo/subjetivo dos filhos. Também SALEM (1985: 43) afirma a perspectiva igualitária e livre entre pais e filhos e diz ser a nova ideologia educacional estruturada numa *"visão psicologizante acerca da família e das relações familiares"*. Creio que é esta visão psicologizante que leva as mães, principalmente, a sentirem-se angustiadas diante do impasse de atenderem aos seus desejos e às necessidades dos filhos simultaneamente. BADINTER (1985: 237) diz que no século XX a mãe arcará com uma última responsabilidade: o inconsciente e os desejos do filho. Será a ela, portanto, que será cobrada a felicidade dos filhos, pois, se no século XVIII e XIX instaurou-se a responsabilidade materna, no século XX instaurou-se a "culpabilidade materna". Mas, ao lado da culpa materna, outros aspectos também passam a ser assumidos de forma preponderante pelas mulheres. Entre eles, está a decisão de ter filhos, como se verá a seguir.

- AS MÃES E A DECISÃO DE TER FILHOS

A decisão de ter filhos constituiu para a maioria desses casais, igualmente ao casamento, algo absolutamente natural. Não se encontra em nenhum deles a discussão em torno da possibilidade de não ter filhos. Existe sim a preocupação em relação a quando o filho deve chegar, mas ter o filho é uma condição indiscutível.

Nos relatos que obtive, fica claro que foram as mulheres, muito mais que os homens, as que se preocuparam em retardar a chegada do primeiro filho, bem como limitaram de forma mais enfática o número de filhos tidos. Entre esses casais era comum que o homem quisesse ter uma quantidade de filhos maior do que realmente tinham e, embora as mulheres estivessem numa faixa etária onde a procriação fosse bastante viável, eram elas as que impunham maiores restrições. Não seria tal fato consequência da consciência existente entre as mulheres de que, em última instância, o cuidado com os filhos recai mais sobre elas?

Cláudia, por exemplo, ressalta em sua entrevista que a responsabilidade dela é com as crianças e não com a casa... Embora seja ela quem realiza as compras e determina a organização geral da casa ela diz pouco se importar em cuidar da casa.

"Meu marido sabe que quando falta empregada

ele é que tem que comprar comida fora ... ele sabe que eu não sou nem um pouco doméstica... a minha responsabilidade é com as crianças".

Aliás, é essa responsabilidade, essa "obrigação" maternal a razão pela qual Cláudia não quis filhos logo que casou

"Eu sabia que os filhos seriam um empecilho na minha vida profissional, por isso casei e passei quatro anos sem ter filhos".

A noção de filhos como "empecilho" à vida profissional é comum às mulheres de uma maneira geral, como também aos homens, embora de forma significativamente menor.

"Eu achava que mamãe era uma mãe frustrada ... não que ela dissesse abertamente, mas eu sentia que era por causa dos filhos. Então eu dizia que nunca seria uma mulher frustrada por conta dos filhos. A gente casou e só foi ter o primeiro filho cinco anos depois. Pelo gosto de Renato nós teríamos tido antes. Se a gente fosse esperar um momento ideal, este momento nunca iria aparecer, até que eu botei isso na cabeça. A gente discutiu que um filho feito a dois tem que ser criado a dois. Eu disse a ele: eu assumo ser mãe, mas dividindo o máximo com você".

Renata

Mas não é apenas a noção de impedimento profissional que leva os casais a protelarem o momento do nasci

mento do primeiro filho. Tanto a percepção de que o início da vida a dois exige uma adaptação mútua, como a preocupação em "aproveitar" a vida, "curtir", são justificativas que revelam atitudes de cunho hedonista, característica essencialmente "moderna" e presente no ideal individualista.

"Inicialmente nós decidimos passar dois anos sem ter filhos, pra facilitar a adaptação como também aproveitar um pouco"

Roberto

"Eu casei em 74, e eu não quiz ter filho logo, porque além do período de adaptação, além disso, você precisa curtir um pouco a vida - assim, no sentido de que criança lhe cerceia um pouco, não é? A preocupação... essa coisa toda... Então a gente resolveu ter filho depois de um tempo"

Fernanda

A minha inferência sobre a protelação da chegada do primeiro filho tem dois sentidos aparentemente contraditórios: o primeiro diz respeito à introjeção da idéia do indivíduo como valor, ou seja, existe a consciência de que o filho vai impedir a realização de projetos que o indivíduo traçou para si, por exemplo, realização profissional, companheirismo a dois, entre outros. Por outro lado, recorrendo à noção de projeto desenvolvida no primeiro capítulo, é possível ver que o filho também faz parte do projeto dos sujeitos, ele é antes de tudo

uma escolha; é planejado anteriormente e projetado para quando tais ou quais condições tiverem sido plenamente satisfeitas. Por outro lado, vejo também tal adiamento como consequência de uma valorização da criança. Ou seja, os pais adiam a chegada do filho, para também poder dar a eles uma atenção maior e mais completa. Na verdade a ênfase dada à preocupação com a felicidade e o bem-estar dos filhos revela que se busca um momento ideal onde os projetos individuais dos pais não comprometam a felicidade dos rebentos.

Como diz BADINTER (1986:268), os filhos hoje, ao contrário de então, são um projeto "narcísico" dos pais e, neste sentido,

"conscientes de suas responsabilidades, foram tomados de um frenesi de experiências para os filhos. Fazem com que eles denotem tudo, na esperança de descobrir alguns talentos que serão alguns "mais" para o seu Ego. Assim, vemos uma criança correr de uma sessão de judô para uma aula de dança, do atelier de artesanato para um curso de música ... embora ela até preferisse ficar em casa, sem fazer nada. Mas o lazer produtivo suscita remorso e angústia entre os pais, que "investem" no Ego dos filhos, às vezes ainda mais do que no seu próprio".

Mas, mesmo considerando o filho como um projeto do qual não se quer ou não se pode abrir mão, percebe-se, sobretudo através do discurso das mulheres, o conflito vivenciado por elas entre o projeto que traçam para os seus

filhos e o projeto que traçam para si próprias. Ou seria, de fato, o conflito entre dois projetos que são até certo ponto antagônicos, a saber, profissão e maternidade ou indivíduos e pessoa, como colocado por DA MATTA?

"As minhas horas eram pra levar menino p'ra qui, menino p'rali - p'ra aula, p'ra nataçã... proporcionava uma infinidade de distrações às crianças, principalmente a mais velha, que foi filha única durante cinco anos, então eu me empenhava p'ra que ela não tivesse os vícios de filha única... então vivia com a casa cheia de criança p'ra ela ter com quem brigar, com quem discutir, com quem dividir e isso requeria muito tempo.

Eu passei muitos anos, mas muitos anos mesmo, sem ter nada p'ra mim... Tudo que eu começava, parava. Tinha tempo p'ra uma aula de datilografia, mas era visando um concurso que eu ia fazer, um concurso que eu ia fazer p'ra trabalhar, p'ra reverter em dinheiro... p'ra botar na casa, p'ra as despesas... Eu não considero trabalho uma coisa p'ra mim... realmente, isso não.

Roberta

Se o discurso de Roberta é marcado pelo cansaço e porque não dizer, pela mágoa em estar sempre abrindo mão de suas próprias coisas, de satisfazer seu Ego, em detrimento dos filhos, pode-se dizer que o conflito se dá entre o ideal de ser "indivíduo" e o exercício de ser "pessoa". BADINTER (1986:271), refere-se ao fato de hoje em

dia não haver mais espaço para o "amor oblativo". Até o presente momento, a imagem de mãe sacrificada tinha conseguido se manter como modelo. Aquelas que se revoltavam, faziam-no dentro de si, a meia voz, no ciclo fechado da amizade, com medo de não serem compreendidas ou de serem rejeitadas".

Entretanto, considero tal assertiva parcialmente verdadeira, na medida em que a adoção do novo modelo vem sempre carregada de culpa ou de conflito. A mesma Roberta, que se queixa da falta de tempo disponível para si, critica uma mãe que dizia sô trabalhar em "horário desencontrado dos filhos que era p'ra ter tempo p'ra ela".

portanto, é claro o conflito entre o modelo da mãe sacrificial de que fala BADINTER e da nova mãe, que seria aquela significativamente mais comprometida consigo própria. O conflito de Roberta pode ser vivenciado, quando se compara o trecho anterior com o que se segue:

"Eu nunca na vida pensei em fazer um negócio desse ... Eu trabalho na hora que o menino estuda, que é p'ra no outro horário poder assisti-lo. ... Agora eu acho tam bêm que agente tem que aprender a dizer um basta... Isso p'ra mim demorou muito, sa be? P'ra eu aprender a sair de casa de consciência tranquila e deixar menino pas sando a tarde toda em casa... Porque eu não sabia fazer isso. Quando eu precisava sair eu tinha que arranjar um programa

p'ro menino fazer, ou deixar na casa de alguém, entendeu? Então eu vivia me desdobrando, sufoçada... eu estou aprendendo a dizer não, a achar até que é sadio ficar sem fazer nada e aprender a ficar sozinho*, mas foi difícil.

O discurso de Roberta é extenso e muito marcado pelo conflito que ela experimenta entre se voltar para suas próprias coisas e se dedicar aos outros, filhos, marido, pai e mãe.

Mas se o conflito de Roberta é no sentido de deixar as coisas que se referem a ela mesma, há também o conflito que vai, até um certo sentido, na direção oposta, que é o da mãe que acha que trabalha mais do que assiste filho. Este é o caso de Andrêa, que reclama da falta de tempo para ela e para as crianças, vendo o trabalho como o causador disso tudo. Para ela, seu grande projeto sempre foi ser mãe

"...eu nunca me imaginei sem ter filhos não, principalmente filha; eu queria uma filha ... (...) Minhas filhas são tudo p'ra mim"

Andrêa fala com entusiasmo do nascimento das filhas, tanto do momento da gravidez quanto do momento do parto.

* Aqui sozinho deve ser entendido, como sem ter a companhia de amigos ou parentes, pois as crianças ficam com a babá.

"Gravidez e parto são duas experiências lindas p'ra mim, foi tudo ótimo tudo uma maravilha, está entendendo?"

Andrêa define-se sobretudo como MÃE e o seu discurso enfatiza sempre este lado; é o trabalho que a impede de fazer coisas para si e para as crianças.

"Eu me sinto mais realizada como mãe e, se eu tivesse de optar entre ter uma profissão e ser mãe, eu optaria por mãe... Já passei horas aqui nesse mesmo sofá, eu e meu marido, conversando sobre isso, entendeu... agora mesmo eu me sinto sufocada; perto de ter nenem, atolada, sem ter tempo nem para respirar".

O conflito, portanto, é vivenciado permanentemente... é assunto de conversas diárias, e aqui aparece muito mais como resultado da interferência de um novo modelo - a nova mãe, que trabalha e tem profissão. No caso de Andrêa, o que sufoca é ter que trabalhar, que corresponder às expectativas da nova mulher. Ela estaria bem se estivesse cuidando apenas dos filhos, e no tempo que sobrasse, fazendo alguma coisa para si, como por exemplo,

"...estudar uma língua ou fazer uma ginástica..."

Para Andrêa, a tônica do discurso cai sobre a dificuldade de exercer plenamente a maternidade; já para Roberta, o "sufoco" é vivenciado na medida em que não

consegue fazer coisas para si própria, como indivíduo, "unidade mínima de significação e valor".

Hã, também, os casos como os de Paula, Cláudia e Júlia que revelam no discurso a preocupação com a realização profissional, mas que sentem a impossibilidade de investirem neste setor, por conta da atenção e dos cuidados que precisam dispensar aos filhos.

Paula revela que sempre quis ter filho, porque o seu relacionamento com crianças, de uma maneira geral, sempre foi boa, mas, atualmente, acha que as crianças pesam muito.

"Atualmente as crianças me pesam muito e, às vezes, contadas, sinto que elas são vítimas das minhas angústias. Eu quero ler, quero estudar ... mas elas solicitam muito, pedem para contar história, falam todo tempo..."

Paula

"A grande limitação que os filhos me impõem é na parte profissional... Eu não me disponho a fazer uma viagem e deixar a casa ... agora, a medida que eles vão crescendo, eu penso na possibilidade de fazer um curso fora".

Cláudia

"Eu acho que em mim predomina o papel de mãe, não sei se por opção ou se pelas circunstâncias da vida, apesar de eu lutando para que isto não aconteça. Eu acho que hoje as mulheres são muito angustiadas,

se sentem sem espaço. Todo mundo que, eu conheço, mesmo tendo uma profissão. É difícil você encontrar alguém que se sinta realizada profissionalmente, que faça tudo como ela quer. O que acontece é que ela termina fazendo aquêm do que poderia fazer. Eu sinto minhas amigas todas sufocadas sobretudo pelos filhos".

Júlia

Portanto, se de um lado a mulher aumentou o seu poder, decidindo, muito mais do que o homem, quando e quantos filhos deseja ter, por outro, aumentou significativamente o sentimento de angústia, na medida em que tem internalizado dois modelos conflitantes: o de mãe e o de profissional.

- OS PAIS E O EXERCÍCIO DA PATERNIDADE

No grupo estudado, a maioria dos homens, com exceção de Paulo, que já tinha dois filhos do primeiro casamento, revelou desejar um número de filhos maior do que suas mulheres, bem como gostaria de ter esperado menos tempo do que suas mulheres, para terem o primeiro filho. Seria este um indicador de que as mulheres hoje são quem controlam a natalidade e que os homens perderam totalmente o poder sobre a procriação? BADINTER (1986.294) diz

que as mulheres aliaram à capacidade de procriação, "um poder exclusivo de decisão"... E que os homens sabem que as mulheres detêm esse poder. Entretanto, nos casos observados, não foi possível perceber nenhum tipo de queixa da parte dos homens, por não terem um maior número de filhos, todos parecem aceitar e concordar de bom grado com o número de filhos que suas mulheres decidiram ter. A verdade, como foi visto, é que as mulheres, apesar de poderem decidir o número de filhos, estão ainda bastante conscientes da preponderância do papel materno.

Ao contrário das mulheres, é curioso observar que os homens só falaram dos filhos quando questionados sobre a sua esfera privada. Como foi visto no capítulo 4 no relato das mulheres, tornou-se difícil separar o discurso sobre o trabalho do discurso sobre o filho. Posso afirmar que, se existe alguma coisa que fica patente, é a discrepância entre a representação sobre que é ser pai e a ocupação efetiva em ser pai.

A participação nos cuidados com as crianças é dividida em dois momentos: o da ajuda dada no momento do nascimento e o da ajuda dada posteriormente. Ao contrário dos casais estudados por SALEM (1985), o momento do nascimento nem sempre foi vivenciado como um momento de maior aproximação entre o casal. Para Júlio, por exemplo, este momento foi difícil, já que ele teve sua casa invadida pela parentela da mulher, que se revezava nos cuidados com o bebê.

"quando o nenem nasceu, eu acho que minha participação não foi muito boa não ... era aquele movimento aqui dentro de casa, cheio de gente estranha, era ou a mãe dela ou uma tia dela e eu, desconfiado, não recebia atenção, não dormia no meu quarto, dormia no outro quarto sozinho. Eu acho que eu sentia um pouco de ciúme".

Na verdade, como observa VELHO (1986:29), "o fato de ter filhos marca um importante momento do ciclo do místico, fazendo com que haja uma reaproximação com a família de origem". Mas, se me atenho ao depoimento de Júlio, vejo que se trata mais de uma invasão onde ele foi alijado do núcleo da sua própria família. Essa prática, por outro lado, impede também que o relacionamento do casal se revista de um cunho mais igualitário, já que reforça a segregação de papéis. Assim, o homem tem uma situação objetiva, na qual, a sua falta de capacidade para lidar com o nenem não pode ser desmascarada, como aparece ainda no discurso de Júlio.

"No princípio eu não ajudei não, me dava a impressão do nenem ser uma coisa muito frágil... eu ficava com pena, pensando que ele podia sofrer alguma coisa. Quando crescia mais, ficava com quatro, seus meses, aí eu participava mesmo que pouco, eu brincava"...

Ainda dentro da justificativa de não ajudar com o bebê, porque acreditava não ter aptidão para tal, tem-se

o relato de Paulo. Para ele, pai e mãe têm uma "estrutura" diferente que, por sua vez, é consequência da própria vivência do ser homem ou ser mulher; daí a diferença de participação de um e de outro. Segundo ele próprio, logo que as crianças nasceram, ele não ajudou

"Eu não era do tipo de pegar no colo e bootar p'ra dormir. O homem não sabe pegar, não tem tantas características maternas".

Entretanto, Paulo, ao se referir aos cuidados atuais que dispensa às filhas, acha que participa muito da vida deulas e que, inclusive, tem todo um projeto dentro do qual as educa.

"Eu gosto de criança quando posso pegar neula; por isso que, so a partir dos seis, sete meses, é que eu passo a ajudar mais. Eu acho que hoje em dia eu participo bem. Inuclusive eu gostaria que elas tivessem o que eu não tive, ou seja, eu não gosto desuta estoria de dar boneca para menina e reuvolver para menino. Eu acho que não tem nada a ver dizer que boneca é brincadeira de menina e revolver é brincadeira de meniuno".

Comparando os dois trechos acima citados, fica evidente a existência dos códigos diferentes e contraditórios com os quais o sujeito está lidando: no primeiro momento, a defiunição e diferenciação de papéis fica bem marcada e não é

nem contestada nem questionada. No segundo, não so ele busca uma igualdade entre os papéis sexuais, como apresenta uma viso crítica dessa diferenciaço, na medida em que diz querer dar aos filhos algo que ele no teve. Aqui fica evidente a coexistência de novos e velhos modelos, sendo que, quando se trata do desempenho do comportamento, prevalece o velho e, quando se trata da idéia, aí, ento, emerge o novo.

Essa ambivalência marca ainda outro discurso. Roberto, por exemplo, diz que gostaria de participar mais da vida das crianças, mas que considera que esta ainda é "uma funço muito forte da mulher".

"Eu gostaria de participar mais, de me dar mais, de estar mais presente. Mas eu no tenho tempo de ver certas coisas como Roberta. Ela tem mais tempo do que eu. E essa é a realidade; é duro, é chato, mas é isso".

Também Sílvio engrossa o cordo dos que dizem que poderiam participar mais dos cuidados com os filhos, embora seja relativamente pouco enfático quanto a este aspecto. Ele percebe que é Sílvia quem tem mais atuaço neste setor e curiosamente o seu discurso se refere muito mais ao que ela faz do que ao que ele proprio faz.

"A gente se dedica muito às crianças... a gente é muito ligado às meninas...mas eu acho que Sílvia participa mais. Eu dou uma moo,

mas ela se liga muito mais, ela tem mais afinidades com elas. Eu acho que deveria participar mais das brincadeiras das meninas. Talvez eu seja acomodado".

No caso de Sílvio, o conflito praticamente inexistente. Ele delega a Sílvia as questões ligadas às crianças sem maiores preocupações... é como se ele próprio não estivesse muito convencido de que deveria participar. Mas, se como enfatizam os etnomedologistas, não são as palavras como também gestos e atitudes são indicadores que merecem ser considerados na análise das informações, diria que, nos discursos que passo a descrever, embora as palavras guardem uma certa semelhança com os até então apresentados, a atitude dos informantes foi significativamente diferente. Assim, quando Roberto afirma que deveria participar mais, a sua atitude de se afastar do gravador, como também de passar a falar olhando numa direção que não a da entrevistadora, parecia sugerir um compromisso superficial com o ser moderno, mas do que mesmo de uma convicção profunda. Não seria demais afirmar que a tônica do discurso de Roberto foi a formalidade. O novo modelo percebido foi o "é preciso ser moderno", o que implica em romper com o estilo tradicional. Entretanto, não sendo a dinâmica das mudanças linear, faz com que a idéia não seja inteiramente internalizada, o que gera uma "falsa modernização".

Discursos como o de Cláudio, entretanto, embora guardem semelhança quanto às palavras com os anteriores, trazem implícita uma significação bastante diferente. Para ele o ideal do pai é ser companheiro do filho, embora ele próprio se perceba bastante distante deste ideal. Ainda assim, também ele utiliza o trabalho como empecilho à viabilização dessa proposta.

"Quando os meninos nasceram, a minha participação poderia ter sido maior se o trabalho não me podasse tanto... mas, mesmo assim, eu fazia o que podia: eu levantava de noite, trocava fraldas, botava para dormir".

Continuando, ele diz que se cobra muito por não participar mais e, se diz ressentido por perceber que as crianças solicitam mais à mãe do que à ele.

"Eu me cobro muito por não participar mais... eu noto que as crianças pedem mais as coisas à mãe... a única coisa que me gratifica é que, quando chega na parte das descobertas, das curiosidades, é mais comigo".

Seria isto uma repetição do modelo dos pais dos informantes? Vale lembrar aqui que, tanto homens como mulheres, atribuíram ao pai os aspectos ligados ao intelectual como foi visto no Capítulo 3.

Se no discurso de Cláudio é possível perce

ber uma certa "angústia" pela paternidade que poderia ser melhor desempenhada, na medida em que atingisse uma proposta mais igualitária, outros sujeitos conseguem de alguma forma se aproximarem mais dessa igualdade.

Fernando, por exemplo, apresenta um discurso coerente na medida em que consegue vivenciar o que critica na figura paterna. Ou seja, consegue ser para os filhos a figura presente que seu pai nunca foi e que ele reclamou e contestou.

Com relação à participação na vida das crianças, ele diz o seguinte:

"A minha participação na vida das crianças desde o início foi mais ou menos a mesma. Eu só não fiz amamentar - aí é uma questão biológica, eu não pude fazer. Mas minha mulher nunca deu a última mamadeira da noite, como também eu raras vezes dava a primeira, já que ela sempre acordou um pouquinho mais cedo do que eu. Quem preparava a comida da noite era eu... eu sempre dei banho, trocava fralda, isso não tem problema, eu sempre fiz tudo, como ela também".

Fernando continua o discurso enumerando todas as coisas com as quais se ocupava em relação às crianças, como levar e trazer da escola, ir às reuniões de pais e mestres; como também as incorpora às atividades que lhe são próprias, como a ida ao jogo de futebol ou ao supermercado.

"Minhas crianças vão comigo para o lugar que eu for. Eu gosto da companhia delas. Depois eu achava p^ẽssimo n^ão ter pai para curtir".

Andr^ẽ tamb^ẽm tem um discurso semelhante ao de Fernando, quando diz que s^õ n^ão fez "amamentar" as filhas, mas que participou de forma bastante significativa em tudo, principalmente logo ap^õs o nascimento.

"Eu trocava fraldas, levantava de noite, ajudava no que podia. Ela s^õ fazia amamentar. Eu ajudei demais, muito mesmo e n^ão me queixo n^ão".

Andr^ẽ

Embora bastante semelhantes neste trecho, os dis cursos de Fernando e Andr^ẽ diferenciam-se quando se ultra passa o momento do nascimento. Fernando, por exemplo, de dica grande parte da sua entrevista aos filhos, como tam b^ẽm fala bastante sobre a sua fam^ĩlia de origem. Talvez ele seja, entre todos os informantes, o que equilibra melhor os espa^ços dedicados ã esfera dom^ẽstica e ã esfera p^ublica. O discurso dele ẽ fortemente marcado por uma l^õgica individualista. Assim, a igualdade como ideal pode ser vista n^ão s^õ na sua atua^ço com os filhos, mas, tam b^ẽm, na sua apresenta^ço do que considera casal ideal. A sua atua^ço com as crian^ças ẽ definida em oposi^ço ao que foi por ele vivenciado enquanto filho, fato tamb^ẽm obser^vvado por SALEM (1985:42): "Os novos pais estruturam sua ideologia acerca da maternidade e da paternidade tomando

como modelo negativo o modo como seus próprios pais te
riam, a seus olhos, desempenhado esses papéis".

Pode-se dizer, portanto, que o discurso de Fer
nando é, entre todos, o que se reveste mais fortemente de
uma lógica individualista, onde a preocupação com a igual
dade, pelo menos com relação ao exercício da maternidade
e da paternidade, é uma constante. Entretanto, se isto
não é suficiente para se afirmar uma mudança na organiza
ção familiar, principalmente quando se tem discursos onde
a ambivalência se faz sentir mais fortemente (Cláudio, Ro
berto, Sílvia e Júlio), não se pode concluir, tão pouco,
que ela permanece tal qual foi vivenciadas pelos sujei
tos aqui estudados em suas famílias de origem.

CAP. VI:
CONCLUSÃO

Os homens e mulheres aqui estudados apesar de terem vivenciado conjuntamente alguns aspectos de suas vidas como uma situação de igualdade, bem como terem adotado alguns valores "modernos", apresentam ambivalências, conflitos e desigualdades que foram verificadas através da trajetória de cada um.

A socialização, por exemplo, é um momento onde se pode perceber claramente a diferença homem/mulher. Enquanto os homens são encorajados para se voltarem para a rua, as mulheres são vigiadas e controladas. O incentivo aos estudos, embora recebido por ambos, é interrompido em relação à mulher, quando chega o momento de trabalhar. O que se observa é que a exigência dos pais em relação às filhas circunscreveu-se à entrada na universidade e à conclusão do curso. O momento do casamento é retardado através do controle sobre a vida afetiva-sexual das mulheres, já que o mesmo é visto como impedimento à

conclusão do curso universitário. O que ocorre, é que o casamento traz em si a constituição de uma nova família e neste caso os filhos seriam um forte empecilho à continuação dos estudos, já que ainda permanece o fato de que é a mulher que cabe a educação e os cuidados com os mes

Já para os homens é o bom desempenho profissional, que vai possibilitar a formação do seu grupo domēstico, estando ainda bastante estabelecida a visão do homem como provedor. Portanto, como já foi dito, a socialização feminina é ambígua e descontínua, na medida em que socializa as mulheres para terem uma profissão mas não para exercê-la, iniciando-se neste momento um grande conflito para a mulher.

Entretanto, percebeu-se também que mesmo com uma forte predominância dos valores tradicionais femininos, as mulheres vêm exercendo sua profissão e dizem aguardar o momento em que os filhos cresçam e não precisem mais de seus cuidados para investirem no seu projeto profissional.

O discurso feminino sobre o desempenho profissional é significativamente diferente do discurso masculino. Enquanto os homens falam com desembaraço de suas atividades profissionais e mostram que há uma concordância entre o que pensam ser "um bom profissional" e o seu prôprio desempenho, as mulheres entremeiam seus relatos com

referências a filhos e marido. No que pese haver uma co incidência com a visão masculina sobre o que entendem ser um bom profissional, são bastante críticas em relação a sí próprias, nunca se auto-percebendo como "boas-profissionais". O que ocorre é que o modelo de profissional introjetado é aquele em que a dedicação ao trabalho é absoluta, o que no caso das mulheres seria impossível já que desempenham também a função materna. O que se nota é que, a nível do discurso, as mulheres não relativizam sua posição de mãe. Seria isto um indicador da valorização da esfera pública sobre a esfera privada, ou seria apenas a valorização do aspecto individual (profissão) sobre o complementar (mãe)? Creio que os limites entre esses aspectos mereciam ser investigados para que se possa entender melhor em que consistem, na prática, os valores da agenda individualista. Ainda com relação ao modelo introjetado, valeria a pena ressaltar que o conflito mãe/profissional se dá também na medida em que a referência que se tem do modelo materno é o da mãe de tempo integral, a mãe total.

O discurso masculino por sua vez começa a sugerir um descontentamento com o fato de não participarem mais intensamente da vida doméstica. Esse desejo foi visto principalmente através do discurso que efetuam sobre a ausência paterna por eles vivenciada enquanto filhos. O que será que levou os homens a perceberem esta falta? Será que a participação da mulher na vida pública abriu mais espaço

para o homem na vida doméstica ou, ao contrário, à medida em que a mulher adquiriu um espaço público, aumentou também o seu poder no espaço doméstico e, conseqüentemente, diminuiu o espaço masculino? O que se sabe concretamente sobre a masculinidade? Será que a adoção de valores "modernos" está levando o homem e não só a mulher a busca de uma igualdade maior entre os sexos? Creio que estas reflexões remetem à conclusão de que já é possível começar a falar numa busca igualitária não só por parte das mulheres, mas, também, por parte dos homens e, neste sentido, dois aspectos precisam ser investigados: o primeiro refere-se ao poder no cotidiano familiar e o segundo, à questão da representação da paternidade.

O estudo sobre o poder no cotidiano familiar deverá envolver também os filhos. Será que se pode falar em poder infantil? Ou a autoridade dos pais é subordinadora? O estudo sobre a categoria social da criança, salvo os referentes ao menor abandonado, está todo por ser empreendido. É verdade que tal estudo exige uma metodologia cuidadosa; mas certamente poderia trazer à tona aspectos importantes da natureza do poder na família.

O individualismo enquanto ideologia apresenta em nossa sociedade aspectos bastante curiosos e contraditórios, assim, o exercício maior da individualidade exigiria uma rede de relações complementares, quer seja através da família de origem, quer seja através de amigos ou

de "empregadas domésticas". Isso se dá sobretudo pelo caráter moderno/tradicional do desenvolvimento da nossa sociedade, ainda bastante marcada por valores hierarquizantes. Assim, as transformações ocorridas na família ainda estão longe de serem homogêneas e numa mesma direção. A coexistência de valores modernos e tradicionais dá conta das ambiguidades e dos conflitos por que vêm passando os sujeitos na esfera privada.

As queixas verificadas nos discursos masculino e feminino, entretanto, podem ser vistas como uma busca que cada um dos gêneros tem empreendido no sentido de minimizarem as diferenças de seus papéis, para que possam se exercer melhor enquanto indivíduos, iguais e livres como diz Fernando,

"O casal ideal pe o casal andrógino, esse andrógino aspeado: é aquele pai e aquela mãe que tanto assume a figura de autoridade como a figura de carinho".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, Francisco. Enamoramento e amor. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. A "nova maternidade" : uma ilustração das ambiguidades do processo de modernização da família. In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. (org.). Uma nova família? o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p. 55-67.
- ALVIM, Maria Rosilene et alii. Notas sobre a família: mudança social no Nordeste. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- ARIES, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- BADINTER, Elizabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elizabeth. Um é o outro. Rio de Janeiro, No
va Fronteira, 1986.

BELLAH, R. et alii. Habits of the heart: individualism
and commitment in American life. New York, Perenniae
Library, 1986.

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio
de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

BERGER, Peter & LUCKMANN, T. A construção social da rea-
lidade. Petrópolis, Vozes, 1973.

BOURDIEU, Pierre. Condições de classe e posição de clas-
se. In: AGUIAR, Neuma (org.). Hierarquia em classes
sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

CALABRIA, Francisca Marial C. Barbosa. Profissão e vida
conjugal da mulher. Recife, UFPE/PIMES, 1981. (Tese
de Mestrado apresentada ao Mestrado de Sociologia do
PIMES-UFPE).

CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história
de vida: trabalhando com elites políticas - o dilema so-
ciológico. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janei-
ro, 27(1):5-28, 1984.

CASTRO, Viveiros de & ARAÚJO, Benzaquem de. Romeu e Ju-
lieta e a origem do Estado. In: VELHO, Gilberto (org.)
Sociedade: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janei-
ro, Zahar, 1977.

CHADOROW, N. A estrutura familiar e a personalidade femi-
nina. In: ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. A mulher, a
cultura e a sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra,
1979. p.

- COSTA, Maria Luiza B. de Mello Perez. Família de pobre, família de rico, família de jovem, família de velho: estudo das relações primárias de casais em um contexto urbano. Recife, UFPE, 1982 (Tese de Mestrado em Antropologia Cultural).
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- DAUSTER, Tania. A invenção do amor: amor, sexo e família em camadas médicas urbanas. In: FIGUEIRA, Sêrvulo A. (org.). Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p.99-112.
- DUMONT, Louis. Homo hierarchicus, ensayo sobre el sistema de castas. Madrid, Aguilar, 1970.
- _____. O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURHAN, Eunice. A caminho da cidade. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- _____. A família e a reprodução humana. São Paulo, CEDAC, 1982.
- FAUSTO NETO, Ana Maria Queiroga. A família operária. Petrópolis, Vozes, 1982.
- FIGUEIRA, Sêrvulo Augusto. O contexto social da psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.
- _____. Introdução: psicologismo, psicanálise e ciências sociais na "cultura psicanalítica". In: FIGUEIRA, Sêrvulo. Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.7-13.

FIGUEIRA, Sêrvulo Augusto. Modernização da família e se-
sorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil.
In: FIGUEIRA, Sêrvulo Augusto. Cultura da psicanálise.
São Paulo, Brasiliense, 1985, p.142-6.

_____. O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasi-
leira: notas sobre a dimensão invisível da mudança so-
cial. In: FIGUEIRA, Sêrvulo Augusto. Uma nova famí-
lia? O moderno e o arcaico na família de classe média
brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987, p.11-30.

FRANCHETO, B. & HEILBORN, M. L. (org.). Perspectivas an-
tropológicas da mulher nº 2. Rio de Janeiro, Zahar,
1981.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. 17ª ed. Rio de
Janeiro, José Olympio, 1975.

HEREDIA, Beatriz Alâsia de. A morada da vida: trabalho
familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LEVINSON, Daniel J. Role personality and social structu-
re. In: COSER & ROSENBERG. Sociological theory. 3.ed.
Londres, Macmillan, 1962.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Testemunho de vida: um es-
tudo antropológico de mulheres na velhice. In: FRANCHE-
TO, B. & HEILBORN, M. L. (org.). Perspectivas antropo-
lógicas da mulher nº 2. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

MEDINA, Carlos Alberto. Assim é a nossa família. Revis-
Pais e Filhos, Rio de Janeiro, 14(9):

MENEZES, Isolda. Dinâmica do grupo conjugal; trabalho as-
saliariado ou doméstico da mulher. Fortaleza, 1982.

NICOLACI-DA COSTA, Ana Maria. Família e pedagogia: nostalgia do tradicional ou carência do novo? In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. (org.). Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p.31-42.

_____. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.147-68.

QUEIROZ, Maria Izauro Pereira de. Variação da técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo, 1983. (Coleção Textos, 4).

ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

SALEM, Tania. Famílias em camadas médias: uma perspectiva antropológica. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 21:25-39, jan./jun., 1986.

_____. O ideário do "parto sem dor": uma leitura antropológica. Boletim do Museu Nacional de Antropologia, Rio de Janeiro, 40:1-27, 1983.

_____. O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____. A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto. In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. (org.). Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.34-61.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

NICOLACI-DA COSTA, Ana Maria. Família e pedagogia: nostalgia do tradicional ou carência do novo? In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. (org.). Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. p.31-42.

_____. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.147-68.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. Variação da técnica do gravador no registro da informação viva. São Paulo, 1983. (Coleção Textos, 4).

ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

SALEM, Tania. Famílias em camadas médias: uma perspectiva antropológica. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 21:25-39, jan./jun., 1986.

_____. O ideário do "parto sem dor": uma leitura antropológica. Boletim do Museu Nacional de Antropologia, Rio de Janeiro, 40:1-27, 1983.

_____. O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____. A trajetória do "casal grávido": de sua constituição à revisão de seu projeto. In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. (org.). Cultura da psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985. p.34-61.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SIMMEL, G. On individualism and social forms. Chicago, University of Chicago Press, 1971.

SOUZA, Pêricles Luiz Sales de. Vivências sexuais de um grupo de jovens da Região Metropolitana do Recife, Campinas, UNICAMP, 1983. (Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP-SP).

THIOLLENT, M. Crítica metodológica e investigação social. Petrópolis, Vozes, 1982.

_____. A captação de informações nos dispositivos de pesquisa social: problemas de distorção e relevância. Cadernos do CERU, São Paulo, 16, nov. 1981.

VASCONCELOS, Marilda. Interação homem/mulher no processo de casamento. Recife, UFPE, 1982. (Tese de mestrado em Antropologia).

VELHO, Gilberto. Aliança e casamento na sociedade moderna: separação e amizade em camadas médias urbanas. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 39: 1983.

_____. A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas. In: FIGUEIRA, Sêrvilo A. A cultura da psicanálise. São Paulo, Brasileira, 1985.

_____. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar,

VELHO, Gilberto. Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

ZELDITCH, Morris. Role differentiation in the nuclear family: a comparative study. In: PARSONS & BALES. Family, socialization and interaction process. Rontledge and Kegan Paul, London, 1968.